

... «PARA UMA ECONOMIA NOVA»

Um nosso colaborador disse, há dias, num estudo sobre turismo, que muitos estrangeiros vêm hoje a Portugal «intrigados com os resultados do aparecimento dessa figura misteriosa que, descendo da sua mansão coimbrã com lapis tão afiado, que mais parecia um florete, conseguiu derrotar o famoso deficit».

E, acrescentava o autor do referido estudo, sr. Ortigão Burnay—«intrigados com essa figura que, parecendo a principio um simples tecnico, se está desdobrando num estadista, cheio duma coisa formidável, que não existia em Portugal e que em francês se chama «mesure».

Lembrámo-nos desta imagem feliz, quando ontem á noite assistimos a mais um «desdobramento» da personalidade superior do notavel estadista, que cada vez mais está demonstrando ser o sr. dr. Oliveira Salazar.

De facto, da audição de tão magistral lição sobre materia social, da impressão colhida depois de se ter ouvido colocar com tanta nitidez e com tanta precisão, o problema da posição do trabalhador perante a actual organização economica, dessa impressão, repetimos, salta a noção clara de que estamos em presença de alguém, que sabe aplicar com precisão contra os males sociais da hora presente os necessários remedios em doses certas, justas, precisas.

O sr. dr. Oliveira Salazar que disse «ter mais medo, nos momentos de desvairamento colectivo, dos remedios do que dos males», referiu-se com notavel espirito de justiça, com notavel e clara de noção dose, com notavel e preciso conhecimento dos factos sociais, ao problema do salario, do qual por enquanto não nos poderemos separar, embora se possa voar por sobre as ideias de participação de lucros e outras identicas, e ao problema de o salario necessitar ter não um limite maximo, que se não pode marcar, mas sim um limite minimo, que é necessario um dia definir.

A maneira como foi combatida a realização, entre nós, das grandes habitações colectivas, a maneira como foi defendido o lar, a familia, a propriedade privada, a herança, que permite transmitir aos filhos as economias acumuladas pelos pais, a maneira como foi focada a finalidade que a herança pode ter no campo da previdencia — demonstra que de facto o sr. dr. Oliveira Salazar está á altura da sua missão social na hora que passa e tem perante a infinidade de situações dificeis que surgem a todos os mo-

mentos, uma possibilidade de «desdobramento» que define um homem de Estado.

Sabendo colocar, como ninguem, no campo do pensamento, como no campo das realidades, a posição do Estado perante a Nação, a posição do Estado ao abrigo do contagio e da influencia do super-capitalismo, a posição firme do Estado de maneira a não resvalar nos excessos perigosos do Estado todo poderoso, do Estado produtor maximo, o sr. dr. Oliveira Salazar marcou com nitidez a sua orientação, o fio condutor do seu pensamento, quando disse, que não era uma questão economica que nos separava de outras doutrinas e de outros conceitos do Estado, mas sim era «a ideia de civilização».

Esta «ideia de civilização», este modo de encarar o problema do trabalho, não considerando o trabalhador como uma maquina, como uma engrenagem do Estado, não reconhecendo ao Estado o direito de pôr e dispor dos trabalhadores, deslocando-os, quando necessario, «como rebanhos que acabaram de pastar»; a noção que o sr. dr. Oliveira Salazar tem do trabalho, e a situação que dá ao trabalhador não o tornando independente da familia, o desejo manifestado de ver limitado o trabalho das mulheres e dos menores, a valorização que deseja dar ao lar, como factor de prosperidade economica e social, a maneira como num só discurso se desdobrou tocando admiravelmente e com a precisa sonoridade de todo o teclado social — dão-lhe direito de dizer, dão-lhe direito de afirmar que deseja caminhar para uma economia nova.

A clareza com que define a nossa posição de país, até ha pouco considerado atacadado, e a posição de países considerados progressivos em face da verdadeira economia, a necessidade que demonstrou, um e outros têm de renovar a sua economia; a precisão com que marcou e definiu a posição do sindicato e a sua nova função social; a indicação, que deu, de ser um dos piores males da época presente «a crise do pensamento economico»; a lição que deu, dizendo que muitas vezes as culpas de acto administrativos de homens de Governo são também culpa da falsa e errada noção de economia social que adoptamos—dão-lhe de facto direito a dizer—e forçam a dizer com ele: «nós queremos caminhar para uma economia nova».

A. DE SOUSA GOMES

Devo votar a Constituição

1.º—Porque me garante o livre exercicio da Religião de meus antepassados em que fui educado e na qual me desejo manter e a meus filhos.

2.º—Porque me assegura o direito á casa que meus pais edificaram e respeita a gleba que rego com o suor do meu rosto.

3.º—Porque é a morte dos partidos que tiveram a «Nação a saque» e a ressurreição da verdadeira politica nacional (TUDO PELA NAÇÃO, NADA CONTRA A NAÇÃO).

4.º—Porque Portugal é de todos e não apenas de alguns falsos portugueses.

5.º—Porque, assim como desejo o respeito na familia de que me orgulho de ser chefe, quero respeitada a freguesia, comunidade com meus vizinhos mais proximos, o municipio, o distrito, a provincia e a Nação—comunidade maior de todos quantos tiveram a ventura de nascer Portuguezes.

6.º—Porque desejo o Bem-estar e a prosperidade de quantos trabalham e não a dos mentores que fomentavam greves e revoltas para se governarem.

7.º—Porque desejo legar a meus filhos uma Pátria melhor do que a que me deixaram meus pais.

8.º—Porque a familia, base de toda a sociedade, tem na Constituição a sua garantia seria e eficaz.

9.º—Porque o respeito e a disciplina social são outra vez uma verdade incontestavel.

10.º—Porque desejo a minha Pátria, que muito prezo e amo, respeitada e engrandecida pelas Nações que, antes do 28 de Maio, escarneciam e zombavam de Portugal, a Terra Bemdita que me foi berço e hei-de legar melhor e mais nobilitada aos que vierem após mim.

UNIÃO NACIONAL

As sessões de propaganda do Estado Novo, que se realizam hoje

Às 21 horas de hoje realiza-se na Escola n.º 19, 60, á Boa Hora, a sessão de propaganda organizada pela comissão da Ajuda, com os oradores srs. dr. Henrique Cabrita e Joaquim Lanza.

—As comissões das freguesias de S. Miguel e Santo Estevão, realizam hoje pelas 21,30, na sede da Cantina Escolar de S. Miguel, uma sessão, sendo oradores os srs. dr. Arnaut Pombeiro e major Pedrosa.

—Realiza-se hoje, na sede da Assistência Infantil de S. José, á rua Alves Correia, pelas 21,30, uma sessão organizada pela comissão da freguesia de S. José, na qual usam da palavra os srs. drs. Joaquim Reis Torgal e Zuzarte de Mendonça.

—Às 22 horas, no edificio do Liceu de Camões a anunciada conferencia organizada pela freguesia de S. Sebastião da Pedreira, sendo conferencistas os sr. tenente coronel Linhares de Lima presidente da Camara Municipal de Lisboa, e os srs. drs. Luiz Maria Lopes da Fonseca e José Antonio Marques.

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CRONICA ECONOMICA

A EXPORTAÇÃO PORTUGUESA EM 1932

Mostrámos numa das ultimas crónicas que, embora, o valor da exportação nacional e nacionalizada tivesse baixado de 807.714 contos em 1931 para 788.112 em 1932, houve na realidade um aumento apreciavel nas quantidades totais de mercadorias exportadas.

Apresentamos hoje aos nossos leitores as cifras relativas ás principais mercadorias da nossa exportação.

Nas materias primas de origem vegetal as quantidades exportadas foram as seguintes:

	1931	1932
	(em toneladas)	
Agua-raz.....	1.545	3.196
Cortiça em aparas	33.442	28.749
Cortiça em pranchas.....	16.793	20.823
Cortiça em refugo	18.061	16.515
Cortiça em serradura.....	5.452	5.626
Cortiça virgem...	18.603	18.260
Madeira em esteios para minas....	90.657	268.300
Madeiras não especificadas....	18.724	16.941
Pês louro.....	8.199	14.060

Nesta categoria de produtos registou-se um aumento muito consideravel na exportação de madeira para minas, sendo também interessantes as altas acusadas na saída de agua-raz e de pês louro. A exportação de cortiça, decaiu ligeiramente.

Nas materias primas de origem mineral, (incluindo metais e produtos quimicos) o movimento dos principais artigos exportados foi o seguinte:

	1931	1932
	(em toneladas)	
Lousa em placas..	15.137	15.283
Minerio (pirites),	238.763	202.316
Sucata, limalha ou metralha de ferro e outros metais.....	12.680	22.626
Borra de vinho...	1.596	2.589
Sarro de vinho...	1.185	2.031
Sal comum.....	17.009	55.078

Nesta classe de mercadorias houve também, no seu conjunto, um aumento importante nas quantidades exportadas, sendo digno de nota o que foi registado na exportação do sal.

Nas materias primas convem ainda considerar as modificações acusadas pela pasta de madeira para fabrico de papel, cuja exportação passou de 2.912 toneladas em 1931, para 3.651 em 1932.

Na classe de fios e tecidos, a exportação foi a que seguidamente vai indicada:

	1931	1932
	(em toneladas)	
Tecidos crus.....	72	201
Tecidos tintos e estampados.....	823	1.765
Outros tecidos.....	20	46
Tecidos em obra.....	43	65

Revelam estes numeros um desenvolvimento importante na exportação destes productos.

Nas bebidas, o movimento foi o seguinte:

	1931	1932
	(em decalitros)	
Aguardente..	20.315	20.057
Cerveja.....	57.957	70.895
Vinh. comuns brancos...	541.570	871.410
Vinh. brancos de Colares.....	5.532	5.703
Vinh. comuns tintos.....	1.705.794	1.933.626
Vinhos tintos de Colares.....	30.291	28.420
Vinhos espumosos....	3.712	3.823
Vinhos licorosos.....	300.463	22.880
Vinhos da Madeira... ..	425.756	298.649
Vin. do Porto	4.514.263	4.163.636

Acusam estes numeros um aumento na exportação de cerveja e de vinhos comuns, e uma diminuição na de vinhos generosos.

Os principais dos restantes artigos pertencentes á classe «Substancias ali-

ACTUALIDADES GRAFICAS



Em frente do «Diário da Manhã» — Ouvindo o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar

LÊR na pagina central A conferencia de ontem do sr. dr. Oliveira Salazar

Ler na 5.ª pag. Combate-se o desemprego consumindo productos portugueses

Industria nacional e nacionalizada, entrevista com o sr. dr. Cortez Pinto

por Ruy de Penna

menticias», acusaram o seguinte movimento de exportação:

	1931	1932
	(toneladas)	
Alfarroba.....	13.076	7.325
Amendoas com casca e em miolo.....	4.107	1.547
Ananazes (milhares)	1.368	1.430
Azeite de oliveira ..	1.805	3.933
Conservas de atum.	881	906
Conservas de Sardinhas.....	45.416	44.174
Figos secos.....	2.992	2.367
Hortalças e legumes	4.278	4.003
Uvas	4.288	3.494

Esta classe de produtos fora mais prejudicada pela crise na exportação, sobretudo a alfarroba e a amendoa; o unico aumento importante registado foi o de azeite de oliveira.

Na classe «manufacturas diversas» o movimento dos principais artigos foi o seguinte:

	1931	1932
	(toneladas)	
Cortiça em aglomerados	2.479	2.238
Cortiça em rolhas ..	4.255	4.448
Madeira serrada para caixas ou barris..	18.521	14.121
Madeira serrada em palitos	101	146
Madeira serrada não especificada.....	535	735
Produtos ceramicos	1.804	1.612
Obras diversas de metais.....	866	1.229
Calçado (pares)....	13.591	27.381
Sabão	776	891

Nesta categoria de produtos foram pouco sensíveis as modificações verificadas, sendo porém digno de nota o aumento acusado pela exportação de calçado, o qual atingiu cerca de 100%.

Tendo na devida conta a baixa verificada não só nos valores como nas quantidades das mercadorias exportadas pelos principais países estrangeiros, os resultados da exportação portuguesa em 1932, que acabamos de apresentar resumidamente, não podem deixar de ser considerados muito fisonómicos, embora a exportação de alguns dos principais produtos nacionais tenha sido afectada duramente pela crise económica mundial.

D. M.

Excursões ao Algarve

promovidas pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Em vista da concorrência que tem havido para estas excursões, a C. P. resolveu continuar a efectua-las enquanto houver inscrições suficientes. Todos os sábados, ás 9,15, partirá da estação do Terreiro do Paço uma excursão regressando a Lisboa na terça-feira.

O programa, que é executado em 8 dias, permite visitar os pontos interessantes do Algarve, como sejam: Faro, Tavira, Portimão, Lagos, Silves, Olhão, Estoi, Sagres, Cabo de S. Vicente, Caldas de Monchique, Monchique, Estrada de Saboia, Albufeira, Praia de Rocha, Castro Marim e Vila Real de Santo Antonio.

Preço Esc. 310\$00. A inscrição está aberta no escritório de informações da Companhia na estação do Rossio, 1.º andar—onde o programa completo está patente.

As pessoas residentes na provincia podem inscrever-se nas condições indicadas no cartaz n.º 1862, de 25-1-33 (que concede a aquisição de bilhetes para percursos complementares de ida e volta, com 45 % de redução entre a estação desta Companhia mais próxima da sua residência e o ponto onde se encorporem na excursão) por carta registada, acompanhada da respectiva importância em vale do correio, á ordem da Delegação para o Turismo da C. P., dirigida com 2 dias de antecedência á mesma Delegação—estação do Rossio, 1.º andar, Lisboa—indicando o nome e morada para lhes ser confirmada a inscrição ou qualquer alteração que haja.

A inscrição encerra-se na ante-vepera da partida das excursões, ás 17 horas.

Em todas as estações da Companhia serão dadas informações ao publico sobre estas excursões.

A. GUERREIRO
Cirurgião-Estomatologista pela Escola Dentaria de Paris
Tratamento preventivo da queda dos dentes na Diabetes e Sifilis.
Dentaduras sem chapa, operações completamente insensíveis por anestesia especial.
R. S. PAULO, 26, 2.º—TEL. 2 6974
English Spoken

Camara Municipal de Lisboa

Importantes resoluções tomadas na reunião de ontem pela comissão administrativa

Sob a presidencia do sr. tenente-coronel Henrique Linhares de Lima, reuniu-se ontem, em sessão ordinaria, a comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa, tendo resolvido o seguinte:

Propôr acções judiciais contra a Empresa Concessionaria do Mercado 1.º Dezembro (Carpintaria Mecanica Portuguesa Ltd.ª), para haver desta as importancias das percentagens e outras que á Camara são devidas; de esbulho violento, intentada contra o presidente da Camara, em que é autor Gaspar Abrantes e no processo de demarcação de um terreno sito em Benfica que está sob a jurisdicção municipal, demarcação requerida por Julio de Campos e sua esposa D. Maria das Dores Amores de Campos, ficando o sr. presidente autorizado a outorgar para tudo os necessarios poderes forenses ao Advogado Sindico e Solicitador da Camara; aprovar as actas n.ºs 6, 7 e 8 do Conselho Administrativo de Compras; aprovar a estimativa na importancia de 4.700\$00 elaborada pela 3.ª Repartição para reparações no pavimento terreo da sede da Secção das Contribuições e Impostos dos Paços do Concelho; que para a obra a realizar da ligação do cano de esgoto, entre a Estrada de Benfica com a regueira da Venda Nova, seja transferida a verba de 95.000\$00, destinada a obras no Casal de Sete Rios, inscrita no orçamento sob o n.º 11 art. 95.º alinea b) a importancia de 6.650\$00; aprovar a estimativa na importancia de 12.000\$ para a construção de um estrado desmontavel para o salão do Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII; que de futuro a Inspeção Medica Municipal passe a designar-se Serviço de Saude Municipal, ficando transitoriamente a cargo da 6.ª Repartição, ingressando todo o seu pessoal medico, burocratico e menor no mesmo Serviço, que será chefiado pelo medico municipal mais antigo; que a Inspeção Medica aos funcionarios e pessoal da Camara Municipal seja feita em 4 postos distribuidos pela cidade, abrangendo cada um uma determinada área de forma a facilitar uma boa assistencia clinica; que a secretaria do Serviço de Saude e da Junta Medica Municipal continuem funcionando num dos edificios da Estação Central do Serviço de Limpeza.

Que sejam utilizados os dois postos já existentes, na rua da Boa Vista e em Alcantara para as zonas clinicas que abrangem a parte central e occidental da cidade, cuja extensão será fixada oportunamente pelo respectivo Serviço de Saude; que o Posto Medico do Matadouro, em vista das suas más condições passe a funcionar numa das dependencias da Estação Norte do Serviço de Limpeza; mantendo-se, contudo, o posto de socorros do Matadouro, que tecnicamente ficará subordinado ao Serviço de Saude Municipal (Posto norte); que seja instalado na Estação Oriental do Serviço de Limpeza, rua Direita de Marvila, o posto destinado á zona oriental da cidade; que o vogal do Pelouro da Limpeza Publica fique autorisado a proceder á regulamentação do Serviço de Saude, de modo a que o regulamento passe a ser inserido na organização dos serviços camararios; aplicar a pena de suspensão por 3 meses, aos contribuintes do Mercado 31 de Janeiro, Antonio Rodrigues e seu irmão Americo Rodrigues, occupantes do talho n.º 19 e José Leitão, occupante do talho n.º 16; aprovar a estimativa na importancia de 17.000\$00 para a obra de conservação do Pavilhão de Festas no Parque Eduardo VII; que a partir de 1 de Abril p. f. todos os vendedores ambulantes de leite registados na Camara Municipal de Lisboa sejam obrigados a usar na distribuição aos domicilios, medidas de capacidade de meio litro e dois decilitros e meio devidamente resguardadas deniro de uma caixa metálica apropriada, que as preserve o mais possivel do contacto do ar e das poeiras; que aos contraventores desta disposição sejam applicadas as multas de 50\$00 e 100\$00, respectivamente nas primeira e segundas faltas, sendo a reincidencia no cometimento da falta punida com a suspensão da licença variavel entre 3 e 6 meses; que a 3.ª Repartição por intermedio do respectivo serviço proceda com urgencia ás obras necessarias para a iluminação electrica do salão nobre do Edificio dos Paços do Concelho; aprovar o balancete do Cofre Central do periodo decorrido de 6 a 11 de Março do corrente ano.

Carta de Bragança

Pelo Governo Civil

BRAGANÇA—Conferenciaram com o sr. governador civil os srs. André dos Santos Alves, Sebastião Afonso, Antonio José Pires, Manuel Antonio Delgado, Manuel Garcia, professor João da Cruz, Domingos Pires e Domingos Bernardo Vinhas, capitão Rodolfo de Andrade, Anibal Cruz, director de Finanças do distrito, Anibal Augusto Rodrigues, Augusto Cesar de Carvalho, dr. Daniel José Rodrigues, capitão Amadeu Sá Moraes, capitão José Lúiz da Cruz, presidente do Municipio de Mogadouro, Roque Lopes da Silva, chefe da Repartição de Finanças concelhia, e Manuel de Jesus Pereira, da direcção da Associação Commercial e Industrial de Bragança.

Pela Junta Geral
Trabalha-se com afinco para intensificar a sua acção de assistencia social.

Pela Camara Municipal

Foi resolvido adjudicar a construção do Novo Matadouro Municipal e sem apetrechamento mecanico ás firmas Engenheiros Reunidos, do Porto, e Jules Edelman, de Esbly, França, pelo preço de 727.775\$00, sendo 448.550\$00 para a construção civil e 279.225\$00 para o apetrechamento mecanico.

A respectiva escritura deve ser lavrada em 27 do corrente no notario privado do Municipio.

E' uma obra importantissima, cuja falta de há muito se faz sentir.

Daqui felicitamos vivamente o concelho de Bragança pela efectivação de tal obra e a sua Comissão Administrativa Municipal, da presidencia illustre do sr. major Teofilo Mauricio Constantino de Moraes, pelo seu devotado esforço em prol do progresso moral e material do seu concelho.

Acto plebiscitario para aprovação da Nova Constituição Política da Republica Portuguesa

Continua intensa a propaganda dos principios da Nova Constituição, que mereceu o melhor aplauso de todas as pessoas bem intencionadas.

Tem sido muito notada a enorme differença do processo adoptado nesta campanha eleitoral, em que a acção tem sido dirigida á intelligencia e á consciencia das pessoas, em vez dos antigos processos de corrupção, de triste memoria.

Museu Regional de Bragança

Dentro em breve vai ser oferecido ao nosso Museu, por intermedio do chefe do distrito, um quadro do distinto pintor de arte Tulio Vitorino, que tem conquistado brilhante successo nas suas exposições.

Agressão grave

Já se encontra melhor dos graves ferimentos de que foi vitima o nosso prezado amigo sr. padre Manuel Palmeiro, da vizinha freguesia de Donai.—C.

BEBENDO SALUS
(VIDAGO)
Obtem-se uma boa digestão

CLINICA DO Dr. Ferreira Pires
das Faculdades de PENNSYLVANIA (Philadelphia, E. U. D'A) e de LISBOA
DENTAL SURGEON DO BRITISH HOSPITAL
DOENÇAS DA BOCA, DENTES MAXILARES
F. da Escola Politecnica, 77, 1.º
TELEFONE N. 7380
Especial para classes menos abastadas

De Aveiro ou Espinho a Vizeu pelo Vale do Vouga
é «uma viagem que nunca mais se esquece». Preços de 1.ª classe inferiores aos da antiga II classe—

Cadernos Corporativos

O n.º 4 desta brilhante publicação refere-se largamente ao projecto da Constituição, nos seus aspectos que se relacionam com o ordenamento económico das actividades nacionais.

Merece relevo o artigo que neste numero publica o sr. dr. Marcelo Caetano, com o titulo de «Corporações no Estado, ou Corporações do Estado?», em que lucidamente põe o problema da representação profissional no Estado, em termos de não serem os interesses particulares que dominem o Estado, nem o Estado que se torne a unica fonte e inspiração das actividades.

Os restantes artigos, subscritos pelo director da revista, Augusto da Costa, os nossos camaradas dr. Pestana Reis, dr. João Ameal e Ruy de Lordelo affirmam o conceito de superior orientação nacionalista que desde o seu primeiro numero tem mantido esta revista.

Tubos «Sá»
nunca são CANUDOS

NECROLOGIA

FUNERAIS

Realizam-se, hoje, os seguintes funerais: do sr. Antonio Ricardo Cardoso, ás 14,35 h., do largo D. Rosa, 139-1.º; do sr. Manuel dos Santos Nunes, ás 10, da rua do Salitre, 124-4.º; da sr.ª D. Maria do Carmo Cardoso, ás 13 h., do Hospital de D. Estefania; do sr. Francisco José Ramalho, ás 14, da Avenida da Liberdade, 164-5.º; do sr. Antonio Geraldes Ramos, ás 15 h., da calçada de S. Vicente, 69-3.º; do sr. Antonio da Cunha, ás 14, da travessa do Conde da Ponte, 9-3.º; do sr. Jaime Eugénio de Matos, ás 11 h., da rua Carlos José Barreiros, 27-1.º; e do sr. Evaristo Moreira Gonzalez, ás 14,30 h., do Hospital de S. José.

TELEFONE 489
AGENCIA MAGNO
R. SANTA MARTA, 172-174—LISBOA

Funeraes e Trasladações Joaquim Ferreira Alves
44—Rua Nova da Trindade
Telefone 2 7623
Serviço permanente

FUNERAES
(TELEFONE 1094 N.)
SIMPLES — LUXUOSOS
MARIO MILHEIRO
131, RUA DOS ANJOS, 133
SUCURSAL
R. DO LUMIAR, 24—LISBOA
SERVIÇO PERMANENTE

FIXE A MARCA...
Não sendo
SALUS
(VIDAGO)
Não é a melhor agua mineral

ASSOCIAÇÕES

SINDICATO PROFISSIONAL DOS OPERARIOS MANIPULADORES DE PAO—A comissão administrativa deste Sindicato, na sua reunião de ontem, tomou conhecimento de officios enviados por varios organismos, comunicando a cedencia das suas salas para a realização das sessões publicas de esclarecimento sobre o horário de trabalho e barateamento do preço do pão. Resolveu marcar as datas das seguintes sessões: Grupo Dramático de Belem, dia 21, ás 21 horas; Sindicato dos Ferroviários da Companhia Portuguesa, Rua Arco Marqués de Alegrete, 30, 2.º, E., dia 28, ás 21 horas; Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, dia 4 de Abril, ás 21 horas. Brevemente outras serão anunciadas.

Apreciou também o facto de estarem em luta os operários tanoeiros, por os industriais terem declarado o «lock-out», em virtude dos operários não terem aceito a baixa de 15 e 25 % nos salários.

Foi resolvido protestar junto do sr. ministro do Interior contra a attitude dos industriais e dar todo o apoio moral e material aos operários em luta.

TRIBUNAIS

Boa-Hora

O crime do Alto do Pina

Principiou ontem no 2.º Juizo Criminal o julgamento de Francisco Rodrigues Macieira, Raul Caetano, Adelino Pina dos Reis, Jorge Pina dos Reis, Belchior Augusto e José Dias da Silva, acusados de se terem envolvido em desordem no Alto do Pina, resultado dessa desordem a morte de José Garcia e ferimentos graves em Maria Dias de Oliveira. O julgamento foi interrompido na inquirição das testemunhas para continuar no dia 22 do corrente pelas 12 horas.

Colectivos

Foram julgados: Mario Nunes de Oliveira, acusado dum crime grave, condenado em 2 anos de prisão maior ou 3 anos de degredo e 800\$00.

—Carlos Henriques de Carvalho e José Peres da Silva ou José Moreira da Silva «O José Sapateiro» acusados de terem furtado varios fardos de fazenda numa garage da rua da Palma. Condenados o Carlos em 18 meses de prisão, 4 meses a 10\$00 e 800\$00 e o José Sapateiro em 30 meses de prisão, 9 meses a 1\$00, 800\$00 de imposto e entregue ao Governo.

—José Sebastião Gatinho, acusado dum crime de homicidio frustrado e porte de arma. Absolvido do primeiro crime e condenado pelo 2.º crime em 10 dias de prisão e 800\$00 de imposto.

Julgamentos correcionais

Realizaram-se ontem os seguintes julgamentos: Basilio de Oliveira, furto, 6 meses de prisão 2 meses a 2\$00 e 300\$00; João de Deus, furto, 6 meses de prisão, 1 mês a 1\$00 e 100\$00; José da Costa, dano, 1 mês de prisão e 100\$00, suspensa por 2 anos; Antonio Innocencio Rodrigues, injurias 10 dias de prisão, 5 dias a 2\$00 e 150\$; Palmira das Flores, injurias, 1 mês de prisão, 10 dias a 2\$00 e 100\$00, suspensa por 2 anos; Manuel Lúiz Gomes, dano, 30 dias de prisão e 100\$00; Justino Correia, ferimentos, 20 dias de prisão e 150\$00; Maria da Graça Ribeiro, ferimentos, 30 dias de prisão, 5 dias a 1\$00 e 300\$00 e Maria Emilia Amorim, ferimentos, 15 dias de prisão, 5 dias a 1\$00 e 300\$00.

O «DIÁRIO DA MANHÃ» — vende-se em Tomar — na sua sucursal —

FINALMENTE... SALUS
(VIDAGO)
E' a melhor agua mineral

PETROLE HAHN
CONTRA A QUEDA DO CABELO E A CASPA
Dep. R. de Assumpção, 88, 2.º—Lisboa

FINANÇAS E CONSTITUIÇÃO

Uma notavel conferencia realizada ontem, em Bragança, pelo sr. dr. Aguedo de Oliveira

1.º — O PASSADO

I — Para começar

Minhas senhoras e meus senhores! Um belo dia o grande estadista que foi na vida publica inglesa Balfour proclamou: *Finance is the problem of our time!* A finança é o problema do nosso tempo, traduzo eu. A frase correu Mundo, suscitou reflexões e ecos em todos os cantos e continua em voga, ao ponto que posso começar, escutada nela, a minha palestra desta noite.

O velho lord não quis, por certo, proclamar, uma vez mais, a vassalagem mesquinha e desalantada das comunidades humanas ao dinheiro—tema primaz de predicantes.

O dinheiro foi e será o nervo da guerra e do musculo da paz; tudo quanto se diga ou escreva a este proposito está dito e redito, escrito e reproduzido.

O velho lord queria apenas significar que o sistema dos problemas sociais do nosso tempo não passa, nos fundamentos, duma amalgama de incertezas financeiras, ou, pelo menos, que as finanças desempenham o papel de mola propulsora das questões sociais que ainda hoje aguardam solução. Em qualquer destes lados está a verdade.

Não estranhem pois V. Ex.^{as} que, tendo a Nação de pronunciar-se sobre a admissão dum estatuto que corporiza o sentido juridico do Portugal renovado e progressivo, eu venha falar de finanças, imaginando facil encontrar, á primeira vista, um nexo de intimidade, uma profunda relação de dependencia entre o accidente politico e o incidente financeiro; entre esta manifestação mais da vontade nacional, as contas, os meios e o credito do País; entre a super-estrutura constitucional e o esqueleto da economia do Estado — entre a Constituição e as finanças.

II — Viagem: pouco aprasiavel

Entremos no terreno árido mas que não pode dizer-se esteril. A viagem pouco aprazível que os meus caros ouvintes vão fazer comigo, resumida e quasi cinematograficamente, empreendeu a na realidade das coisas vivas e vividas, ha poucos anos, pela mão de ferro dum dos três ou quatro grandes condutores da humanidade actual, um país intiro: — possivelmente o mais avesso é uma regeneração fulgurante e segura da sua economia publica; possivelmente aquelle onde a desorganização era mais profunda, a penuria do Tesouro mais inquietante, as dificuldades e perturbações da vida financeira mais ameaçadoras e perigosas.

Não é aprazível a viagem, não!

O mecanismo e as rodagens essenciais da vida financeira funcionam muito proximo de cifras—as quais não têm para nós todos tanta poesia como lhes encontrava Pascal e nesta matéria trepam ás vertigens das distancias interplanetarias—ou revestem formulas hirtas e frigiditas como convem á disciplina energica do dinheiro que flui da bolsa do contribuinte para as caixas do Tesouro e daqui arejado e distribuido vai regar os serviços que o Estado presta ao publico, em geral.

Ora não ha imaginação que suavize nem romantismo que doire a triste, limitada e cinzenta cenografia da vida fiscal. O contribuinte puxando da carteira, desatando o lenço, abrindo o cofre ou quebrando o mealheiro onde guarda os cobres e os contos; o Tesouro com a sua côrte aspera de exactores, contabilistas e pagadores; a Nação pela autoridade dos governantes cobrando, administrando e distribuindo representam sempre e por igual o mesmo drama—o drama do contribuinte que paga, do funcionario que liquida e promove e do Governo que arrecada e mais justamente e melhor distribui, e a quem por isso o nosso povinho cognominava de «pai de todos».

O grande publico tem uma visão ingenua e romantizada destas coisas. Em dois anos e tal de permanencia constante no Ministerio das Finanças eu sei que muita gente—quasi toda a

gente—me julga sobrenadando a custo, prestes a afogar-me, em tabelas e cifras, ou passando a vida a abrir e fechar os cofres atulhados como se ali só houvesse maquinaria estatística e arcas de segredo e as nossas funções se limitassem ao desenvolvimento de operações algebraicas e de simples claviculário. A pesar-disto tudo, talvez eu possa falar de finanças, aqui esta noite, sem fazer bailar as cifras nem ficarem com a impressão de que ouvirem ranger os gonzos da casa forte do Bancos emissor.

Vou tentá-lo.

III — O risco corrido

Tendo de evocar um pouco o desregramento em que vivemos até ha cinco anos, de fazer referencia á receita, dosagem e applicação dos remedios empregados para debelar os males de que economicamente enfermava o País, de constatar os resultados obtidos e examinar as disposições tomadas pela nova Constituição, tendentes a evitar os erros e a consolidar os beneficios e melhorias conquistados, não posso deixar de socorrer-me da representação do caos que viria a dar-se e não se deu, caso, em boa hora, não tivesse sido iniciada a regeneração dos nossos habitos financeiros. Assentou esta no sacrificio fiscal e só por meio dele pode perdurar.

Mas tal sacrificio era indispensavel por dois motivos essenciais que eu peço aos que me escutam para não perderem de atenção, durante o desenrolar das minhas observações.

Em primeiro lugar, porque sem sacrificio do país contribuinte cairiamos na bancarrota de que andavamos proximo. A politica de compressão violenta das despesas é uma illusão em país mal apetrechado e que pagava com estreiteza aos seus servidores e que, nunca poderia como não pôde, senão em reduzido concurso, melhorar as condições gerais á custa de forçadas economias. Nenhum financeiro responsável pretenderia resolver os nossos problemas só por esse lado.

Estivemos á beira do abismo da falencia—o mesmo é que prestes ao repudio dos compromissos tomados, á denegação das obrigações assumidas. A tanto nos levaram o recurso sistematico aos meios contra indicados. Por pouco não se pagou, como na Austria e na Alemanha, o maço de cigarros pela factura usual dum automovel. Não tardou mesmo nada que a deminuição do poder de consumo e a ausencia de credito publico não levasse o Mundo do trabalho, as grandes massas, para as sublevações, as greves, as revoltas a anarquia enfim.

Ora quando a morte espreita, a medicina não se confina em panaceias, a incisão cirurgica impõe-se, havendo porém que recorrer a operador consciente e qualificado e não que bater á porta dos figaros de aldeia!

Em segundo lugar—sem a regeneração financeira, sem uma mutação radical nos habitos administrativos, era praticamente impossivel recorrer ao credito, encontrar a base moral indispensavel para tentar a reforma economica que se recomendava e apetrechar o País com aquilo de que carecia. Governantes e governados o reclamavam havia muito, desde sempre quasi, mas nem os primeiros se dispunham corajosamente a enfrentar as realidades, nem os segundos se dispunham a pagar pelo seu justo preço o custo do progresso material do País.

Sem a regeneração financeira pois—impossivel abrir estradas, conservá-las, alcatroá-las; impossivel desenvolver a rede ferroviaria, rasgar portos, ressurgir a Marinha de Guerra; impossivel dotar de lés a lés com fontes, escolas, cemiterios, comunicações e iluminação; melhoramentos, tantas e tantas vezes, prometidos jamais recebidos!

Sem ela o capital nacional não seria poupado e três ou quatro anos seriam bastantes para á nossa volta e oferecer apenas o sombrio perfil das ruínas e desolação que as paginas bíblicas oferecem para teatro de expiação das raças amaldiçoadas.

IV — Pressupostos de ordem politica

Minhas Senhoras, e Meus Senhores:

A reconstrução financeira dum País que vimos ameaçado de falencia, a renovação económica dum vetusto e imponente Imperio Colonial como o nosso, não cabem, a não ser literariamente, na teoria do milagre colectivo. Nem mesmo podiam ser levadas a bom termo, dentro dos antigos quadros de desordem politica, porque requeriam: um conjunto de condições, de capacidade, autoridade e estababilidade governativa, que as idéias e os factos tornaram incompatíveis com o antigo regime de divisão civil e poder precário. Pela natureza das coisas esse regime era antipoda da salvação nacional.

Com Governos instáveis, fracos, vivendo de favores da praça pública, desfalcados ou restritos no poder que lhes incumbia de formular ordens e fazê-las cumprir, não seria possivel reorganizar, moralizar e tornar efficientes os grandes serviços de utilidade indistinta, quer financeiros, quer sociais, como as necessidades portuguesas, calamitosamente impunham e á razão fria e suprema do Estado aconselhava.

Creio mesmo que as tendências irremovíveis do direito publico hodierno, a experiencia das nações em estado de crise, seriam suficientes para explicar, por si só, os factos politicos portugueses dos ultimos anos—se um largo plano de regeneração económica, politica e social não justificasse cabalmente aos olhos do Mundo civilizado todos os actos governativos de 28 de Maio de 1926 até hoje.

Desta maneira o esforço tentado, que redundou em successo, pode apontar-se como um exemplo sem precedentes na historia do nosso País, émulo de formosissimas paginas que referem a tradicional coragem financeira do povo britânico, e que surpreendem os observadores estrangeiros mais desprevenidos.

Simplemente o que o povo inglês alcança com os meios politicos que lhe são peculiares lográmo-lo nós, por honrosa excepção ao nosso proverbial desregramento, mercê do recurso aos metodos de governação forte com assento num unitario estado de consciencia nacional.

V — A Herança

Reparem v. ex.^{as} qual a herança encontrada antes da nossa regeneração financeira e que infelizmente não podia receber-se a beneficio de inventario—o Estado tem uma moral economica mais delicada ainda que a dos homens de bem.

A gestão anterior á renovação financeira, encetada em 27 de Abril de 1928 caracterizada-se pelo dominio dos governantes amadores, desconhecedores da tecnica financeira e incapazes, reparavelmente, da montagem de um controle positivo sobre os serviços. Mais até: as questões e os problemas politico-economicos collocavam-se e solucionavam-se contra os votos expressos dos especialistas e os desejos manifestos da minoria intelectual responsável do País—sempre Portugal dispôs de uma «élite» qualificada superior ás suas responsabilidades demograficas. Por vezes mesmo os criterios adoptados revelaram-se contraditorios dos ideais politicos e sociais da maioria activa do País. Era o tempo em que um politico rude podia exclamar por entre gerais aplausos:—A Patria e a Republica estão perdidas se persistirmos no culto das incompetencias!

Mesmo sem conhecimentos especiaes, sem o poder de analise requerido pelo fenomeno financeiro, a grande massa activa, o infundavel numero dos que pretendem produzir melhor para consumir mais, não podia aprovar, por contraria mesmo aos seus interesses, uma administração financeira que estiolando e arruinando o credito nacional tornava praticamente inviavel todo o intento de governação séria.

Desordem permanente na politica e na administração — desordem permanente nas finanças!

Que outra coisa poderia chamar-se quando se viviam anos seguidos em

regime de duodecimos provisórios? quando se não discutiam os orçamentos, quando se até ao empirismo de prorrogar a validade de orçamentos anteriores?

Porque sem orçamento, ou com a sua sombra—o orçamento é o exame de consciencia da administração publica—pode supor-se facilmente o que seria o resto; o cancro roedor do deficit agudo e crónico, a inflação epilética por todos os meios e todas as formas, mas sempre com repercussões desastrosas nos mercados e em prejuizo das economias particulares. Em seis anos as contas publicas fecham com um saldo negativo de 30 milhões de libras esterlinas, pelo cambio medio.

Para onde marchou toda essa formidavel massa de riqueza consumida? Raras e nenhuma obra de fomento se fizeram, antes, sem reparação, se deixou desgastar até á inutilização uma grande parte do capital publico e a utensilagem nacional.

Donde saíram os milhões malbaratados? De operações de consolidação? por forma nenhuma! Saíram—como se fóra possivel forçar um *in pace*—estampando-se, a torto e a direito, ás claras e ás ocultas, notas sobre notas, na impressão do banco emissor, absorvendo-se, desta sorte, os frutos acumulados da poupança nacional com juro de 10 % em bilhetes e suprimimentos de uma divida flutuante patologicamente hipertrofiada, que tanta falta faziam a uma agricultura pouco unificada de capitais e a uma industria cada vez mais precisada de fundos.

Não havia contas. Minguado controle ou raro julgamento quando os havia. Cito a tal respeito um só exemplo—acêrca dos bairros sociais que a Ditadura melhorou e acabou não existem livros, nem faturas, nem documentos, nem um ligeiro apontamento de despesa. Os meus ouvintes digam-me, se sabem, como é possivel assim sindicarem e castigar os seus responsaveis!

Economica e administrativamente um desastre, juridicamente a gestão anterior á renovação financeira pode classificar-se de catastrophica. Portugal entrou na Grande Guerra, mas ao contrario de muitas nações neutras, não colectou os lucros altos e imorais dos que á sua custa se locupletaram. Nas despesas então fez-se politica demagogica, muito especialmente após o Armisticio—em dez anos uma legião de 5.552 funcionarios improvisados batiam á porta e instalavam-se no Estado paternalista, tal como na Roma antiga esfaimadas clientelas usavam aguardar a esportula do quirite prodigo que pelo seu sustento nada mais lhes exigia senão lisonja.

Tornaram-se então possiveis as grandes burlas, as falcatruas ruidosas, as especulações aventureiras e torpes, á sombra do minguado credito que restava ao País. Uma revalorização subita e insensata do escudo agravou males, suscitou outros e ainda hoje faz sentir seus tristes efeitos á mistura com as desastrosas consequências da crise mundial.

Enfim, todo o largo cortejo dos erros funestos, mas classicos, que são o complemento fatal duma administração de amadores, e duma governação pusilanime nas finanças, a qual não desafogando nem melhorando o presente compromete irremediavelmente o futuro.

2.º — O PRESENTE

VI — O Animador

Obtidas portanto as condições politicas previas, favoraveis, na hora propria, surgiu o homem indispensavel que encarna a salvação dos países em crise e que aparece quasi sempre, quando as nações com um passado renunciam ao suicidio, recorrendo ás ultimas reservas do seu instinto de conservação.

Vinha da Universidade de Coimbra—por tantos titulos vetusta e respeitavel—e do alto da sua cadeira professara sempre a verdade financeira e economica.

Sabe-se o que é hoje o ministro das Finanças ideal—um homem publico austero e integro como nenhum, um

economista e tecnico financeiro superior a todos. Que longe não andamos dos simples profissionais da politica, ou dos amadores e empiricos, gente sem os conhecimentos precisos, destituídos de coragem para arcar com as mais tremendas responsabilidades, gente imprudente no preciosismo ridiculo de descobrir o El-Dorado com uma fórmula! Ao dr. Oliveira Salazar, o salvador das finanças portuguesas—e que é hoje um homem novo, europeu inconfundivel—recomendavam-no, além daquelas qualidades, muitas outras. Catedratico distintissimo como Seligman e Jéze, reformador da grande marca dos Von Miquel e dos Gladstone, energico, incisivo, infatigavel como Mussolini, duma arripante hiperlucidez no conhecimento dos accidentes da vida do Estado, tudo temperando com o sentimento profundo das realidades portuguesas, subordinando á regra beneditina de bem servir, só neste conjunto excepcional se poderá encontrar a explicação dum prestigio e duma actuação igualavel apenas pelos ministros do *Grand-siècle*.

Em Maio de 1928 inaugurou a nova politica financeira—desde então a mão firme do ministro das Finanças, dr. Oliveira Salazar guia o leme da nau do Estado, através de todas as procelas, sempre por segura rota. Todo o dominio infundavel das Finanças, nos quatro grandes sectores das despesas, receitas, credito publico e orçamento, receberam o influxo reformador que os separou da desordem, da ruina e da mentira, pelo encontro da solução correcta, perfeita, clara e rigorosa dos respectivos problemas.

VII — As despesas

Neste ponto a situação afigurava-se particularmente delicada e emmaranhada de dificuldades. Por um lado impunha-se trazer os gastos ao nivel das receitas, mercê dum esforço violento de compressão, mas sem que padecessem as exigencias essenciais dos serviços. Por outro, em contrario, o acrescimo continuo das necessidades publicas num país fracamente dotado e precisando de se pôr em dia no concerto civilizado, tendia, irresistivelmente, a acrescentar os encargos gerais da Nação. Fizeram-se de 1928 para cá economias avultadas—no primeiro ano atingiram mesmo 140.000 contos—concentrando os serviços, simplificando-os e moralizando-os. Dotaram-se melhor os que precisavam de maiores verbas. Criaram-se os serviços novos absolutamente precisos. Um exemplo: as nossas estatísticas, que eram das mais atrazadas e incompletas, figuram hoje á cabeça dos grandes países nos numeros oficiais da Sociedade das Nações. Levaram-se a cabo, criteriosamente, as grandes obras de fomento e as consequentes operações de credito reprodutivo—criando-se uma rede de estradas modernas que nada deixam a desejar, apetrechando os portos e os caminhos de ferro, alargando as matas, indo a caminho de reconstituir em três anos a Marinha de Guerra, valorizando integralmente o solo e devendo em breve ser levada a cabo a electrificação total no País.

VIII — As Receitas

Remodelaram-se sem quebra de produtividade, dentro da possivel justiça, os processos de distribuição da carga fiscal. Pretendeu-se e conseguiu-se, tirar a maxima utilidade nacional com o minimo sacrificio. Como se classificaram melhor as despesas tambem se graduaram mais rigorosamente as receitas. Tomou-se em conta a capacidade de pagamento do contribuinte. Pela reforma tributária de Abril de 1929 tudo isto se fez sem exagero e deperequações gritantes, estabelecendo-se uma suave ponte de passagem para o sistematico imposto de rendimento que virá no momento proprio e se considera, com unanimidade, o corado moderno do edificio fiscal e do Estado Moderno.

Leis successivas remodelaram os impostos sobre a circulação e o consumo da riqueza, e bem assim aperfeiçoaram a organica e a tecnica de todos os serviços de lançamento e arrecadação.

FINANÇAS E CONSTITUIÇÃO

abrangendo o contencioso e a cobrança coerciva. Criou-se uma Inspeção Geral de Finanças que a pratica tem demonstrado sobejamente util na extirpação de abusos, no melhoramento da distribuição e arrecadação de impostos e taxas.

Por fim foram revistas, modificadas as pautas aduaneiras sempre á luz do interesse nacional— que figuram no conjunto das entradas publicas com uma percentagem de 40%—no sentido dum proteccionismo são, mas limitado pelo caracter agrario da economia portuguesa.

IX—O Credito Publico

Neste particular, tão desorientada e desconforme com os principios era a politica anteriormente seguida, que chega a parecer qua as classes dirigentes nunca puseram com consciencia o problema—até que ponto é legitimo, em cada caso, o recurso ao credito interno e externo da Nação? Mas é o que se está fazendo impecavelmente. Como medida eficaz de saneamento, a divida flutuante, que constituia uma ameaça grave para o Tesouro e uma armadilha mortifera para o capital nacional reduziu-se aos limites normais de volume e juro. Pagou-se toda a divida flutuante externa. Pagou-se e consolidou-se, reduzindo-a aos limites proprios, a divida flutuante interna. Normalizaram-se os pagamentos da divida fundada externa. Emitiram-se com redobrado exito os emprestimos de consolidação e para portos. Reformou-se a Junta do Credito Publico e reorganizaram-se todos os serviços da divida. Constituíram-se no estrangeiro depositos e creditos para reforço do fundo de manobra composto de ouro ou de creditos solidos sobre o estrangeiro.

Libertando-se os capitais do emprego em bilhetes do Tesouro e do recurso imoderado dos Governos aos creditos abertos no Banco de Portugal e Caixa Geral de Depositos, obteve-se uma taxa natural e baixa no mercado do dinheiro e pôde criar-se uma instituição de credito, a Caixa Nacional, que, só em dois anos, pôs ao serviço da agricultura e da industria acima de 200.000 contos e os descontos no banco emissor podiam subir alem de metade desta soma.

X—O Orçamento

O orçamento até 1928 não era uma prestação de contas, antecipada, formal e seria de quem governa a quem paga. Era quasi sempre um documento tecnicamente inseguro, politicamente irregular. Nem possuia universalidade, nem especialidade, menos ainda a verdade precisa nas suas rubricas confrontadas com as suas verbas. Não era mesmo um programa de acção, porque entre a concepção, apresentação e execução, medevam os abismos de ordem politica e juridica.

A mutação foi completa. Da reforma orçamental de 1928 em diante, o orçamento passou a ser a base seria e inofismavel da actividade do Estado facilmente legivel no aparato científico, absolutamente controlável pelas contas de gestão.

O deficit foi extinto e o equilibrio orçamental—porque não basta apurar um excedente—ficou ao abrigo de qualquer contingencia seria ou imprevisita. Saldos positivos apreciaveis fecham anualmente as contas de gerencia, confirmando as previsões do ministro e não iludindo a confiança ilimitada que lhe é prestada pelo País.

Criou-se a Intendencia Geral do Orçamento, remodelou-se numa orientação perfeita toda a contabilidade publica, deu-se ao alto Tribunal de Contas uma independencia e uma eficiencia de fiscalização que nunca teve neste País e de que se não encontra facil exemplo no estrangeiro.

Sob o vendaval desfeito da crise mundial tomaram-se oportunamente—e não á maneira inglesa sob a instante pressão das fatalidades economicas—medidas de redução no custo dos serviços indivisiveis e disposições complementares de receitas, por meio de um imposto sobre os ordenados.

A despeito das calamidades que desabaram sobre o Mundo civilizado e que perturbam a nossa economia, Portugal é dos raros países que mantêm as suas finanças em equilibrio e nesse ponto, como asseverava o Observer de Londres, dá lições á nobre Inglaterra.

XI—A Reforma Monetaria e a transformação do Banco emissor

Em 30 de Junho de 1931 reformou-se de cima a baixo o Banco emissor o qual estava longe de desempenhar uma função positiva e reguladora no mercado dos capitais. O Banco de Portugal, de sérias e honradas tradições, com um altissimo standing no credito mundial, ficou a ser uma instituição solidissima, caminhando para um autentico Banco de banqueiros, com interferencia util e decisiva na circulação da moeda e dos valores.

As suas reservas em ouro e em titulos negociaveis de primeira ordem, o volume das suas transacções, aumentam de dia para dia, por forma surpreendente, acentuando-se esse acrescimo nestes ultimos e perturbados tempos de declive do valor da libra esterlina, de tremura de todas as moedas e queda catastrophica do dolar.

Salta manifestamente aos olhos, ao encarar-se a situação do Banco, a atracção exercida quer no capital estrangeiro que se interessa cada vez mais nós, quer no capital português expatriado ou simplesmente errante.

Além de que o poder comprador da moeda—escudo mantem-se estavel nos mercados internos e até na maioria apreciavel dos mercados externos—2/3 pelo menos—onde a libra, que tem curso legal entre nós, domina, de preferencia ao franco e ao dolar.

Alcançou-se isto, dispensando, ao contrario da maioria dos países, a abertura de creditos a curto prazo e singularmente onerosos, mendigados em praças estranhas. Estabilizou-se a moeda e reformou-se o Banco emissor que é hoje um dos mais solidos do Mundo com os proprios recursos—com a «prata da casa» como diz a locução popular.

3.º—O FUTURO

XII—O Estatuto Juridico no Novo Estado

Uma obra deste vulto que inteiramente nos reabilita aos olhos do Mundo civilizado e nos assegura um lugar na vanguarda do concerto das nações, não deve ficar á mercê duma imprudencia governativa ou sujeita a qualquer contingencia de ordem economica. Parece natural que se cerque de ga-

rantias e cautelas, de sorte que o patrimonio moral inestimavel que representa o bom nome e o credito, possa ser conservado integro e inatacavel e como tal transmitido ás gerações vindouras.

O projecto da Constituição a aprovar plebiscitariamente em breves dias e que eu suponho o nosso querido distrito votará em massa, contém disposições—as dos artigos 4.º, 5.º, 93.º, 108.º, 31.º, 114.º, 6.º, 8.º, 129.º e 13.º—que hão-de servir de barreira e impedimento ás fantasias e prodigalidades dos que amanhã nos governem. E' como se a sanidade das nossas finanças, a preciosidade do nosso credito, fôsem vinculo deste povo, fôsem o casal de familia instituido pela geração presente a legar perfeito e inteiro aos que nos sucederem.

A China tem uma Constituição e nós também tinhamos uma. Não sei onde os seus maiores amigos pareciam os seus mais encarniçados inimigos. Não sei onde o fetichismo constitucional seria mais instrumento politico do que tradução do sentimento juridico da colectividade.

Não sei se entre nós se Sei que vamos ter uma definição nos-

sa, nacional, bem portuguesa da nova ordem de coisas politicas. Sei que o projecto de Constituição articula e consolida as aspirações dum Portugal renovado e que enfim temos um Estatuto Constitucional que não é á brasileira, nem á francesa, nem á inglesa., é portuguesa—espelho de tradições nobiliárquicas da raça, empeço de velhos erros, crisol de novas aspirações.

XIII—Sanidade e clareza da vida financeira futura

A análise das disposições citadas o que nelas representa pura inovação o que no confronto com alguns dos preceitos pertencentes á Constituição de 1911 significava mias-valia adquirida; levar-nos-ia muito longe, estando fora do ambito duma palestra. V. Ex.ª tiveram a desvanecedora amabilidade de vir ouvir-me e eu tenho o estrito dever de não os maçar mais alem do usual destas coisas. Mas vale a pena dar meia duzia de topicos ligeiros da materia constitucional financeira posta a sufragio.

O projecto de Constituição estabelece o principio de unidade e universalidade do orçamento, consigna como regra de administração a necessidade do equilibrio orçamental, assina os limites saudaveis do recurso ao emprestimo, coloca em materia de dinheiros publicos o ministro das Finanças em situação privilegiada, assegurando-lhe supremacia orçamental, reduz ao minimo a iniciativa parlamentar em materia de despesas—fonte sempiterna do escandalo e desregramento—atribui ao corpo legislativo a facultade de emanar as grandes regras de organização juridica das receitas.

A que se resume tudo isto? A um certo numero de disposições corajosas tendentes a extirpar por um lado os maus habitos de administração longamente implantados neste povo e que se traduziam, até ha poucos anos, no «deficit» agudo e cronico quasi irreductivel e a subordinar por outro a nossa vida financeira aos grandes ideais da sanidade e da clareza.

XIV—Conclusão

Graças ao apelo esclarecido dum chefe, á dedicação e sacrificio dum País confiante e corajoso, alcançou-se uma situação inexcédivel—invejavel mesmo. Constantes panegiricos dos cientistas, frequentes propostas de emprestimo externo em suaves condições, a cotação alta e firme dos nossos titulos, os capitais estrangeiros que demandam as empresas nacionais, a repatriação dos capitais proprios, a reputação de que Portugal pode pagar e tem contas lisas, mostram á saciedade, que nada precisamos de pedir, menos de mendigar, e que a confiança adquirida nas duras imposições dos sacrificios financeiros é hoje a principal garantia dum futuro melhor, podendo nós legar aos vindouros um grande imperio colonial transformado e modernizado, onde, como asseverava o poeta, é doce viver.

Perante o cataclismo que sacode o Mundo com inauditas violencias, Portugal com seu pequeno numero de desempregados—talvez a menor percentagem dos países civilizados—e o reduzido grupo de empresas em liquidação, com o seu plano de grande fomento em palpitante execução surpreende e abisma todos os observadores estranhos ou os que nos visitam, até aqueles que nos desconheciam antes de 1928. Por agora, parecem estes os optimos frutos da obra de renovação financeira e economica já realizada. Porém as gerações que vierem, a cuja ideia se tornam leves todos os sacrificios realizados, e julgam semenos quaisquer considerações politicas ou sociais, encontrarão, por certo, incomparavelmente mais virtudes—por que para elas, em boa hora, se trabalhou e sofreu.

Vou terminar. Creio que não fica mal a uma pessoa avessa como eu a citações e que me dispensei de reproduzir o muito que outros disseram e escreveram sobre os temas debatidos desta noite, acabar do modo que comecei, por uma frase alheia, a do professor italiano Frederico Flora. Reza assim— os resultados das vitorias financeiras como os das vitorias militares não pertencem á cronica, pertencem á Historia. Tenho dito.

GENERAL PRIMO DE RIVERA

Na igreja dos Martires, rezou-se ontem uma missa por sua alma

Mandada dizer por um grupo de espanhoes residentes em Lisboa, rezou-se ontem na igreja dos Martires, uma missa por alma do general Primo de Rivera. No altar-mór encontravam-se os 23 deportados espanhoes evadidos de Villa Cisneros, e que fixaram residencia em Portugal.

Assistiram ao piedoso acto muitas pessoas de destaque na colonia espanhola e portuguesas.

Em Madrid, os extremistas provocam tumultos

MADRID, 16.—Comemorando o aniversario da morte do general Primo de Rivera, realizou-se hoje uma romagem de mais de 1.000 pessoas ao cemiterio de Santo Izidro, em Madrid, sendo depositos muitos ramos de flores sobre o tumulo do falecido ditador espanhol.

Quando os manifestantes debandavam já no final da cerimonia, aproximou-se deles um grupo de extremistas em atitude de tal maneira aggressiva que um deles disparou um tiro de pistola, provocando tumulto e correrias.

Intervio a Policia que fez fogo repetidamente sobre os discolos pondosos em debandada, resultando ficar um ferido.

Poram presos sete dos quais cinco são comunistas.

Um dos presos é José Blanez que esteve refugiado em Portugal por ter atentado contra a integridade da cabeleira do deputado catalão Ventura y Cassols.—United Press.

REFRIGERANTES

Máquinas para fabrico de Guaraná, vinho espumoso, pirolitos, gazozas, etc. Formulas tecnicas. Preços em conta. Importação directa. Pedidos ao representante.

M. C. Esteves — Rocio, 93 1.º, D1 — LISBOA

UM PASSEIO FLUVIAL NO TEJO

no dia da chegada do «Gonçalo Velho»

A Comissão de Assistencia aos Tuberculosos da Armada promove, para o dia da chegada do «Gonçalo Velho», um passeio á barra no excelente vapor «Tejo» da Parçaria dos Vapores Lisboenses, que conduzirá a magnifica Banda da Armada.

O produto liquido das entradas a bordo reverte a favor do fundo da mesma assistencia.

Haverá bufete a bordo. O dia e hora da partida da ponte da Parçaria serão anunciadas com a devida antecedencia.

O preço dos bilhetes é de 10\$00 esc. e estes encontram-se á venda nas chapelarias Julio Cesar dos Santos, no Rossio 19 e no Largo do Corpo Santo, alfaiataria Nunes Correia, na rua Augusta 250 e na papelaria Viuva Marques, da rua do Ouro, 36.

CAPISTRANO & FERREIRA BOMBARRAL

Horario das Carreiras de Auto-Oars

Carreira	Horas de partida
Lisboa-Leiria.....	7,00 e 14,30
Lisboa, Nazaré, Alcobaca.	8,30, 16,30 e 18,30
Lisboa-Peniche.....	17,30
Leiria-Lisboa.....	6,30 e 15,00
Leiria-Bombarral.....	18,00
Alcobaca, Nazaré, Lisboa.	6,00, 10,00 e 14,30
Peniche-Lisboa.....	7,00
Bombarral-Leiria.....	7,30

(L. de S. Domingos, 11 Letra A (Palacio Conde de Almada), Telef. 21663

B A T A T A
PARA SEMENTE
 Francesa Chardonne Holandesa Bevelander e Kruger
 LEGITIMAS DA ORIGEM
 AS MELHORES AOS MELHORES PREÇOS
A. MORAIS NASCIMENTO, LTD.ª
 Calç. S. Francisco; 15-1.º—LISBOA Telef. 24700

AOS AMADORES DE LIVROS
 Catalogo geral da LIVRARIA PENINSULAR
 4.000 obras diversas sobre todos os conhecimentos humanos. Milhares de livros raros curiosos, nacionais e estrangeiros, novos e usados. Preços de occasião. Este catalogo será enviado a todas as pessoas que nos remeterem um escudo em selos para despesas de correio.
 Pedidos á LIVRARIA PENINSULAR
 RUA POÇO DOS NEGROS, 79—LISBOA

POMBOS CORREIOS

O Conselho Técnico da Sociedade Columbófila do Centro de Portugal, pede a quem recolher os pombos portadores das anilhas officiais, 108591, 51821, 154361, 69009, 106590, 31939, 159399, 159316, 159315, 102938, 168405, 69122, 40923, 175551, 175552, 174640, 162165, 167561, 154391, 41360, 61892, 86757, 88768, 95329, 95331, 95336, 98257, 148730, 154913, 154905, 102938 e de rebite 2453 F. C. P., 14367 F. C. P., 10276 F. C. P., 14343 F. C. P., 12952 F. C. P. o favor de comunicar o seu paradeiro para a sede da Sociedade, Calçada de S. Vicente, 38-A.

CAMPINO
 Peçam esta finissima Bolacha da FABRICA CONFIANÇA

MARÉS—Dia 17
 PRETAMAR: Manhã, ás 6,30; tarde, ás 18,50. BAIKAMAR: manhã, ás 05; tarde, ás 12,15.

368
400.000\$00

O bilhete (vinte vigesimos) do numero 368 que ontem saiu com a sorte grande foi vendido na casa Travassos, rua da Palma n.º 43. (Na lotaria de ontem a Misericórdia emitiu alem do bilhete, mais um vigesimo de cada numero, não tendo sido vendido nesta casa esse vigesimo suplementar).

A casa Travassos, que de ha muitos anos é das incluídas no numero das mais felizes na venda de sortes e premios grandes, tem sempre abundante sortido de numeros e vende pelos melhores preços do mercado.

Esta casa só anuncia a venda de sortes e premios grandes quando os vende, e nem sempre que os vende os anuncia.

Três mil contos
Trezentos contos
Cinquenta contos

são estes os três premios maiores da «Grandes lotaria de Santo Antonio, que se realiza a 9 de Junho, para a qual já tem á venda: bilhetes a 800\$00; meios a 400\$00; quartos a 200\$00; decimos a 80\$00 e vigesimos a 40\$00.

Tambem haverá cautelas a 11\$00 e 21\$00.

Foi esta casa que vendeu a sorte grande de igual lotaria do ano anterior.

Fornece para revenda e particulares, para a provincia, lhas e Africa, etc. Os pedidos devem ser dirigidos a Manuel Martins Travassos, rua da Palma, 43, Lisboa. (Tem filial na rua da Prata, n.º 65).

VENDA DE SOLIPEDES

O Conselho Administrativo do Regimento de Infantaria n.º 1 faz publico de que no dia 25 do corrente pelas 15 horas e na parada do aludido quartel, se procederá á venda em leilão de 4 cavalos julgados incapazes para o serviço do Exército.

Quartel em Belem, 16 de Março de 1933.

O Tesoureiro,
João Lopes
capitão

CRUZADA DO TRABALHO NACIONAL

COMBATE-SE O DESEMPREGO CONSUMINDO PRODUTOS PORTUGUESES

Necessidade de legislar no sentido de definir o que é industria nacional e industria nacionalizada
Entrevista com o sr. dr. Cortez Pinto

«Deminuindo em 50 mil contos a importação dos produtos manufacturados, garantimos a colocação de 5 mil desempregados»

Na vida industrial do País, o nome do sr. dr. Francisco Cortez Pinto, director dos Laboratorios «Sanitas», é um nome justamente consagrado—um nome que representa a afirmação dum grande valor industrial, não só pela importancia da sua industria, das mais progressivas, mas principalmente pelo que essa industria revela como organização perfeita de trabalho nacional.

Grande, admiravel exemplo o dos Laboratorios «Sanitas»—exemplo que é lição eloquente de actividade intelligente e patrioticamente desenvolvida, em prol do prestigio da industria portuguesa!... Patrões e operarios vivem, ali, em comunhão estreita, num regime de solidariedade entre capital e trabalho—uns e outros irmanados, trabalhadores todos, cientes e conscientes dos seus deveres e dos seus direitos. O operario dos Laboratorios «Sanitas» é um elemento valioso da produção, e como tal reconhecido. Gosa, porisso, de especiais regalias—regalias de que, infelizmente, o operario de muitas outras fabricas—as fabricas acentuadamente do tipo burguês, despoticamente orientadas pela mentalidade primaria dos burgueses do seculo XIX—não pode orgulhar-se.

Daí, o aspecto moderno, renovador, caracteristicamente Estado Novo, que a organização industrial, a que preside o belo espirito do dr. Cortez Pinto, oferece aos olhos de nacionais e estrangeiros que têm ensejo de a visitar—um grande, modelar laboratorio de verdadeiro trabalho nacional, português...

Como deverá ser orientada a propaganda do trabalho nacional

—Concorda com a campanha iniciada pelo Diário da Manhã sobre a cruzada do trabalho nacional?—preguntámos, a abrir a entrevista, ao sr. dr. Cortez Pinto.

—Mas isso não pergunta... É uma pergunta escusada... E sendo, como é, o Diário da Manhã um jornal nacionalista, valorisar o trabalho português... é ir ao encontro dum momento problema nacional.

—É como entende V. Ex.ª que deverá ser orientada a propaganda do trabalho nacional?...

—Essa propaganda representa uma tarefa complexa, mas indispensavel. É preciso fazer convencer os portugueses—certos portugueses—de que, para gozarem do bem estar de que carecem ou a que se julgam com direito, necessitam de sentir o bem estar das pessoas que os cercam. Se, em lugar de procurar fixar a riqueza em Portugal, criando e desenvolvendo trabalho, garantindo o pão em todos os lares, cada um se esforça por preferir os produtos da mão de obra estrangeira, mandando para fóra do País a parte principal do produto do seu trabalho—que espera ver á sua volta?... Certamente, uma legião de desempregados aos quais os seus compatriotas, talvez mesmo sem consciencia do crime que cometem, negam colaboração ou assistência, pois que lhes retiram todos os meios de empregar a sua actividade...

O snobismo é um crime de lesa Patria

E acrescenta: —O snobismo pelas coisas estrangeiras é, hoje, um crime de lesa Patria, ainda que um crime praticado, quasi sempre, inconscientemente. É mister fazer conhecer a alguns portugueses—porque ainda ha alguns...—as vantagens que têm em auxiliar os outros portugueses. Digo mais: a necessidade que têm de o fazer.

E acentua: —Os maus portugueses que só compram produtos estrangeiros, semeiam á sua volta, em primeiro lugar, a miseria, e mais tarde a revolta. Em relação a si mesmo, esses individuos, que assim procedem, combatem os seus proprios interesses. Os seus rendimentos proveem do exercicio da sua

actividade—no commercio, na industria ou na agricultura—ou do exercicio da sua profissão—engenheiros, medicos, advogados, etc., etc. Não tendo clientes que consumam os artigos da sua produção ou do seu commercio, ou com dinheiro suficiente para compensar o exercicio da sua profissão liberal, esgotarão os seus recursos e entrarão, a breve trecho, em regime deficitario...

—Portanto, a propaganda do trabalho nacional...

—Deverá, quanto a mim, fazer-se, desde já, e por todas as formas, no sentido de levar estas verdades ao espirito daqueles que ainda as não compreenderam. A propaganda deve ser sugestiva, dirigindo-se ao coração e á intelligencia. Por isso, julgo de resultados vantajosos os cartazes artisticos, berrantes, que chamem e prendam a atenção, devendo fazer-se uso de diagramas focando os diferentes aspectos do problema do trabalho nacional. Reputo tambem util a propaganda pela T. S. F. e por meio de pequenos filmes cujos assuntos deveriam ser postos a concurso...

A interferencia do estrangeiro na vida industrial portuguesa

A seguir, o sr. dr. Cortez Pinto,

que é tambem director da Associação Industrial Portuguesa, diz-nos:

—Como — salvo algumas excepções



DR. CORTEZ PINTO

—despertou do estúpido snobismo a consciencia dos portugueses, todos ou quasi todos compreendem a vantagem

que para si e para os seus resulta da preferencia dos produtos portugueses, os estrangeiros, que viviam do ouro que lhes remetiamos, têm sentido a diminuição progressiva dos seus interesses em Portugal. E, então, como a consciencia e o interesse dos portugueses reclamam os produtos nacionais, alguns desses estrangeiros, muito intelligentemente, aliás, procuram iludir a nossa preferencia, mascarando de portugueses os seus produtos—os produtos estrangeiros—que apenas em Portugal, são empacotados...

Têm, assim em vista, chegando mesmo a reclamar para as repartições do Estado português, conservar as facilidades e a protecção que o Estado deve aos nacionais. Mudam de tabuletas, mas continuam sendo os mesmos estrangeiros que só empregam o minimo de mão de obra nacional de que precisam, mandando para fora do País todo ou quasi todo o rendimento liquido da sua exploração.

E continuando: —Outros, ou os mesmos ainda, querendo aproveitar a preferencia de alguns snobs portugueses pelos produtos estrangeiros, passam a fabricá-los em Portugal, com as vantagens de

que gozam os produtos nacionais, mas fazendo pagar os seus produtos, de origem estrangeira, por altos preços, satisfazendo desse modo o desejo daqueles portugueses que se orgulham de gastar muito com artigos estrangeiros, mas que se desprezam em gastar pouco com artigos nacionais...

Produtos nacionais e nacionalizados

E com veemencia: —É necessario, portanto, que o Governo legisle de forma a classificar definitivamente o que é produto genuinamente português, nacional, e o que é português de contrafacção.

—Produto genuinamente português nacional?...

—É o produto fabricado por portugueses e com capital, na totalidade ou pelo menos na maioria, de origem portuguesa.

—É artigo de contrafacção?...

—O que não estiver nestas condições. Portanto, deverá ser considerada como estrangeiro o artigo cuja designação ou firma tenham um titulo já registado no estrangeiro, antes de ser conhecido em Portugal.

E acentuando: —Quanto á designação do produto, ainda que se mude a terminação, de forma a aporportuesar a palavra, mas dando a conhecer claramente o produto cujo nome se deve traduzir, deverá igualmente ser considerado estrangeiro.

E exemplifica: —Suponhamos que ha um produto estrangeiro, como tal conhecido, que se chame Origan. O facto de aporportuesar a palavra, escrevendo-a Origana ou Origana, deve representar contrafacção, isto é: esse produto deverá ser considerado estrangeiro, mesmo que fabricado em Portugal, se, de facto, ele se fabrica e existe lá fora.

Outro exemplo—prosegue o sr. dr. Cortez Pinto:

Suponhamos que existe no estrangeiro a firma L. Dausset. Com este nome ou mesmo com a designação de Sociedade L. Dausset de Lisboa, ainda que tenha instalada a sua fabrica em Portugal, os produtos dessa firma não poderão ser considerados portugueses, nacionais.

Para que o fossem, teria essa firma de adoptar uma designação diferente da que usa e adopta no estrangeiro. O contrario, como ainda infelizmente se verifica, e que tantos e tão graves prejuizos causa á industria nacional, genuinamente portuguesa, chama-se contrafacção, pois que firmas estrangeiras ha que deste processo se servem para se introduzirem em Portugal, estabelecendo desleal concorrência com a industria portuguesa. É o que podemos e devemos chamar com propriedade, o dumping interno.

E a concluir o inteligente e culto industrial diz-nos ainda:

—Calcula-se que por cada mil contos de produtos manufacturados que se importam em um país, se arrastam para o desemprego cerca de cem pessoas desse país, que tantas são, em media, as que se ocupam da sua produção e venda. Se pudessemos deminuir em 50 mil contos a importação de produtos manufacturados, só com este esforço garantiríamos colocação a 5 mil desempregados,

O problema está clara e patrioticamente exposto pelo sr. dr. Cortez Pinto. A solução pertence ao Estado, no que respeita a estabelecer a diferença entre produtos nacionais e nacionalizados, e pertence a cada um dos portugueses. O combate eficaz ao desemprego depende afinal deste simples esforço:—cada português preferir produtos portugueses, contribuindo assim para o desenvolvimento da industria, e portanto, para o interesse da economia nacional, e para dar pão aos que da industria vivem.

RUY DE PENNA

57:000 contos

foram gastos, nos ultimos quatro meses, em melhoramentos rurais e urbanos

Do Ministerio das Obras Publicas recebemos uma circunstanciada nota acerca da crise do desemprego e os melhoramentos publicos, melhoramentos rurais, conclusão e reparação de escolas primarias, melhoramentos urbanos, aguas e saneamento, serviços florestais e aquícolas. É essa nota acompanhada pelos respectivos mapas. Como a falta de espaço nos não permite a publicação, hoje, de ambas—nota e mapas—em sua integra, reproduzimos as verbas da participação do Estado durante os ultimos quatro meses nas respectivas rubricas:

Table with 2 columns: Rubric and Amount. Includes Melhoramentos rurais (27.612.037\$33), Conclusão e reparação de Escolas Primarias (6.212.413\$50), Melhoramentos urbanos (13.033.417\$57), Aguas e saneamento (8.946.327\$13), Serviços florestais e aquícolas (1.472.100\$00), and Num total de Esc (57.276.295\$53).

Academia das Ciencias de Lisboa

Instituto dos Altos Estudos

Hoje, pelas 17 horas, o eminente arqueologo naval e academico sr. comandante Quintino da Fonseca fará a sua 2.ª lição de Altos Estudos sobre A Representação Artistica das Armas da India.

Secção da Classe de Ciencias

Seb a presidencia do sr. dr. Pedro José da Cunha, secretariado pelo sr. dr. Pereira Forjaz, reuniu-se a 1.ª classe da Academia.

Aprovada a acta, foi registada a oferta de um trabalho do sr. Antonio Cabreira. O sr. dr. Ricardo Jorge ofereceu á Academia a medalha que lhe foi conferida no ultimo Congresso Internacional a que assistiu, acompanhada de uma carta sua dirigida ao sr. presidente.

Pelo sr. presidente foi oferecido o Curriculum Vitae do sr. dr. Vitor Hugo Duarte de Lemos.

Procedeu-se em seguida á eleição para socio correspondente estrangeiro do eminente biologista suico, Luisier, actual director da parte scientifica da «Brotéria», e que tem publicado varios trabalhos sobre a flora portuguesa do continente e das ilhas adjacentes, sendo eleito por unanimidade.

O sr. presidente concedeu depois a palavra ao sr. Silva Carvalho, que efectuou uma comunicação sobre medicos-astrólogos, ilustrando-a com um esquema previamente elaborado. Prin-

Almirante Magalhães Correia

A comissão promotora do banquete de homenagem ao sr. contra-almirante Magalhães Correia pede para noticiarmos que a inscrição fecha brevemente, pedindo a todas as pessoas que desejem associar-se a esta justa homenagem o façam rapidamente.

Este banquete que não tem caracter politico é uma consagração ao sr. almirante Magalhães Correia, que durante 3 anos sobraçou a pasta da Marinha.

A inscrição encontra-se aberta na Rua Antonio Maria Cardoso, 45.

Semana Portuguesa em Vigo

Facilidades de transporte

Ao transporte dos produtos e materiais destinados á Exposição e Feira do Livro que se realiza em Vigo durante a «Semana Portuguesa» concede a C. P. a redução de 50 % devendo os interessados entender-se previamente com a Divisão de Exploração daquela Companhia, na estação de Santa Apolonia, Lisboa.

Além dos combolos especiais destinados a Vigo, em organização em varios pontos do País, estão á venda nas estações de Lisboa-Rocio, Entroncamento, Coimbra, Pampilhosa, Porto, Braga, Barcelos, Viana do Castelo e Vilha Real de Santo Antonio, bilhetes de ida e volta com 25 % de redução que dão direito a paragem em quaisquer estações intermédias dentro dos 30 dias da sua duração de validade.

CONFERENCIAS

«O INSTITUTO FALIMENTAR»

PELO SR. DR. WALDEMAR MARTINS FERREIRA

Realiza-se hoje, ás 21.30, na sala dos actos grandes da Faculdade de Direito de Lisboa, a IV Conferencia do professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, dr. Waldemar Martins Ferreira, sobre «O Instituto Falimentar», em que versará o seguinte: «A reforma do instituto da falencia e a abertura de novos horizontes ao direito comercial brasileiro. A influencia de Carlos de Carvalho e o inicio da obra sistematizadora e monumental de José Xavier Carvalho de Mendonça. Os novos rumos do Direito falimentar brasileiro».

QUER ADQUIRIR UM BOM RECEPTOR? Confronte! E Compre!

Para todas as ondas e todas as correntes
Agentes gerais
Cosia & Brito, Ltd.
Rua da Conceição, 35, 1.º - LISBOA

Emerson Radio

A mais famosa organização mundial da Radio

Marcam a sua superioridade pela grande selectividade e pela inexcédvel pureza de som, equipados com as valvulas mais modernas
Distribuidor do norte
Carlos Teixeira Figueiróa
Rua Santo Ildefonso, 74-76 - PORTO

CRONICA DE LISBOA

MATADOURO CLANDESTINO — A Polícia Municipal apreendeu a João Lopes, residente na rua do Arco, a S. Mamede, 48, A. carne de vitela abatida clandestinamente.

A apreensão foi feita quando este indivíduo estava no talho n.º 235, de rua do Século, a pesar a referida carne em fracções, para distribuir pelos domicílios.

A carne apreendida foi dada como própria para consumo, pela inspecção veterinária da Camara e o infractor pagou a multa de 395\$00.

VIGESIMOS VICIADOS — Foi preso dando entrada nos calabouços do Tórel, Jerónimo Prata, residente no Campo de Santana n.º 72-2.º, acusado de ter viciado quatro vigesimos da lotaria do dia 4 do corrente, os quais mandou rebater num estabelecimento da Praça do Rio de Janeiro, conforme o confessou na P. I. C.

A ENXADADA — Recolheu ao Hospital de S. José, em estado grave, o trabalhador Manuel Martins dos Santos, de 29 anos, que, na Quinta do Quebra Bilhas, ao Arleiro, foi apanhado a enxadada por Viriato Ribeiro, seu companheiro de trabalho.

ATROPELAMENTO — Ontem foi atropelado por um automóvel o soldado n.º 196/381/32 da Companhia do Depósito do Regimento de Infantaria n.º 1, Abel Mendes, em serviço na Carreira de Tiro de Pedrouços.

Deu entrada no Hospital da Estrela.

PELOS HOSPITAIS — Faleceram no Hospital de S. José, José Borges, de 60 anos, sem residência, que em Setembro ultimo ali dera entrada sem feia, por ter sido encontrado caído em Santa Apolónia, e José Pratas, de 23 anos, Montemor-o-Novo, que há dias ali caiu de uma carroça, caso que noticiámos.

SOMA... E SEGUE — Segue hoje para o Tribunal da Boa Hora o cadáver de Aurélio Barbosa, sem residência, acusado de ter praticado vários furtos no Bairro da Liberdade.

— Ontem, de manhã, os gatuos praticaram um roubo na Tabacaria Rodrigues, na rua do Ouro n.º 295,

de bilhetes da próxima lotaria e vários vigesimos.

— Foram ontem apresentadas na P. I. C. as seguintes queixas: Francisco Honorato Cesar, oficial do 7.º Juízo do Tribunal da Boa Hora, contra um indivíduo cujo nome indicou, acusando-o de ter abusado da sua confiança, ficando-lhe com várias quantias que lhe entregava para pagamento de diversos assuntos forenses; Aires Lourenço Freire, residente na rua do Ouro, 160, contra um indivíduo, cujo nome indicou, acusando-o de se ter ausentado para parte incerta depois de lhe ter recebido a quantia de 1.660 escudos, que gastou em seu proveito; Joaquim Antonio de Almeida, de Ponte de Sôr, de ter sido burlado por três indivíduos em 5 contos; Augusto Silva, residente na rua de Santa Marta n.º 160-2.º, de que foi burlado pelo processo do conto do vigário, ficando sem um anel de ouro, uma capa de borraça e a quantia de 200 escudos, e a criada de servir Maria de Almeida, residente na Avenida Almirante Reis n.º 76-3.º, contra uma mulher acusando-a de lhe roubar vários objectos de ouro.

PARA UMA BOA DIGESTÃO, SÓ O
AZEITE EXTRA
PORTAS DE RODAM

Pedidos a: RODRIGUES, (IRMAOS) & C.ª
R. BACALHOEIRO, 88-94-Telefone 20504

VIAS URINARIAS
Blenorrégias, doenças venereas e sífilis
Tratamento radical á 1 e das 4 ás 7
Consultorio: B. dos Fanqueiros, 390-2.º
Tel. 2 8276

RELIGIÃO

CRONICA DO DIA — Reza-se de S. Patricio, Bispo e Confessor. Protector da Irlanda. Nasceu na Grã Bretanha em 372. Ainda novo foi roubado por uma quadrilha de bárbaros e conduzido para a Irlanda. Ali obrigaram-no a guardar gado. Com verdadeira resignação suportou o seu sofrimento, orando sempre, com muita devoção. Na terra natal, onde regressou depois do seu infortúnio, recebeu as ordenações de Bispo pela sagração, voltando, a seguir, á Irlanda, desta vez, a pregar o Evangelho, sempre abençoado por Deus pela sua inalteravel dedicacão. Baptisou muitos idolatras, conferiu ordens de presbitero a vários auxiliares do seu Apostolado e fundou alguns Mosteiros. Após a sua morte verificou-se que a Irlanda quasi toda estava evangelizada.

Missa «Statuit», com «Glória», 2.ª oração e ultimo Evangelho da Féria. Rito duplex, paramentos brancos. Ou missa da Féria, «ad libitum», sem «Glória», 2.ª oração da festa, com paramentos roxos. Jejum e abstinencia. Mês consagrado a S. José.

LAUSPERENNE — Passa da capela da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade para a igreja das Chagas, por intenção particular.

ACTOS DE CULTO — ás 12, missa.

Chagas, ás 11, festa ao Espírito dos Passos, por musica; ás 17,30, Adoração.

S. Francisco da Cidade, ás 11,30, festa da reposição, a harmonio e vozes, «Preces», procissão e benção.

S. Francisco de Paula, ás 18, Trezena preparatória para a festa do Orago, pregando o rev. capelão Cruz Curado, por musica e Santissimo exposto.

S. Jorge (Arroios), ás 9, missa, comunhão, leitura e explicação do Evangelho.

Conceição (Nova), ás 9, missa mensal pela intenção da Liga de Acção Social Cristã, com prática pelo rev. Sousa Ramalho, comunhão e benção.

S. PATRICIO — Solenidades em sua honra, por musica: Corpo Santo, ás 11, com assistencia do sr. Nuncio Apostólico, pregando, em inglês, o rev. Bento Duggan, terminando com «Te Deum» e benção, estando a parte musical entregue aos alunos do Seminário dos Inglesinhos; Bom Sucesso, ás 9, cantando as senhoras religiosas e ficando o Santissimo exposto durante o dia.

VIA SACRA — Encarnação, ás 9; Mercês, ás 10,30; S. Francisco (a Jesus) e Santos Reis (Campo Grande), ás 17; S. Domingos, S. Francisco da Cidade, S. Luiz, Pena, Santos-o-Velho e Anjos, ás 17,30; Encarnação, Florinhas da Rua (ao Rêgo) e Graça, ás 18; S. Sebastião, ás 18,30; Corpo Santo, Sacramento e Carmo, ás 19; Orlarias e Desterro, ás 20; Ajuda e S. Nicolau, ás 20,30; S. Jorge (Arroios), ás 21.

CONFERENCIAS QUARESMAS — Pena, pelo rev. Capela, e S. Luiz, ás 17,30; Carmo, pelo rev. Comissário da Ordem, ás 19,30; Ajuda, pelo rev. Filipe Beja, e S. Domingos, pelo dominicano brasileiro rev. Vicente Moreira, ás 21.

TERÇO DO ROSARIO — A's 18, Encarnação e Bom Sucesso; ás 19, Corpo Santo; ás 20,45, S. Domingos.

MÊS DE S. JOSÉ — Nos templos já indicados.

SENHOR DOS PASSOS — A' veneração dos fiéis nas igrejas do costume.

Associação Socorros Mutuos O FUTURO

SEDE — Rua dos Lagares n.º 26 1.º-Direito

Convido os srs. associados a reunir em assembleia geral ás 19 horas no dia 18 do corrente, na sua sede.

Ordem dos trabalhos

Leitura, discussão e votação do relatório da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal referente ao ano findo.

Não funcionando por falta de numero, fica desde já convocada para o dia 29 de Março corrente.

Os documentos, bem como o relatório da Direcção encontram-se patentes pelo espaço de 15 dias das 20 ás 21 horas, na sede.

Lisboa, 15 Março 1933.

O Presidente da mesa
J. C. Gomes da Silva

SECÇÃO RADIO

DIA 18

AUDIÇÕES EM DESTAQUE

LONDRES, ás 20 h., Variedades. Solista, imitações, comédia e orquestra de baile da B. B. C., sob a direcção de Henry Hall.

A's 21,40 h., banda da T. S. F. militar, sob a regencia de Walton O'Donnell. «Rakozyn», marcha, de Berlioz. Ouverture de Smetana. Primeira suite de Holst. «Carnaval em Paris», de Svendsen.

A's 22,35 h., musica de baile. **BARI**, ás 19,35 h., concerto de opereta e canções. No intervalo, notas de arte.

A's 21,30 h., musica popular. A's 21,55 h., noticiário.

TURIM — MILÃO — TRIESTE, ás 20,10 h., «A ultima valsa», opereta em três actos, de Oscar Strauss. A's 22,5 h., musica de baile no «Rajola», de Florença.

BORDEUS — LAFAYETTE, ás 21 h., «Les deux hommes», comédia de A. Capus.

BRESLAU, ás 19 h., concerto de variedades.

PARIS, ás 20,30 h., concerto de musica de camara.

A's 21,10 h., musica de baile, pela «Sonora Orquestra», sob a regencia de Fred Hoffman.

A's 23 h., musica de baile. **ESTRASBURGO**, ás 17 h., concerto «Pasdeloup», no Teatro dos Campos Elysios.

A's 20,30 h., banda militar. Ouverture dde «La Princesse Jaune», de Saint Saens. Trio, de Beethoven. «Parsifal», de Wagner. «Le Roi d'Amuse», de Delibes. «Os Granaideiros da Guarda».

A's 22,30 h., musica de baile. **BARCELONA**, ás 18 h., programa infantil.

A's 20 h., musica ligeira. A's 21,5 h., ouverture de «Rienzi», de Wagner. «Montaneza», de Frigo-

la. «Ma Poupée chérie», de Severac. «Bacchanale», de Dore.

ARGEL, ás 19,20 h., musica de ópera.

A's 21,35 h., duas melodias de Gretchaninov.

A's 21,45 h., solos de saxofone e clarinete.

TOLOSA, ás 20,30 h., arias: de «Griselidis», de Massenet; «Fausto», de Gounod, e «Walkirias», de Wagner.

A's 20,45 h., recital de órgão.

A's 21 h., excertos de «Mascotte», opereta de Audran.

A's 22,30 h., «Louise», de Charpentier.

A's 23 h., aria de «Nina Rosa», de Romberg. Aria de «Werther», de Massenet.

SOTTENS — SUICA ITALIANA, ás 19,35 h., «Rádio fantasia», um prólogo e sete cenas.

2.ª parte: programa de «cabaret». **ROMA**, ás 19,45 h., retransmissão teatral.

LISBOA, ás 12,30 h., C. T. 1 D. H.

A's 21,30 h., C. T. 1 A. A.

T. S. F.

Aparelhos «**SCHAUB**», «**PHILIPS**», «**REICO**», «**R. C. A.**», «**TELEFUNKEN**» etc., a pronto e a prestações

Todo o material para construções

— a preços vantajosos —

Olavo Cruz, Lt.ª

AVENIDA DA LIBERDADE, 11 r/c.

GAZ-OIL, OLEOS CANFIELD, 63, Rua S. Julião, 7. Tel. 2 8903

O «Diário da Manhã» vende-se em Arcos de Val-de-Vez na casa Fernandez Largo da Lana

Um carro não é verdadeiramente moderno se não está equipado com um carburador

SOLEX

de «starter»

que assegura o arranque imediato do motor em frio e o lançamento instantaneo do carro

300.000 carburadores deste tipo em serviço provam a sua superioridade

A' venda em todas as boas casas

AGENCIA-Rua das Pretas, 33-LISBOA

SEJAMOS NACIONALISTAS ESPUMANTE ALENTEJANO

EXIJA DO SEU FORNECEDOR

Só se vende nas boas casas

MERCEARIAS TAVARES, Rua da Prata

CONFETARIA ROSA ARAUJO, Rua S. Nicolau

GREMIO ALENTEJANO, Rua Eugénio dos Santos

Representante — Gilberto Soqueira — Rua dos Douradores, 150, 1.º

TELEPHONE 2.6713



CREME COURAÇA

O MELHOR PARA A PELE

Perfumaria Couraça

44, Rua de Sant'Ana á Lapa, 44

ASFALTO de aplicação a frio

FLINTKOTE

Emulsão aquosa de Asfalto puro

Impermeabilização e Isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superficies e construções metálicas, canalisações, algeirozes, etc. Impermeabilização de represas, canaes, tanques, poços e paredes húmidas.

Distribuidores:

BETHENCOURT BROS. LTD.

Rua Aures, 132-138 — LISBOA

Agência no Norte:

SORIA, LDA.

Rua Ferreira Borges, 9 — PORTO

Hava.

DIÁRIO INTERNACIONAL

ENFIM!

EM GENEVRA

MacDonald apresentou ontem

o projecto de convenção

A hora da liberdade vai soar para os escravos abissínicos

O imperador Haile Selassie I está decidido a acabar de uma vez para sempre—dizem de Addis Abeba—com o commercio de escravos, iniciativa esta difícil de se pôr em pratica em virtude da corrente contraria que existe na Abissínia.

Entretanto, para louvar a resolução do soberano, que já nomeou um inglês, Frank Halpert, conselheiro da secção de escravos do seu Governo. A missão de Frank Halpert é acelerar na medida do possível a libertação dos escravos e adoptar as indispensáveis medidas para combater radicalmente tão repugnante commercio. Halpert era conselheiro no Ministerio do Interior da Abissínia e anteriormente funcionario publico no Egipto.

Existe na Abissínia cerca de meio milhão de escravos, e, como é bem de ver, a sua libertação não se pode fazer de hoje para amanhã, tanto mais que



O Imperador Haile Selassie I

seria muito possível que um procedimento radical e energico provocasse uma forte reacção. Espera-se, porém, que num periodo de quinze ou vinte anos haja findado a escravatura.

Problemas mais dificeis de resolver são o commercio de escravos nas fronteiras do país e os roubos dos mesmos que ocorrem com frequencia. A maioria dos indigenas perde a sua liberdade nas lutas que as tribus travam entre si. Alem de que muitas destas tribus vão á caça de escravos na fronteira do Sudão. Assaltam as aldeias, e trazem consigo, geralmente, mulheres e crianças, que ao mesmo tempo lhes servem de escudo quando perseguidos pelos assaltados.

Para a libertação de escravos na Abissínia criaram-se tribunais especiais, chamados Tribunais de Escravos. Até agora já existem 55. Os escravos que desejem ser libertados devem dirigir um requerimento a esses tribunais, os quais instauram imediatamente o respectivo processo. A secção de escravos no Governo abissíneo promete beneficios resultados com a propaganda que está fazendo para a abolição da escravatura por meio de uma tradução do já popular livro «A cabana do tio Tom». Confia-se que a sua leitura comoverá o coração dos abissínicos, levando-os assim a dar liberdade aos seus escravos.

O ciclone de Tennessee causou 34 mortes e 350 feridos

NASHVILLE, 16.—Anuncia-se com caracter oficial que a lista dos mortos victimas do ciclone que devastou o Estado de Tennessee, Estados Unidos, é de 34, sendo de 350 o numero de feridos.

O numero de pessoas sem casa é de 1.000. Os prejuizos totais são avaliados em um milhão e 500.000 dolares. —United Press.

GENEVA, 16.—A's 15,30 a sala da comissão geral da Conferencia do Desarmamento apresenta uma animação extraordinaria: as tribunas reservadas ao publico e á Imprensa e o hemicycle estão á cunha. A's 15,25 MacDonald, de casaco preto, chega acompanhado de Sir John Simon. Pouco depois chega Daladier, que é cumprimentado por Nadolny. A's 15,35 em ponto MacDonald sobe á tribuna e começa o seu discurso. Refere-se largamente á declaração das 5 potencias de 11 de Dezembro, que proclamou o principio da igualdade dos direitos. Lê documentos, frisando que aquela declaração proclamou a interdependencia da segurança e da igualdade e precisou que a igualdade deverá ser obtida por etapas. A revisão, certamente—exclama MacDonald—mas não nas pontas das baionetas.

Como presidente do Gabinete britânico e como presidente da Conferencia das 5 grandes potencias, afirma que a segurança proclamada necessaria na conferencia de 11 de Dezembro foi inspirada por considerações psicologicas. São essas mesmas considerações que fazem que ele, orador, deseje o grande exito da Conferencia de Genebra. É preciso que os problemas da paz sejam resolvidos, mas não se avançará no caminho da igualdade enquanto se não restabelecer a confiança entre os povos. Declara que, quando chegou a Genebra, ouviu algumas potencias recomendar o adiamento da Conferencia. Foi-lhe aconselhado que esperasse que o firmamento se desanuviasse, ao que respondeu que as nuvens não desaparecerão se se não criar uma nova atmosfera.

O adiamento nas actuais circunstancias equivaleria a um tremendo fiasco. A um tal expediente o Governo prefere apresentar um projecto de convenção que supõe uma reciproca compreensão entre a Alemanha e a França e fazendo esta proposta MacDonald diz ter a consciencia de prestar um serviço á Conferencia. O projecto supõe a realização das condições do acordo de 11 de Dezembro. O nosso plano—prosegue o Primeiro Ministro britânico—não satisfará a nenhuma delegação, mas depois de 4 ou 5 dias de reflexão isso mudará.

Examinado apressadamente comportará erros, mas pede a todos que o estudem animados dum espirito de cooperação. Indica então as 5 características essenciais do plano britânico para um periodo de transição: 1) terá a duração de 5 anos; 2) prevê a redução dos armamentos e opõe-se a qualquer rearmamento; 3) estabelece o controle internacional para que nenhuma potencia se possa subtrair ás obrigações contraidas; 4) prevê a criação dum organismo permanente, encarregado de promover as novas reduções dos armamentos; 5) admite a possibilidade de fazer-se obra politica para o desenvolvimento da confiança. —Havas.

Daladier responde ao chefe do Governo britânico

GENEVA, 16.—Depois de MacDonald ter exposto o seu plano, Daladier declarou que a delegação francesa tinha ouvido com o maior interesse a exposição nas suas grandes linhas do plano britânico, que era um eloquente comentario aos principios que o inspiraram. O trabalho é de tal importancia—disse ele—que desejamos estudá-la com o maior cuidado e com a melhor boa vontade. Prestamos homenagem aos nobres sentimentos que o inspiraram e nele encontramos com grande satisfação os principios essenciais apresentados por Boncour. A França continua profundamente dedicada a todos os esforços leais e sinceros no caminho da paz internacional e do desarmamento progressivo e simultaneo eficazmente controlado. Dependesse successo o apaziguamento da atmosfera internacional. Assim pois devemos felicitar-nos pelas entrevistas que terão lugar em Roma. Animada por esse pensamento a delegação francesa apresenta ao sr. MacDonald os seus votos sinceros e cordiais. Gibson agradeceu a MacDonald o seu esforço para salvar a Conferencia

de Desarmamento e exprimiu a esperança de que o projecto que acabava de ser exposto seja aceite por unanimidade no seu conjunto.

Nadolny, falando em francês, agradeceu tambem a MacDonald por ter vindo a Genebra dar um novo impulso que sem duvida permitirá terminar a Conferencia com successo, visto que o projecto da convenção britânica é o unico meio pratico para a conferencia poder sair do beco onde ela se encontra.

Caballero afirmou que a Italia estudará o projecto britânico com o maximo cuidado e conscienciosamente.

A comissão resolveu começar na proxima quinta-feira a discussão geral sobre o projecto britânico.—Havas.

A Imprensa francesa e o projecto da convenção de MacDonald

PARIS, 16.—Os jornais observam uma grande reserva com respeito ao projecto de convenção que MacDonald apresentará hoje em Genebra. O projecto é ainda incompletamente conhecido, mas dizem os jornais que MacDonald esforçando-se por colher um pouco de todos para satisfazer a todos arrisca-se a não satisfazer ninguém. Os jornais mostram-se tambem reservados com respeito á viagem de MacDonald a Roma.

Frisam que, embora seja vivamente desejada uma «entente» franco-anglo-italiana, convem no entanto não dar a impressão de ceder a burlas ou ameaças.—Havas.

Uma possível guerra provocaria graves perturbações intestinas

LONDRES, 16.—A Imprensa, referindo-se á partida de Daladier para Genebra e ao projectado encontro entre MacDonald e Mussolini, precisa as intenções de que está animado o Governo inglês.

A Inglaterra contraiu compromissos precisos, principalmente em Locarno. Ninguém pensa—com excepção duma percentagem minima da opinião—em repudiá-los.

A impressão geral, porém, é de que uma guerra, fosse qual fosse, provocaria nos países tais reacções, que se deve tentar tudo não só para evitar mas tambem para impedir a Inglaterra de se vêr directamente envolvida no caso por força dos acordos em vigor. —Havas.

O FASCISMO EM ESPANHA

Embora se estabelecesse uma campanha cerrada contra os jornais daquela politica...

MADRID, 16.—Os meios politicos radicais e socialistas prosseguem na campanha contra a organização em Espanha do Partido Fascista.

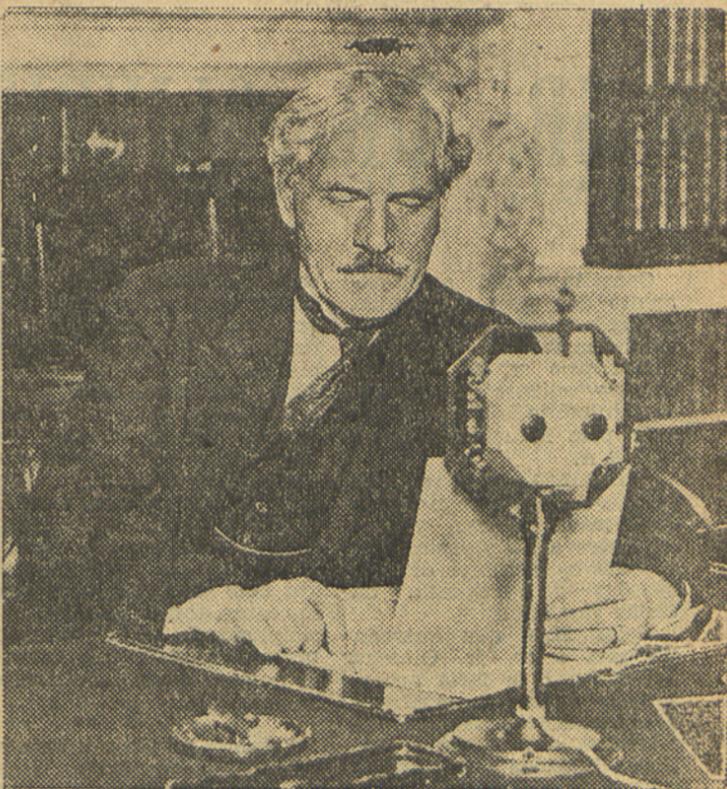
Os centros socialistas concordaram em proibir os impressores e tipografos filiados no Partido Socialista de comporem e imprimirem jornais fascistas.

Por outro lado, os vendedores dos jornais resolveram boicotar a venda de qualquer jornal ou folheto fascista que apareça impresso.

Finalmente, as Juventudes Socialistas decidiram tambem usar da sua influencia em toda a Espanha, no mesmo sentido.—United Press.

publicou-se o primeiro numero do «Fascio», que a Policia apreendeu

MADRID, 16.—A pesar de todas as precauções tomadas, conseguiu publicar-se hoje o primeiro numero do orgão dos fascistas espanhóis, o jornal «Fascio» que foi apreendido pela Policia e os seus escritorios encerrados.—United Press.



Macdonald, primeiro ministro inglês, que apresentou ontem, em Genebra, o novo plano britânico, tendente a levar a bom termo os trabalhos da Conferencia do Desarmamento

NA ALEMANHA «NAZI»

O grupo social-democrata e a sessão inaugural do Parlamento

BERLIM, 16.—O grupo social-democrata do Reichstag só na segunda feira resolverá se toma parte ou não na cerimonia que deve preceder a sessão inaugural do novo Parlamento.

Segundo informações colhidas nos meios parlamentares parece que será encarada a sua abstenção. No entanto consta que o grupo não deixará de comparecer á sessão parlamentar propriamente dita.—Havas.

BERLIM, 16.—Os 121 deputados socialistas eleitos para o novo Reichstag anunciaram a resolução de boicotar a cerimonia inaugural do novo Parlamento, anunciada para o dia 21 do corrente numa igreja de Potsdam. —United Press.

Escritor belga compelido a abandonar a Alemanha

BRUXELAS, 16.—Comunicam de Berlim que na sexta-feira foi preso em Dusseldorf, quando tirava fotografias, o escritor Robert Radelet. Recolheu á prisão da Policia politica. O ministro da Belgica protestou contra aquela prisão. O ministro dos Estrangeiros do Reich deu instruções á Policia de Dusseldorf para pôr em liberdade aquele escritor, sob condição de partir imediatamente de avião para a Belgica.—Havas.

Parada das bandeiras imperiais e suásticas

BERLIM, 16.—Ontem á noite, em frente do Ministerio do Interior, para onde foram conduzidas com grande pompa, fez-se a parada das bandeiras imperiais e suásticas, que durante três dias estiveram hasteadas em todos os edificios publicos. Quando o capitão Goehring apareceu a uma das varandas do palacio onde está instalado aquele Ministerio, foi vivamente aclamado.—Havas.

Prisão de um pacifista

BERLIM, 16.—Foi preso ontem á noite o general von Schoenaich, conhecido pacifista alemão. A Policia apreendeu-lhe diversa correspondencia e importantes documentos.—Havas.

A campanha contra o desemprego

BERLIM, 16.—O gabinete do Reich tratou da execução do seu programa de luta contra o desemprego, tendo sido encarada a abertura dum credito de 300 milhões de marcos.—Havas. socialista ficou mortalmente ferido.—Havas.

Hitler investido de poderes ditatoriais até 1937?

BERLIM, 16.—Anunciam que o Governo do Reich, propoz á aprovação do Reichstag um projecto de lei concedendo ao chanceler Hitler plenos poderes com caracter ditatorial até 1937.—United Press.

A guerra no Oriente

Os japoneses preparam-se para transpor a Grande Muralha

HSIFENGKO, 16.—Anuncia-se que se travaram rudes combates entre as tropas japonesas e chinesas no sector da Grande Muralha, sendo particularmente importante a acção desenvolvida pela infantaria japonesa.

Os chineses aguardam a chegada de reforços para impedir a invasão japonesa.—United Press.

A saída do Japão da S. D. N.

TOQUIO, 16.—Foi convocado o Conselho de Ministros para reunir brevemente a fim de ratificar a retirada definitiva do Japão da Sociedade das Nações.

Julga-se porém, que apesar dessa resolução o Governo japonês manterá o seu mandato sobre as ilhas do Pacifico, que lhe foi confiado por aquela Sociedade.

Consta que depois da adopção de tais medidas o Governo japonês apresentará a sua demissão colectiva ao Mikado.—United Press.

A crise bancaria norte-americana

O projecto de economias de Roosevelt obteve a aprovação do Senado...

WASHINGTON, 16.—O Senado aprovou por 62 votos contra 13 o projecto de economias apresentado pelo Presidente Roosevelt.—Havas.

...e consta do seguinte

WASHINGTON, 16.—O projecto de economias aprovado pelo Senado prevê nomeadamente a redução annual de cerca de 300 milhões de dolares no pagamento dos subsidios aos ex-combatentes e a redução dos vencimentos dos funcionarios, no maximo de 15% ou seja uma economia de quasi 2 milhões de dolares. O projecto, que voltou á Camara dos Representantes para aprovação de umas emendas secundarias, deve ser submetido á assinatura presidencial esta noite.—Havas.

O reflexo na Bolsa de Londres

LONDRES, 16.—Devido á firmeza desenvolvida na reabertura da Bolsa de Nova York, a Bolsa de Londres esteve animada nas internacionais, que mostraram firmeza e o mercado em geral apresentou bom aspecto. Titulos do Governo inglês mais 1/16 a 1/8. Empréstimo de guerra 99 7/16. Empréstimos alemães firmes. Acções das minas sul-africanas desceram ligeiramente. Cotação do dolar 3.46.—Havas.

NA SEDE DA UNIÃO NACIONAL

O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR DEFINIU ONTEM OS CONCEITOS ECONOMICO E SOCIAL DO ESTADO NOVO

Na sua notavel dissertação, que foi escutada por milhares de pessoas, o illustre estadista tratou da situação dos trabalhadores

Constituiu um acontecimento dos mais marcantes, a conferencia, ontem, realizada na sede da União Nacional pelo sr. dr. Oliveira Salazar, illustre Presidente do Ministério, e rádio-difundida pela Estação Rádio C. T. 1 A A.

Eram 21,30 e já a sala das sessões da União Nacional se encontrava repleta, vendendo-se entre a assistência quasi todos os membros das comissões de freguesia da União Nacional.

Pelas 21,45 deu entrada na sala o sr. dr. Oliveira Salazar que se fazia acompanhar pelos srs.: ministros do Interior, da Guerra, da Marinha, das Colonias, das Obras Publicas e Comunicações e do Comércio, Industria e Agricultura, sub-secretario de Estado da Agricultura, general Teófilo da Trindade, coronel Lopes Mateus, dr. Nunes Mexia, governador civil de Lisboa, dr. Sousa Gomes, Antero Leal Marques, dr. Simões Neves, dr. Marcelo Caetano, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, muitos officiaes do Exército, pessoal dos gabinetes ministeriaes, etc.

O sr. Joaquim Lança, secretario geral da União Nacional, annunciou que o sr. Presidente do Ministério ia pronunciar a conferencia que era sua intenção ir dizer ao Porto e que dedicaria á Associação Commercial da Cidade Invicta.

Perto silencio o sr. Oliveira Salazar começou a leitura da sua conferencia.

Minhas senhoras, Meus senhores:

As palavras que vou ler não podem ser elevadas á categoria de discurso, ainda que a occasião o exigiisse; elas são apenas e verdadeiramente um pretexto para cumprir gratissimos deveres. Tenho para convosco uma grande dívida que não espero pagar, mas que enfim era já tempo de reconhecer. Da Associação Commercial, das outras colectividades economicas da Cidade, de entidades particulares e publicas de todo o Norte de que o Porto se orgulha de ser legitima capital, o Governo tem recebido, mesmo através do azedume deliciosamente clumoso das reclamações e das queixas, uma colaboração sincera, valiosa, patriótica na obra, que é só nacional, da reorganização portuguesa. Nem a verdade nem a modestia me obrigam a não me reconhecer operario, animador de outros operarios, nesta obra de reconstrução; mas a consciencia dos altos fins a atingir e das insuficiencias actuaes leva-me a protestar, embora timidamente, contra o exagero amigo de me ser reservada, a mim, tão grande parte das festas que, há precisamente um ano, alvoroçaram os corações dos bons portugueses do Norte. Nunca se vira tanta espontaneidade, tanto entusiasmo, recepção tão festiva e tão fidalga; é preciso que tenha sido dum sinceridade vibrante para que, muito longe, me ressoassem na alma, os doces ecos do que então me não era dado ouvir. Assim se avolumou esta dívida, quasi tão sagrada como são hoje as dividas do Estado, e se radicou a promessa de vir fazer-vos uma palestra que eu não sei ainda como será: tão certo é que, mesmo para os governantes que só fazem politica de verdade, sempre é mais fácil prometer que cumprir.

Ha bastantes anos já que os meus auditórios de sisudos politicos não são esmaltados da gra-

ça e da beleza que a distincção feminina empresta á vossa assembleia. Dominado pela gravidade dos problemas e a urgencia das soluções, devo ter perdido o hábito de amenizar a dureza das coisas e de buscar no mundo do sentimento aquella parte de verdade que só o coração ensina e só elle comprehende. Em todo o caso, falando de coisas sérias, não queria torná-las trágicas, e occupando-me de problemas em verdade complexos bem desejava, para não vos molestar, torná-los simples, se a simplicidade, como escreveu Alberto de Oliveira, não fosse para os homens quasi tão difficil como a perfeição.

Estamos no dia immediato ao da catástrofe do dólar, a pouco mais de um ano da catástrofe da libra, e provavelmente nas vésperas de ruir quasi tudo o que ainda aparenta estar de pé. Fenómenos seriam estes grandes para um século, se coisas enormes, succedendo-se a prazos curtos, nos não houvessem embotado a sensibilidade. E' nos dado ver abrirem falencia umas após outras as orgulhosas construções economicas do nosso tempo; a politica dos poderes carceis, a politica dos estruços formidáveis, a politica dos altos salários, a politica da sobre-produção, a politica do crédito succionado, a politica das valorizações artificiaes, a politica das largas despesas publicas, a politica dos consumos excessivos, a politica dos nacionalismos exclusivistas, a politica do Estado-policia que não faz nada, e a politica do Estado-produtor que pretende fazer tudo. Em todos os climas e em todos os continentes, as medidas mais opostas, as mais desencontradas orientações produziram só ruínas: nas finanças publicas, no crédito, nos capitais, na propriedade, nos salários, no mundo do trabalho, amontoam-se os destroços duma devastação sem igual. Parece que nunca houve no Mundo tanta desgraça nem tanta miséria, e a elas não puderam fugir mesmo os que supunham poder desafiar o Mundo com a vastidão dos seus territórios e as montanhas de ouro das suas riquezas. O momento económico e social não pode ser mais perturbado nem mais escuro.

E é quando se não presente ainda a luz que há-de alumiar os tempos novos, que os homens do Governo vão lançar no projecto da Constituição as grandes linhas da construção futura? Muitos o julgarão ousado; não poucos pelo menos prematuro. Eu porém, que nos momentos de desvarramento colectivo tenho mais medo dos remédios que dos males, entendo ser occasião azada de definir a esta pequena casa portuguesa com cujos interesses ninguém no Mundo se importará senão nós, as grandes directrices do seu Governo, os principios fundamentais da sua estrutura económica, o espirito, por assim dizer, da sua actividade e do seu trabalho.

O ponto agudo da presente crise vai certamente passar, como antes desta passaram outras, e me ressoassem na alma, os doces ecos do que então me não era dado ouvir. Assim se avolumou esta dívida, quasi tão sagrada como são hoje as dividas do Estado, e se radicou a promessa de vir fazer-vos uma palestra que eu não sei ainda como será: tão certo é que, mesmo para os governantes que só fazem politica de verdade, sempre é mais fácil prometer que cumprir.

da e dos cambios e do crédito e dos preços, e das finanças publicas mais grave porque é mãe de todas elas — é a crise do pensamento económico, diremos, a crise dos principios informadores da vida económica.

Nós adulteramos o conceito de riqueza, desprezamo-la do seu fim próprio de sustentar, com dignidade, a vida humana, fizemos dela uma categoria independente que nada tem que ver com o interesse colectivo nem com a moral, e supuzemos que podia ser finalidade dos individuos, dos Estados ou das Nações amontoar bens sem utilidade social, sem regras de justiça na sua aquisição e no seu uso.

Nós adulteramos a noção de trabalho e a pessoa do trabalhador. Esquecemos a sua dignidade de ser humano, puzemos diante de nós o seu valor de máquina produtora, medimos-lhe ou pesamos-lhe a energia, e não nos lembramos sequer de que elle é um elemento da familia e que nele não está a vida mas na mulher, nos filhos, no lar.

Fomos mais longe: dissociamos este, chamamos a mulher e a criança como valores menores, mas mais baratos, de produção, unidades soltas, elementos igualmente independentes uns dos outros, sem ligações, sem afectos, sem vida em comum, e desfizemos praticamente a familia. Dum só golpe desmembrámos o nucleo familiar, aumentámos a concorrência dos trabalhadores com o trabalho feminino, e não demos em salário o correspondente á produtividade duma boa dona de casa e á utilidade social duma exemplar mãe de familia.

Desligamos o trabalhador do quadro natural da sua profissão: libertos dos laços associativos ficou só; sem a disciplina da associação, ficou livre mas frágil. Depois transgimos, em que se agremiasse com outros, e ele fê-lo, como reacção, não para um fim de solidariedade, e consciente da necessidade de coordenação de todos os elementos na obra de produção da riqueza, mas contra alguém ou contra alguma coisa: contra o Estado que é a garantia da ordem; contra os patrões, suposta classe inimiga; até contra outros operários, na fatal repercussão das violencias e excessos praticados ou das imposições que, realizadas num sector, desequilibram, por vezes e em detrimento dos trabalhadores, os outros ramos da produção. Nem elevação intelectual ou moral, nem aperfeiçoamento técnico, nem instrumentos de previdencia, nem espirito de cooperação — apenas ódio, ódio destruidor.

Impelimos o Estado, primeiro, para a passividade absoluta, que nada tinha ou queria ter com a organização da economia nacional, e depois para um intervencionismo absorvente, regulando elle a produção, a repartição, o consumo das riquezas. Sempre que o fez, onde quer que o fez, esterilizou as iniciativas, sobrecarregou-se de funcionarios, agravou desmedidamente, as despesas e os impostos, diminuiu a produção, delapidou grandes somas da riqueza privada, restringiu a liberdade individual, tornou-se pesado, insupportável inimigo da Nação. Os que, egaramente impellidos pela lógica de seus falsos principios, quizeram ir até ás ultimas consequências, o montaram a máquina com o espanto dos grandes planos, o rigor aparente da ciencia e da melhor técnica, mas o trabalhador livre, o homem nesse desaparecer, arrastado na colossal engrenagem, sem elasticidade e sem espirito, mobilizados os trabalhadores como máquinas ou transferidos como rebanhos de gado porque nunca

reflão se acabou a herva dos vivos.

Sim, a crise de que sofremos vai certamente passar, mas o essencial é saber se a doença que infecciona a economia das sociedades modernas não será finalmente atacada, porque, se se está fazendo aos nossos olhos o processo da democracia e do individualismo, o processo da economia materialista, esse está feito: todos vemos que falliu. Estão-nos portanto vedado esse caminho, e eu não vejo outro que não seja substituir os graves erros que têm viciado a visão dos condutores de homens no Mun-

do e a parte verdadeira do nosso viver.

Abandonado o problema ás tendencias viciosas da Humanidade, foi-lhe dada uma solução que é em parte absurda: a produção desenvolveu, explorou este desenvolvimento em seu proveito, exagerou os consumos artificiaes, criou em avalanche necessidades puramente ficticias, e resultou daí que ainda não ha o estritamente indispensável para a vida e já há sobre-produção do que pudera escusar-se.



O sr. Presidente do Ministério ladeado pelos srs. ministros das Obras Publicas e Comunicações, Comércio, Marinha e Guerra, Joaquim Lança, secretario da União Nacional e tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais

do, por conceitos equilibrados, justos, humanos, de riqueza, de trabalho, de familia, de associação, de Estado. E' o que queria transparecesse das poucas palavras que ainda hei-de dizer.

Meus Senhores: O homem é essencialmente valioso, e dizem — mas parece que não é exacto — que a mulher ainda é mais. Deste defeito natural provem o desejo de agradação, a tendencia para a ostentação, para a superfluidade. Além disso, para a convenção da vida social, uma grande verdade. Vistas, porém, as coisas á luz do simples bom senso, aquela expressão traduz um desvio na vida económica, porque a seriação natural das necessidades humanas é alterada ou invertida, para que dê lugar ao dispensável o que é absolutamente preciso para viver. O desequilíbrio das diferentes peças do nosso vestuário — muito mais pobres as interiores que as de fora — e das salas das nossas casas em que a comodidade se concentra para nada na sala de visitas e a higiene não existe nos quartos, são aspectos banais, pitorescos, se quizerdes, dum problema que é no fundo grave. A cultura, a educação, costumam corrigir um tanto alguns destes defeitos, mas em Portugal de há séculos que a vida social tende para mentirosas exteriorizações, e que se nota grande falta de correspondência entre o aparato externo

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

preocupadas, de silencio, de meditação, tantas vezes de aparente ociosidade que os homens que dirigem superiormente a vida economica, dispõem no tempo o trabalho alheio, sistematizam, coordenam os esforços dispersos de outros homens, para o maior rendimento do conjunto e o maior interesse da colectividade. E' o trabalho do inventor, do técnico, do chefe da officina que permite ao simples operario viver.

Em suma: a riqueza, os bens, a produção não constituem em si próprios fins a atingir; têm

utilidades diferentes, tem rendimentos diversos e por isso não pode ter igual remuneração. Por este motivo ha diferenciação nos individuos, nos géneros de vida, nas classes da sociedade. Nós que temos adulterado o sentido de tanta coisa, também adulteramos esta: uns desprezam o trabalho manual e outros aviltam a superioridade da intelligencia, reivindicando como grande honra chamar-se também trabalhadores. Eles o são efectivamente, mas se ha no primeiro caso injustiça contra a dignidade do trabalho, ha no segundo baixa subserviencia perante a força material das massas operárias. Uns e outros estão fora da verdade.

Na base do trabalho está a necessidade fundamental de conservar e de transmitir a vida; na base do trabalho está a vida do trabalhador. Se muitos homens não dispõem para viver de mais nada senão do potencial do seu trabalho, duas conclusões se impõem: uma é que é preciso organizar a economia nacional de modo a terem trabalho os trabalhadores; outra é que o trabalho tem de ser regulado e organizado por forma que o salário permita aos trabalhadores viver.



Sr. Dr. Oliveira Salazar

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional e a actividade administrativa do Estado, dispostas, uma e outra, o mais possivel segundo a ordem racional das necessidades dos individuos e da Nação. Eis por que se afirma que a organização económica deve realizar o máximo de produção socialmente útil e que é obrigação do Estado zelar pela moral, pela salubridade e pela hygiene publica.

A riqueza é filha do trabalho e quem fornece o trabalho é o trabalhador. Damos a este termo um significado latissimo e fazemos entrar nesta categoria economica todo o esforço de ordem intelectual ou fisica que tem intervenção e utilidade directa ou indirecta no processo da produção, desde o professor ao governante, desde o agente da ordem ao simples operario. Não é trabalho só o esforço manual, o trabalho puramente mecanico de vigiar a máquina, de substituir a máquina; muitas outras especies de trabalho colaboram na produção, valorizando, multiplicando o rendimento daquele: o de criar, empreender, orientar, dirigir, fiscalizar. O nosso povo diz profundamente: o que trabalha é o cuidado — frase simples que contém uma verdade de boa observação. E' em horas

de realizar o interesse individual e o interesse colectivo; nada significam senão estão condicionados á conservação e elevação da vida humana. A este objectivo devem obedecer o conjunto da produção nacional

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

EM AVEIRO

O sr. governador civil realiza no salão nobre da Junta Geral do Distrito uma brilhante conferencia

AVEIRO, 14.— No salão nobre da Junta Geral do Distrito, repleto de pessoas das mais categorizadas do concelho de Aveiro, teve lugar pelas 15 horas de hoje, a conferencia de propaganda sobre o significado plebiscitario a realizar no proximo dia 19.

Assumiu a presidencia o illustre conferencista e prestigioso governador civil de Aveiro, major Gaspar Ferreira, secretariado pelos sr. dr. Justino Ferreira, tesoureiro judicial desta comarca e dr. Lourenço Simões Peixinho, presidente da Camara de Aveiro.

Em expressivas palavras o dr. Lourenço Simões Peixinho dirigiu-se á numerosa assembleia expondo com entusiasmo os motivos daquela reunião.

Alongando-se em varias e oportunas considerações lembrou a conveniencia de todos os presentes ao sairem dali, irem junto dos seus amigos e levá-los tambem ao cumprimento do seu dever civico. Nada de comedias— disse. Ao terminar as suas breves palavras foi calorosamente aplaudido.

Falou em seguida o sr. governador civil, major Gaspar Ferreira:

Começa por saudar a selecta assistencia e fodo o povo do concelho de Aveiro.

Afirma com satisfação que no Governo Civil de Aveiro se faz justiça a todos, e satisfaz na medida do possível a todos os pedidos justos. Não vai pedir o voto para a sua pessoa em troca dos beneficios que não promete. O interesse da Patria está acima de tudo. A sua preocupação constante é bem servir e o que lhes pede nesta hora de luta é o reconhecimento e gratidão do Estado em beneficio da Nação. Esse reconhecimento traduz-se no entusiasmo do povo que vai á urna com o voto favoravel pela continuação do engrandecimento da obra da Ditadura.

Antes de 28 de Maio a obra de fomento do País era nula. Ignoravam-se os grandes problemas dos portos, das estradas, enfim, de tudo o que constituiu progresso e civilização. O interesse do povo e as suas comodidades eram atendidas a troco de votos. Mas a Ditadura pela obra construtiva realizada demonstra o contrario. A Ditadura com o plano de reconstrução das estradas só ao distrito de Aveiro destinou 36 mil contos. O porto de Aveiro cujas obras estão orçadas em 21 mil contos é uma realidade á vista de todos. A rede telefonica estendida pelo distrito leva a comodidade aos povos das regiões distantes. Os poderes publicos, afirma, levam os beneficios a todos os portugueses em todos os recantos da Patria; isto no que diz respeito ao lado material.

Mas o esforço do Governo, o sacrificio do povo, a obra de fomento, a obra financeira da Ditadura perder-se-ia se nós não tratássemos do futuro politico português.

Para isso a Ditadura deu-nos a nova Constituição. Nós com ela vinha-

mos já de longa data apregoando o Estado Novo. E descrevendo a nova Constituição faz, a proposito, considerações, afirmando que ela tem como principio basico a Familia ao contrario do desejo dos que perfillham o individualismo.

Explicou-se sobre as vantagens da Familia como base da vida social.

Preconizou o Estado forte. Fez interessantes considerações sobre o papel da freguesia como celula primacial. E depois de se alongar em varias considerações com entusiasmo, brilho e eloquencia, termina a sua oração com a seguinte frase:

O Estado Novo é um Estado que permite a continuação e ressurgimento nacional como tem feito a Ditadura da Nação.

Uma calorosa salva de palmas coroou a interessante conferencia da qual apenas nos é possível dar uma breve noticia.

Da numerosa assistencia presente recorda-nos ter visto as seguintes pessoas:

Dr. Antonio Cristo, dr. Antonio de Sousa Machado, dr. Querubim do Vale Guimarães, capitão Afonso Lucas, Alfredo Esteves, dr. Jaime Duarte Silva, de Esgueira: Manuel Lopes de Almeida, Francisco Marques Pitarmas, de Cacia: Henrique Maria da Costa, José Simões Miranda, Antonio Ildefonso Dias Pereira, Antonio Gonçalves Teixeira Junior, Antonio Gonçalves Nunes, de Esgueira: Francisco Antonio de Pinho Junior, Antonio Marques da Graça, Manuel Dias dos Santos, Joaquim da Silva Baga, de Nariz: Francisco Mostardinha, Antonio de Oliveira Junior, Joaquim Tavares de Pinho, Bernardo Tavares de Pinho, José Romigio de Oliveira, Exco: João Nunes de Carvalho, prior Manuel da Cruz Pericão, Jeronimo Fernandes Mascarenhas, João Maria Lopes, João de Pinho Brandão; do Carregal: João dos Santos Coutinho, João Ferreira, Manuel Marques, Antonio Gomes, Manuel Antonio Camelo; Povo do Valado: José Marques Mostardinha, José Ferreira Canha, Manuel Tomaz de Vieira; de Oliveirinha: Prior de Oliveirinha, Joaquim Fernandes Rangel, Eduardo Leite, P.º Antonio Vieira, Arnaldo Ribeiro, Antonio Santos; de Aradas: Manuel Neves, João de Oliveira, Manuel Estudante, Amandio Ribeiro da Rocha, Antonio dos Santos Firão, João Nunes Cabaz, Manuel dos Santos Madal; de Requeixo: Atanazio de Carvalho, João Rodrigues Pereira de Carvalho, José Francisco, Diamantino Simões Jorge; de Mamedeiro: Manuel Martins Magalhães, José Marques Vieira, João dos Santos, Manuel Gonçalves; do Carregal: João Simões Neves; de Mataduros: Manuel Dias dos Santos; de Taboira: Antonio Marques da Graça; de Azurva: José Ferreira de Carvalho e Francisco Marques da Graça.—C.

A visita dos srs. governador civil e presidente da comissão distrital da União Nacional de Beja a Messejana

No imponente banquete oferecido pela Comissão de Melhoramentos e forças vivas, fizeram-se entusiasticas afirmações de fé nos destinos do País

MESSEJANA, 13.— Na nossa primeira reportagem sobre a visita dos illustres representantes do distrito á poetica vila de Messejana, apenas podemos focar a recepção imponente feita á sua chegada e a sessão solene, a todos os titulos grandiosa, realizada nos antigos Paços do Concelho, hoje propriedade da Junta de Freguesia.

A absoluta falta de tempo não nos permitiu occuparmos-nos detalhadamente do imponente banquete que constituiu um dos numeros mais brilhantes da recepção.

Vamos occupar-nos dessa festa que marcou pela forma como foi organizada, pela linda decoração da mesa, em forma de U, pelo original da iluminação, que dava á sala um aspecto de bom gosto e distincção.

O banquete iniciado ás 22 horas

decorreu sempre no meio da mais extraordinaria animação e alegria dos seus convivas, em numero aproximado de 40.

Tomou a presidencia o sr. governador civil, vendo-se á sua direita os srs. dr. Antonio Quaresma Sampaio, dr. João Pulido, Antonio Soares Paquete, tenente Eduardo Soares, e á esquerda os srs. José Duarte Albino, engenheiro Aires da Fonseca, José Soares Victor, e tenente Neves Graça.

Na sua frente viam-se os srs. Henrique Albino Figueira, José Pinto Guerreiro, Henrique Guizado, Afonso Romano, Antonio Guerreiro de Goes, Ernesto Carlos de Carvalho e a seguir os restantes convidados.

Pouco passava da meia noite, foram iniciados os brindes, falando em primeiro lugar o nosso querido amigo sr.

dr. João Pulido que começou por dizer:

Como presidente da comissão distrital da U. N. aprez-me declarar que estou imensamente satisfeito pela forma como a comissão desta freguesia tem sabido trabalhar, integrando todo este povo, já hoje numeroso, nos saos principios do Nacionalismo. A prova tive-a ha pouco nessa grandiosa manifestação do povo, a prova tinha-a nesta sala, onde vejo reunido, comungando nas mesmas ideias, tudo quanto Messejana tem de melhor. A todos pois os meus agradecimentos.

E após ligeira pausa.

Todas essas manifestações carinhosas e entusiasticas de fé e entusiasmo, nos destinos da União Nacional, são devidas ao Chefe, a essa grande figura de português, a esse firme reformador do credito e das finanças de Portugal, o dr. Oliveira Salazar. Para ele pois vão todas as manifestações.

A assistencia de pé e entusiasmada coroou as ultimas palavras do orador com uma prolongada salva de palmas ouvindo-se «vivas» ao sr. Presidente da Republica, ao Exército, á Patria, etc.

A seguir falou o sr. tenente Neves Graça. Palavras de fé e de esperança nos destinos da Ditadura e diz: «E' a primeira vez que venho a Messejana, das poucas horas que aqui me encontro levo as mais gratas recordações e a certeza de que o povo desta terra não deixará no dia 19 de lançar na urna a grande maioria de listas com a palavra sim, para gloria e grandeza de um Portugal Maior.

O sr. tenente Eduardo Soares diz: Tenho por costume agradecer as atenções que têm para comigo, duma forma simples mas bem portuguesa — muito obrigado—porem, aqui, abro uma excepção e direi mais algumas palavras; palavras de agradecimento em meu nome e em nome do Exército que tão calorosamente aqui tenho ouvido ovacionar.

O sr. tenente Soares acabou por brindar pelas prosperidades de Messejana e pela Ditadura.

A assistencia respondeu com «hurras» ouvindo-se tambem vivas ao glorioso Exército.

Seguidamente usou da palavra o engenheiro sr. Aires da Fonseca que foi recebido com uma vibrante salva de palmas.

Começou sua ex.ª por enaltecer a obra da Ditadura no distrito de Beja no capitulo estrada e o muito que ha para fazer.

Continuando: Algumas vezes tenho vindo a Messejana em cumprimento da minha missão, para que cá volte mais algumas vezes, para que se leve a bom cabo a rede completa de estradas no distrito, como de resto em todo o País. O orador falando com calor acrescentou: é preciso que todo o cidadão com capacidade de voto, no dia 19 vote a nova Constituição, lei fundamental de um país que quer viver, que quer ser grande, que quer progredir—aplausos.

Que todos saibam corresponder á nobreza, á isenção e ao esforço desse português illustre que é o dr. Oliveira Salazar, votando a Constituição e as aspirações dos povos, ainda hoje, por absoluta impossibilidade, não satisfeitas, serão um facto. («vivas» e aplausos).

O sr. engenheiro Aires da Fonseca terminou o seu discurso pedindo que o acompanhassem num brinde pelo sr. general Teofilo da Trindade, que foi entusiasticamente correspondido com «Hurras», ouvindo-se varios brindes da assistencia, aos engenheiros da Junta Autonoma, os distintos srs. Guimarães, Marvão, Oliveira e Seia.

Vai falar o sr. Manuel Salvador.

Palavras simples mas expressivas, rusticas mas sinceras.

«Senhor governador civil. Vim positivamente a Messejana apresentar a v. ex.ª os meus cumprimentos; podia tê-lo feito á pouco quando v. ex.ª visitou Aljustrel, (terra onde vivo) porem julguei-me dispensado de o fazer porque tambem não nasci lá; sou filho da terra que o viu nascer, somos portanto conterraneos e é nessa qualidade que apresento a v. ex.ª os meus cumprimentos respeitosos senhor governador civil. Sou chefe duma numerosa familia; pouco mais posso oferecer a v. ex.ª que o apoio de meus filhos; tenho a felicidade de os ver comungar nas ideias de seu velho pai. E' pouco, mas sincero; pode a Ditadura contar inteiramente, que no dia 19 lá irão ás urnas aprovar a nova Constituição,

Termino senhor governador pedindo licença para brindar por v. ex.ª para brindar por Messejana.»

As ultimas palavras do orador foram abafadas por uma prolongada salva de palmas.

O sr. Henrique Albino Figueira que a seguir usou da palavra principiou por dizer que faz parte desse grupo de novos que já hoje é uma força no País.

Força que dá o seu apoio á Ditadura porque reconhece na sua obra administrativa, qualquer coisa de grande, de gigantesco. Tão grande que saiu fora das fronteiras do noso Império e lá fóra, no estrangeiro admiram o esforço português e pretendem tomar por modelo as medidas salutaras do nunca igualado estadista dr. Oliveira Salazar.

O sr. Henrique Figueira que entretive a assistencia durante largo tempo, disertando com exuberancia de conhecimentos sobre o Estado Novo, acabou por pedir a todos os presentes que votassem a nova Constituição.

O discurso do sr. Henrique Figueira foi varias vezes interrompido com manifestações de aplauso ouvindo-se no final uma entusiastica salva de palmas.

Fala a seguir o senhor Antonio Soares Paquete.

Senhor governador civil, sr. dr. João Pulido, meus senhores:

Permitam v. ex.ªs que em nome do povo da minha terra lhes apresente os nossos melhores agradecimentos pela subida honra de os ter aqui como hospedes.

Este povo bom e humilde a que eu tenho orgulho de pertencer acaba de vos prestar justas homenagens, como v. ex.ªs há pouco tiveram ocasião de ouvir e agora neste momento expandem lá fora a sua alegria.

Podem v. ex.ªs contar com o apoio leal e desinteressado deste povo, apoio de que serão dadas provas no proximo dia 19, votando na sua maxima força a nova Constituição.

Senhor governador civil: Os povos têm muitas vezes aspirações e por elas batelham até ao fim. Messejana tam-

bem as tem. Uma delas é de alta importancia economica pela rica região que atravessa é a estrada que ligue a Alvalade. Disse v. ex.ª há pouco que podiamos contar com ela. Muito obrigado. Mas Messejana tem mais necessidades, tem mais aspirações, para elas peço a atenção de v. ex.ª.

Messejana é já hoje uma grande terra, o que pretende é justo, é razoavel, se o não fôsse jámais nos occuparíamos em pedir, porque não é nossa intenção levantar dificuldades a quem tem a espinhosa missão de dirigir os povos.

Messejana recebeu ha poucos meses um grande melhoramento, assistencia medica. Deveno-lo á Ditadura na pessoa do sr. ministro do Interior, dr. Albino dos Reis e ao sr. dr. Pulido aqui presente, este porque se empenhou e aquele porque autorizou que a Camara Municipal de Aljustrel pudesse criar o partido.

Muitos e muitos mais melhoramentos esperamos da Ditadura e dos seus illustres representantes, não em paga do nosso concurso que é desinteressado, mas sim em complemento da politica de realidades seguida pelos Governos da Ditadura. (Muncs apotados).

O sr. Antonio Soares Paquete terminou o seu discurso brindando pelos senhores drs. Oliveira Salazar, Albino dos Reis, pelo chefe do distrito e pelo sr. dr. João Pulido.

Encerrou a serie de brindes o sr. governador civil, agradecendo a forma captivante que tinha sido recebido, e as entusiasticas manifestações que endereçava ao Governo, dando disso conhecimento ao presidente do Ministerio sr. dr. Oliveira Salazar e ao sr. ministro do Interior.

O sr. governador civil terminou brindando pela Patria, pela Ditadura e pelo sr. dr. Oliveira Salazar, sendo bastante correspondido, ouvindo-se em seguida muitos vivas ao sr. Presidente da Republica, ao Exército e á Constituição.

Três horas da manhã. Na rua ainda muito povo.

Fazem-se despedidas, e assim acabou esta verdadeira apoteose á Ditadura.

A visita do sr. governador civil de Beja a Vila Nova de Baronia

VILA NOVA DA BARONIA, 15.— Em visita aos concelhos do seu distrito chegou ontem a Alvito pelas 17,30 o sr. governador civil de Beja, acompanhado do sr. Antonio Rosa.

O illustre visitante foi recebido á entrada da vila pelas pessoas de maior representação no concelho que lhe dispensaram uma carinhosa manifestação.

Uma vez na Camara Municipal, tomou sua ex.ª a presidencia, sendo-lhe dadas nessa altura as boas vindas pelo cidadão Joaquim Henrique da Silva que pronunciou o seguinte discurso:

Na minha qualidade de secretario da comissão concelhia da União Nacional e ainda como vice-presidente da Camara tenho a subida honra de apresentar á V. Ex.ª em nome desta e dos povos que compõem o concelho os nossos cumprimentos de boas vindas e sinceras saudações, saudações estas que se estendem ao venerando Chefe do Estado e ao Governo da Ditadura Nacional.

Tornam-se sempre agradaveis aos povos, as visitas desta natureza, porquanto traduzem o carinho que as actuais autoridades, da actual situação politica, sentem pelas regiões que tão devotadamente administram.

Apesar de V. Ex.ª, sr. governador civil, exercer ha pouco mais de dois meses a suprema magistratura do nosso distrito, desvaneceme o facto de constatar que já muito lhe devemos, motivo porque, este concelho vos está muito grato.

E' consolador verificar a notavel e grandiosa obra produzida pela Ditadura Nacional, para o engrandecimento da nossa querida Patria, desde o alvorecer do dia 28 de Maio de 1926.

E' tão notavel e tão grandiosa essa obra, sr. governador civil, que antigamente, Portugal guiava-se pelas outras nações e hoje, facto que nos enche a alma de gloria, são as outras nações que se guiam por nós.

Tudo isto se deve ao prestigioso chefe da União Nacional, cuja capacidade administrativa é difficil de conhecer tão brilhante é a sua vasta intelligencia. E' já que falo no português illustre que se chama Antonio de Oliveira Salazar, direi que é tão grande e profunda a minha admiração por esse ho-

mem é tão grande o respeito e veneração que lhe tributo, por este ter, como todos os portugueses muito bem sabem, evitado o desaparecimento e a ruina da nossa querida Patria, que, tendo 10 filhos, a todos eu ensinei a pronunciar com devoção, o nome de Salazar.

Está V. Ex.ª, sr. governador civil, rodeado de colaboradores illustres, mas entre eles um ha, que eu peço licença para destacar.

E' o illustre engenheiro Aires da Fonseca a quem o nosso distrito muito deve e que, como preito de homenagem sincera os povos de Alvito e Vila Nova enviam daqui, a Sua Ex.ª afectuosas saudações. Ao illustre engenheiro deve este concelho muitos melhoramentos importantes, muito principalmente a risonha e pitoresca Vila Nova da Baronia; motivo porque em cada um dos seus habitantes tem um amigo. A maneira afavel e cativante como Sua Ex.ª nos recebe quando o procuramos para lhe solicitar o estudo de diversos melhoramentos, confundem-nos, e por isso não canço de publicamente e por toda a parte divulgar a nossa imensa gratidão.

Aos povos de Alvito e Vila Nova a Comissão Administrativa deste Municipio pede que no proximo domingo, dia 19, votem a nova Constituição da Republica, pois só com a lial colaboração de toda a Familia Portuguesa a felicidade da nossa Patria será um facto.

Termino apresentando a V. Ex.ª as nossas mais sinceras homenagens e os nossos melhores agradecimentos.

Tambem ao prestigioso Chefe do Estado e ao Governo da chefia do eminente homem publico sr. dr. Oliveira Salazar enviamos as nossas mais sinceras saudações.

A seguir falou o sr. Antonio Rosa que largamente se referiu sobre a nova Constituição que devia ser votada e ainda sobre o paralelo da obra realizada antes e depois de 28 de Maio.

Por fim o illustre governador civil, sr. engenheiro André Bravo, num magistral discurso, fez a apologia da obra da Ditadura, descrevendo a traços largos tudo quanto se tem feito e

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

o que se projecta fazer dentro do seu distrito.

Falando sobre a Constituição, disse que não vem pedir votos, como se fazia em tempos idos, mas vem dizer que o povo, votando-a, paga uma dívida de gratidão ao Governo da Ditadura Nacional.

Foram levantados muitos «vivas» a

Visita á Vila de Castendo, do sr. dr. Francisco Pereira, governador civil do distrito de Viseu, em propaganda da nova Constituição

VISEU, 15.—Em missão de propaganda da nova Constituição Política a voltar no próximo domingo em todo o País, realizou no dia 15, na vizinha vila de Castendo uma sessão de propaganda, o ilustre chefe do distrito, que se fazia acompanhar dos srs. capitão Coelho da Mota, governador civil substituto, major Monteiro Leite, presidente da Camara de Viseu, tenente Joaquim Cavaleiro, comandante da Policia de Viseu, Amandio Silva, Oscar Ruas e inspector-chefe da Região Escolar de Viseu.

Junto da ponte do rio Dão aguardavam a chegada de s. ex.ª as autoridades e varias individualidades de destaque do concelho de Castendo.

Em frente do edificio dos Paços do Concelho estavam postadas em alas as crianças das escolas, acompanhadas dos seus professores, a banda de Castendo e uma grande massa popular que á chegada do chefe do distrito vitoreou o sr. dr. Francisco Pereira, o Governo da Ditadura, a Patria, etc.

Subindo á sala das sessões da Camara realizou-se então a sessão de propaganda sob a presidencia do sr. dr. Francisco Pereira que convidou para fazerem parte da mesa os srs. capitão Coelho da Mota, dr. Corte Real presidente da comissão concelhia da União Nacional, dr. Falcão e Cunha administrador do concelho, dr. Manuel Tavares, presidente da Camara e major Monteiro Leite.

Dada a palavra ao sr. dr. Manuel Tavares, começa por saudar e agradecer a visita ao concelho de Castendo, do sr. governador civil.

Referindo-se á nova Constituição, o orador diz que ela será o Estatuto que substanciará as regalias a dar ao povo português, ou seja a garantia de que a obra grandiosa do Governo da Ditadura continuará a imprimir ao País uma fase de intenso progresso e vitalidade.

Incita, por isso, todos os habitantes do concelho de Castendo a votarem a nova Constituição, cumprindo assim o seu dever de patriotas e de gratidão para o Governo que, por felicidade nossa, tem estado á frente da administração publica.

Finalizou levantando «vivas» ao sr. Presidente da Republica, ao Chefe do Governo e ao sr. governador civil, «vivas» que foram entusiasticamente correspondidos.

Falou, em seguida, o sr. capitão Coelho da Mota, começando por saudar a vila e os habitantes do laborioso concelho de Castendo.

Entrando propriamente no assunto que o levou a falar—o projecto da nova Constituição da Republica—diz que as suas palavras serão norteadas pelo lema imposto pelo eminente estadista, sr. dr. Oliveira Salazar: «*política de verdade*».

E assim, refere-se com calor e eloquencia á situação desgraçada que todos viviam nos tempos do 28 de Maio, devido á má administração dos Governos partidarios.

Uma frase: «Esses Governos agitavam o operariado para fazerem dele a alavanca que os alçapremava ás cadeiras do Poder». (Apoiados).

Rezultou—continuou o orador—que as estradas eram verdadeiras pistas de obstaculos por onde nem os antigos carros de cavalos podiam transitar, a rede telefonica era exclusivo apenas das cidades de Lisboa, Porto e Coimbra; os caminhos de ferro constituíam um verdadeiro cancro para as finanças nacionais; a nossa Marinha, completamente desorganizada, deixava os seus navios aprisionados em portos estrangeiros para garantia das dividas lá contraídas, por saldar.

O moral da gente honesta sentia-se pois, acobardado e envergonhado.

E assim se explica o triunfo do glorioso movimento do 28 de Maio levado a efeito pelo Exercito sim, mas

Republica, á Ditadura e á União Nacional.

Por fim foi S. Ex.ª visitar Vila Nova da Baronia onde lhe foi oferecido um «Porto de Honra» em casa do abastado proprietario sr. Francisco Manuel Fialho, retirando em seguida para Beja.—(C.),

que, na verdade, foi um movimento nacional. (Apoiados).

Desde que o leme da administração publica passou a ser guiado pelos Governos da Ditadura, no País começou a produzir-se este milagre: as nossas estradas são hoje das melhores da Europa; a rede telefonica estendeu-se e continua a estender-se por todo o País; a nossa Marinha de Guerra será dentro em breve alguma coisa com que Portugal pode contar para a sua defesa externa e até interna quando seja necessario. (Apoiados); a nossa situação financeira causa inveja ao Mundo inteiro.

E, acentuando com veemencia: O milagre verificado não é mais, pois, do que o produto do esforço e da competencia dos homens da Ditadura que nos têm governado desde o 28 de Maio, os quais, nada querendo para si, só desejam o prestigio da Republica e o progresso de Portugal e dos seus filhos.

O orador refere-se, em seguida, com palavras de justo louvor á competencia e honestidade do sr. dr. Francisco Pereira, afirmando que o Governo da Ditadura o convidou para chefear o distrito de Viseu justamente por reconhecer nelle aquelas qualidades que o impuzeram á consideração de todos os beirões.

O sr. capitão Coelho da Mota termina o seu brilhante discurso fazendo uma clara exposição do que é a nova Constituição da Republica a qual—diz o orador—deve ser votada por todos os bons portugueses que querem o bem da sua Patria.

Que todos cumpram, pois, esse dever. O sr. capitão Coelho da Mota, foi muito aplaudido, levantando se nesta altura varios vivas ao Governo, ao chefe do distrito, etc.

Usou em seguida da palavra o sr. Manuel Pereira Cardoso, digno inspector chefe da Região Escolar de Viseu o qual iniciou o seu discurso fazendo a declaração de que era republicano historico e assim se tornava insuspeito para declarar que a Republica que viveu até 1926 foi governada por homens sem competencia nem dignidade.

Espraiando-se o orador na situação degradante a que nos levou essa administração caótica dos politicos, citou varios factos, passados com ele como conclusão logica do espirito de seita que guiava os dirigentes de então.

Terminou fazendo a apologia da obra formidavel levada já a efeito pelo Governo da Ditadura, nomeadamente pelo sr. dr. Oliveira Salazar.

O orador foi bastante aplaudido. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. Albuquerque Azevedo, administrador-delegado do *Noticias da Beira* jornal que em Mangualde se publica como órgão da União Nacional daquelle concelho.

Salienta o facto do sr. major Monteiro Leite, ali presente, e pessoa que passa por alinhar na extrema direita da União Nacional, haver terminado ha tempos um seu discurso, dizendo: «Se a Republica pode satisfazer as nossas aspirações, que Viva a Republica.»

Ele, orador, que duas vezes se bateu pela Republica, não tem duvida em afirmar: Se esta Republica não pôde manter-se pondo nós em pratica aquilo que na propaganda apregoamos, esta Republica que se vá embora e preparemos o povo para outra.

Quando homens que assim pensam são dirigidos por um chefe prestigio-

so como é o sr. dr. Francisco Pereira e, quando, pairando mais alto se encontra um homem como Oliveira Salazar, é facil a todos os portugueses entenderem-se; e assim se justifica a existencia da União Nacional.

Termina pondo-se incondicional-

mente ao lado do sr. dr. Francisco

Pereira, cujos actos nos ultimos dez anos tem acompanhado de perto e lhe servem de garantia para o futuro.

As suas palavras calaram fundo nos assistentes.

O sr. Amandio Silva, digno inspector da fiscalização da Região dos Vinhos do Douro, usa em seguida da palavra.

Disse vir ali trazer as suas saudações e o seu apoio ao sr. governador civil, pessoa em quem reconhece qualidades inylgares para dirigir o distrito de Viseu, que muito lhe deve já.

Refere-se ao momento actual da vida portugueza em confronto com o que se passa em todo o Mundo, principalmente na vizinha Espanha, afirmando:

«Salazar é a primeira mentalidade do seculo. A sua acção ficará como um marco milinário na historia.»

Termina saudando as senhoras presentes, dirigindo-lhes estas palavras: Oxalá todas saibam fazer a propaganda da nova Constituição com o mesmo carinho e interesse com que tratam dos seus lares.

Finalizou levantando um «viva» ao sr. governador civil, sendo vivamente correspondido.

Fala agora o chefe do distrito de Viseu.

Sauda o povo de Castendo e agradece a homenagem que acaba de prestar-lhe.

Explica as razões porque não dispõe do tempo necessario para visitar todos os concelhos do seu distrito; porém não podia deixar de vir a Castendo onde conta em cada habitante um amigo e por cujo concelho nutre, desde ha muito, uma grande simpatia.

Aludindo á situação anterior ao 28 de Maio, afirma: «Caminhávamos para o abismo. Havia contas de sacco; por isso o dinheiro se sumia.»

Mais adiante: «A saúde das nacionalidades é como a dos homens». Os saos, resistem; os affectados morrem. Estamos resistindo como ninguém.

E porque? Simplemente porque á frente dos destinos do nosso País está um homem de rara envergadura como é o dr. Oliveira Salazar.

E continuando: Antes do 28 de Maio só eramos conhecidos a meia duzia de quilometros além da fronteira; hoje Portugal é citado como exemplo em todo Mundo. Estavamos sem Exercito e sem dinheiro. Hoje temos as contas em dia, o dinheiro valorizado, um Exercito que nos honra. A prata saia de noite ás escondidas; agora entra ouro ás toneladas.

O Governo tomou a seu cargo a abertura e conservação das grandes estradas, dando metade e em certos casos mais, para os Melhoramentos Rurais.

Refere-se á situação e aspirações do concelho de Castendo, afirmando que procurará satisfazer-las de acordo com a Camara e outras entidades.

O sr. governador civil, continuando a sua viagem de propaganda do Estado Novo, visitou os concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades

VISEU, 13.—A vila formosa de S. Sul, pela sua já adiantada idade e vida de permanente dedicação á sua terra, que muito tem engrandecido, e que se não dispensou, apesar de doente, de prestigiar com a sua presença o acto que se ia realizar.

No salão nobre da Camara Municipal, sob a presidencia do sr. governador civil que tinha a seu lado, á direita, o sr. Conselheiro Seabra de Lacerda e á esquerda o sr. dr. Abranches Martins, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de S. Pedro do Sul, usou da palavra em primeiro lugar esta entidade que, depois de saudar os visitantes proferiu o seguinte discurso:

Num improviso, como é seu costume, cheio de franqueza, que muito agradavelmente impressionou a numerosa assistencia, fala em seguida o chefe do distrito.

Depois de agradecer ao presidente da Camara as amáveis palavras que lhe dirigiu, em resenha, analisa toda a obra da Ditadura, depois de ter feito, sumariamente, a descrição do estado anarquico em que o País se encontrava antes do 28 de Maio. Explica o fim daquella visita e termina pela exortação ás urnas nas proximas eleições do dia 19.

Pergunta: Em vista de termos um Governo que satisfaz plenamente todas as aspirações nacionais haverá algum capaz de negar o seu aplauso a esse Governo, votando a nova Constituição?

Não deve haver, pois hoje só ha dois caminhos a trilhar: o comunismo ou o nacionalismo.

Enquanto nós trazemos na mente apenas o bem publico, os nossos adversarios trazem nas algibeiras listas das pessoas a chacinar e notas de débitos a receber do Estado, como recompensa—dizem eles—de prejuizos sofridos!

E' preciso, portanto, que todos se unam dentro da União Nacional.

Rende as suas homenagens ao sr. João de Albuquerque e Cáceres, ilustre Fidalgo da Casa da Insua, pessoa a quem muito deve o concelho de Castendo.

Terminando o seu brilhante discurso, o sr. dr. Francisco Pereira levanta um viva ao Povo de Castendo.

Sua ex.ª foi, depois, muito cumprimentado, tendo de assomar á varanda dos Paços do Concelho para agradecer ao povo a grandiosa manifestação que lhe foi feita.

A Banda de Castendo, executou, antes e depois da sessão, magnificas peças do seu vasto repertorio.

Dentre as pessoas presentes, lembramos ter visto os srs. José Leite, Teodosio Henriques Almeida, Armindo Martins, Serafim Fernandes, professor Fernando Moraes, dr. Sebastião Alcantara, professor Manuel Coelho Lopes, padres José Nunes Ferrão e Sebastião Fernandes, Miguel Maria Albuquerque e Castro, Antonio Rodrigues Albuquerque, Antonio Alves, Aires Matos Ribeiro, Luiz Soares, José Ribeiro.

Antonio Marques, Jeronimo Almeida Frias, José Maria Almeida, professor Antonio Almeida Frias, Leonel Fortunato, José Tavares Beirão, Amadeu Pina Vitor, Joaquim Marques, Alberto Freitas, José Mendes, Manuel Abrantes, José Ferrão, José Nunes Monteiro, João Rebelo, José dos Santos, Domingos e Manuel José da Costa, dr. Afonso Cabral Pinto, Francisco Pitão, Manuel Borges, João Albuquerque, Pedro Bernardino de Almeida, José Pinto, Joaquim Monteiro Amador, José e Manuel Abrantes Fernandes, José Veiga, Nelson Neves Bandeira, José Rodrigues Clemente, etc., etc.

De Mangualde acompanharam o sr. governador civil, os srs. dr. Americo Leão, dr. Barreiros Cardoso, João da Silva Laires, Celestino Cabral, Manuel da Cruz, Francisco Coelho Lopes, Albuquerque Azevedo e Monteiro Albuquerque, redactor do «Noticias da Beira», tendo comparecido numerosos elementos das Comissões Politicas da União Nacional e Juntas de Freguesia, do concelho de Castendo.—C.

O sr. governador civil, continuando a sua viagem de propaganda do Estado Novo, visitou os concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades

VISEU, 13.—A vila formosa de S. Sul, pela sua já adiantada idade e vida de permanente dedicação á sua terra, que muito tem engrandecido, e que se não dispensou, apesar de doente, de prestigiar com a sua presença o acto que se ia realizar.

No salão nobre da Camara Municipal, sob a presidencia do sr. governador civil que tinha a seu lado, á direita, o sr. Conselheiro Seabra de Lacerda e á esquerda o sr. dr. Abranches Martins, presidente da comissão administrativa da Camara Municipal de S. Pedro do Sul, usou da palavra em primeiro lugar esta entidade que, depois de saudar os visitantes proferiu o seguinte discurso:

Num improviso, como é seu costume, cheio de franqueza, que muito agradavelmente impressionou a numerosa assistencia, fala em seguida o chefe do distrito.

Depois de agradecer ao presidente da Camara as amáveis palavras que lhe dirigiu, em resenha, analisa toda a obra da Ditadura, depois de ter feito, sumariamente, a descrição do estado anarquico em que o País se encontrava antes do 28 de Maio. Explica o fim daquella visita e termina pela exortação ás urnas nas proximas eleições do dia 19.

Sua Ex.ª foi, durante o seu discurso, bastantes vezes interrompido, com palmas e apoiados, dos assistentes.

Encerrada a sessão, dirigiu-se o ilustre chefe do distrito, comitiva e numerosas pessoas de S. Pedro do Sul, para o Hotel Comercio onde lhes foi oferecido um almoço que decorreu animadamente.

No lugar de honra estava o chefe do distrito; la-veavam-no os srs. Conselheiro Seabra de Lacerda e marqués de Reriz; seguiam se os srs. dr. Francisco Moniz, capitão Coelho da Mota, governador civil substituto, tenente Oscar Ruas, tenente Joaquim Cavaleiro, administrador do concelho e commissario da Policia de Viseu, João de Almeida e Silva, Manuel João dos Santos Sobrinho, Americo Correia de Paiva, Alfredo de Sousa, Emilio Lourenço Torres, Antonio Tavares, P.º João Rodrigues Pereira, presidente da Camara Municipal dr. Abranches Martins, Alfredo Paulino; dr. Aloisio Correia de Paiva, João Meneses, Americo Nunes Rocha, Fradique Almeida Carvalho, Jacinto Soares, Manuel Almeida Casarões, e muitas outras pessoas que não nos foi possível fixar.

Ao champagne, o sr. presidente da Camara, dr. Abranches Martins perfeito orador de vasta cultura, abrindo a serie de brindes agradece mais uma vez ao sr. governador civil a sua presença naquella vila e após uma agradável e entusiastica lição de patriotismo deduzida da concepção—«A alma de Portugal é maior que o seu corpo» termina por saudar o Governo da Ditadura.

Imediatamente se lhe segue o prestigioso chefe do distrito, retribuindo e endereçando ás autoridades e pessoas presentes as suas saudações, prometendo exercer junto do Governo tudo o que ao seu alcance estiver, no sentido de engrandecer o concelho no seio do qual a situação encontra verdadeiros e dedicados servidores.

O sr. marqués de Reriz, em seguida levanta-se e brinda na pessoa do sr. João de Almeida e Silva representante do *Diário da Manhã*, toda a Imprensa nacionalista. Por sua vez este, em nome da Imprensa visada, agradece e retribui as saudações que lhe foram dirigidas, focando o seu apreciavel papel orientador, quando ao lado dum boa causa. Usaram tambem da palavra, os srs.: conselheiro Seabra de Lacerda, capitão Coelho da Mota, governador substituto e tenente Joaquim Cavaleiro. Por fim, depois de muito instado por todas as pessoas presentes, o sr. tenente Oscar Ruas consente em pronunciar algumas palavras.

Fazendo a descrição das suas viagens ao Oriente, donde ha dias regressou, faz desfilir perante nós todo o prestigio e grandeza do nome de Portugal, marcado indelevelmente, em toda a parte nessas longinquas paragens, pelos feitos heroicos dos nossos Maiores.

E a nossa alma patriótica, contristada espectadora da continua decadencia desse nome glorioso de Portugal,—liberto em 1926,—desses vendições da Patria, sente-se revigorar no profundo espirito nacionalista, que alvoreceu na gente moça de Portugal, sentindo-se com justo orgulho que esse nome, outrora tão glorioso, volta a possuir aquele prestigio e aquele brilho que fizeram dele luminar da civilização europeia.

Entrando no seu decurso, começa por agradecer os elogios e referencias que lhe fez o sr. governador civil, mostrando a sua satisfação por ver á frente do distrito a figura inconfundivel do dr. Chico Pereira popular e carinhosa designação por que é conhecido em todo o distrito o seu ilustre chefe, homem integro e duma honradez comprovada em todos os campos, homem duma só cara e duma só fé.

Alude ao seu profundo e arraigado Nacionalismo, mentor de todos os seus actos.

Em seguida, depois de prestar homenagem ao Nacionalismo de todos os presentes, falou do proprio e do seu imenso orgulho de ser português.

Em seguida numa exposição desprentenciosa, mas brilhante, leva-nos por aí fora, como numa caravela pelos mares do Oriente, que foi nosso, navegando sobre ossadas heroicas dos homens dos nossos grandes seculos.

E diante dos nossos olhos—«foam» surgindo como nas descobertas, ilhas e ilhotas, continentes e mares, onde as nossa figuras gigantes vão desfilando, onde a marca do genio Lusitano ficou para a eternidade da Historia e da Vida».

E continuando—«Aqui parou uma nau; ali fez-se aguada; acolá com-

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

bateu-se, mais alem morreu-se heroicamente... sempre um contra muitos». «Os imperios modernos foram desenhados pelas balizas que traçou o genio de Albuquerque, o maior genio colonial do Mundo, o mestre de Akbar Dupleix, Mormugton e Clive...» e o tenente Ruas, foi indicando: «—aqui e acolá numa visão de palmas e cheiro de magnolias os nucleos portugueses que ficaram, mas vivem ainda nas velhas tradições dos diabos do ocidente no orgulho dos seus maiores—os grandes portugueses—, Tanger, Ceilão, etc.

E seguindo sempre, descrevendo sempre... com entusiasmo e orgulho

O sr. governador civil de Santarem visitou Alcanena, sendo entusiasticamente recebido

ALCANENA, 14.— Alcanena recebeu no passado domingo a visita do sr. dr. José Caldas, ilustre governador deste distrito que vinha acompanhado pelos srs. dr. Artur Duarte, vogal da comissão distrital, da U. N., tenente Maximiano Neves e Zeferino Sarmiento, chefe da secção Electrotécnica de Santarem.

Junto dos Paços do Concelho eram os ilustres visitantes esperados, pelas entidades oficiais do Concelho, Associações, Banda dos Bombeiros Voluntarios e muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais, que lhes tributaram uma grande ovação, a Banda executou o Hino Nacional ouvido em continencia pela força da G. N. R. que fazia a guarda de honra.

Ouvem-se os primeiros calorosos «vivas» á Republica, á Patria, ao Governo e ao chefe do distrito.

Por entre alas compactas de povo e vibrantes salvas de palmas o sr. governador civil e comitiva entraram no Salão Nobre da Camara Municipal.

Procedeu-se imediatamente á posse das comissões parquiais da U. N. neste concelho, cujos vogais se encontravam presentes na sua totalidade.

Pelo chefe da secretaria da Camara foi lido o auto respectivo, a cuja assinatura se procedeu imediatamente.

Iniciou-se então a sessão solene, cujo brilhantismo constituiu mais um triunfo para a causa da Ditadura.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. Manuel Vitor Santos Moita, ilustre presidente da comissão administrativa do Municipio, que disse:

Ex.^{mo} sr. governador civil e meus senhores—Em nome da Camara Municipal de Alcanena a cujos destinos tenho a honra de presidir apresentamos a v. ex.^a e ilustre comitiva os nossos cumprimentos de boas vindas. Em v. ex.^a sr. governador saudamos o sr. Presidente da Republica venerando Chefe do Estado por quem fazemos votos de pronto restabelecimento.

Saudamos o Governo da Republica e sem desprimor para qualquer outro ministro, permitam-nos que destaquemos o ilustre Presidente de Ministerio, sr. dr. Oliveira Salazar. (Fartos aplausos).

Português dos mais ilustres, cujo valor nunca será demais enaltecer, só deseja a união de todos os portugueses e o seu bem-estar. A sua superioridade moral, a sua firmeza, a maneira absolutamente segura como procura encaminhar-se e encaminhar-nos, merecem-nos a mais cega confiança. A V. Ex.^a sr. governador civil, saudamo-lo e com toda a gratidão lhe dizemos muito obrigado por tudo quanto tem feito para o nosso concelho.

Sem exhibicionismos, V. Ex.^a tem pugnado e defendido os interesses dos concelhos do seu distrito com amor e dedicação. Continui a sua obra, sr. governador civil, e o povo lhe será reconhecido.

A V. Ex.^a, colegas da União Nacional, com as nossas saudações aqui vos declaramos a nossa fé viva nos destinos da Patria e como soldados disciplinados da Ditadura aqui estamos sempre prontos a defendê-la.

Seria ingratitude nossa não saudarmos tambem neste momento o Exercito português na pessoa do sr. tenente Maximiano Neves.

E já que me refiro ao Exercito, lembro-me a situação anterior ao 28 de Maio, em que os politicos lhe chamavam o glorioso e heroico Exercito e que hoje tão vilependiado é por eles.

Os soldados portugueses, meus senhores, não são traidores e se a Ditadura fosse uma traição á Patria, não teria durado uma hora.

exclama: «Eramos apenas um milhão e meio de portugueses. Hoje que somos alguns milhões mais do que não seremos capazes!»

A falta de espaço, obriga-nos com grande pesar, a cortar as possivelmente melhores passagens da sua brilhante exposição.

O sr. tenente Oscar Ruas termina por saudar no sr. governador civil todo o Nacionalismo Português.

Findo o almoço o sr. governador civil e comitiva seguiram para Vouzela e Oliveira de Frades, onde lhes foi servido um primoroso banquete.—C.

A Ditadura fez-se e não perseguiu ninguém: simplesmente defendeu-se quando foi atacada, castigando os culpados. Haverá nisto que censurar? A Ditadura fez-se para salvar Portugal e já não é só a nossa esperança que no-lo diz: os factos o provam com toda a eloquencia.

Temos estradas, escolas, portos em construção, Marinha de Guerra, telefones, subsidios rurais para acudir ás grandes necessidades, finanças equilibradas, etc. etc.

Meus senhores: para que a obra da Ditadura possa prosseguir é necessario que votemos a nova Constituição.

Tenho a certeza que venceremos mas é necessario que mostremos ao Governo que o concelho de Alcanena o apoia e que está ao lado da Ditadura.

Se fizermos o contrar o seremos ingratos para quem tantos beneficios nos tem feito e amanhã não teremos razão de nos queixar se as nossas petições não forem atendidas.

Não necessitamos de grande argumentação para mostrarmos a obra realizada; ela está bem á vista.

E aqui no nosso concelho continuaremos trabalhando mais e mais para o seu progresso.

Senhor governador civil: em cada habitante deste concelho tem v. ex.^a um admirador, a obra realizada é tambem obra de v. ex.^a muito obrigado. Terminou levantando vivas ao sr. governador civil, á Republica, ao Governo e ao sr. Presidente da Republica, que a enorme assistencia secundou delirantemente.

Seguiu-se no uso da palavra o administrador deste concelho sr. João da Silva Louro, tenente de Infantaria, que fez, como passamos a transcrever, desassombradas afirmações:

Sr. governador civil do distrito de Santarem:

No cumprimento de um honroso dever como delegado do Governo e de v. ex.^a neste concelho, é com desvanecimento e muita satisfação que venho em meu nome e no da população do concelho de Alcanena apresentar a v. ex.^a os respeitáveis cumprimentos de boas vindas e agradecer-lhe a gentil deferencia de oficialmente visitar a nobre e liberal vila de Alcanena. Nobre sim porque a nobreza desta vila não se apoia nos velhos pergaminhos de raças privilegiadas ou de feitos guerreiros, tem no entanto aquela grande sublime nobreza que nos iguala, e que melhor do que outra nobreza contribui para o progresso e riqueza da nossa Patria. Essa nobreza ex.^{mo} sr. governador civil é o trabalho, fonte perene de todas as riquezas, e unica que dá a felicidade.

Liberal porque de tempos remotos até ao presente jámais Alcanena, sem deixar o seu labor se tem distinguido pela forma porque se tem batido pela liberdade e emancipação das ideias democraticas sem contudo deixar de o fazer dentro da ordem.

Ex.^{mo} sr. governador civil: Ainda no cumprimento do dever do lugar que indevidamente occupo e para o bom desempenho do qual me sobra boa vontade e me escasseia a intelligencia, e ainda porque o pensamento do amigo querido e membro da comissão concelhia da União Nacional que em vida se chamou dr. Manuel Dias dos Santos que todos nós do coração choramos, me coloca numa situação pouco airosa, porque jámais eu poderei com vantagem substituir esse grande cidadão, essa alma de eleição e a quem na sua curta passagem por esta vila todos nós e em especial os desprotegidos da sorte muito devemos e mul-

tos sentirão a falta. E assim sr. governador civil eu cumpro modestamente o honroso cargo de apresentar a v. ex.^a os membros das comissões de freguesia, da U. N., Juntas e regedores deste concelho e a cuja posse v. ex.^a se dignou honrar com a vossa presença e bem assim o sr. dr. Artur Duarte, e em seu nome saudar v. ex.^{as}, chefe supremo do distrito de Santarem e na vossa pessoa o sr. Presidente da Republica e o Governo da Ditadura. (Ha nesta ocasião grandes aclamações á Ditadura, Governo, sr. dr. Oliveira Salazar á Patria e á Republica.

Ex.^{mo} sr. governador civil: os componentes da U. N., as comissões administrativas das Juntas de Freguesia e regedores, não são altas individualidades, nem têm pergaminhos de nobreza senão os que ha pouco apontei. São cidadãos pacificos e trabalhadores amigos sinceros da Ditadura porque vêm nela a ordem e o sossego e tranquilidade do País, representantes directos de todos que desejam que os deixem trabalhar em paz, e que lhe não arrebatem seus filhos para constantes revoluções, são homens que reconhecem o quanto Portugal tem progredido e o quanto tem subido no conceito das nações mercê da obra formidável da Ditadura, e que amigos da sua Patria como quaisquer outros e portanto desejando tambem que voltemos ao regime constitucional, pedem no entanto que não seja mais possivel os desmandos do passado, de contrario é preferivel a Ditadura.

Sendo eu apenas um humilde entre os humildes soldados da situação, rogo a v. ex.^{as} me relevem o ter-me permitido usar da palavra e alongar-me em considerações descabidas, mas que sinto como sentem aqueles por quem falo. Sr. governador civil, esta gente vem afoita para a U. N. por saber não ser um partido politico nem constituir uma chertela de politicos, vem porque quer com o seu modesto esforço auxiliar o Governo da Ditadura dando-lhe o seu apoio, e resolver os graves problemas de regeneração economica e financeira do País, dignificar a Republica e fazer-nos um Portugal melhor para todos os portugueses dentro do Estado Novo.

Ha detratores da verdade que procuram por todas as formas desvirtuar a verdade e desviar a corrente favoravel á Ditadura alegando não ser republicano quem a servir, eu sei que estão os ares turvos e a terra treme de baixo dos nossos pés prestes a abrir abismos para engulir todos os adeptos da Situação; pela parte que me diz respeito declaro que não recuo, estou ao lado da Ditadura porque quero estar; lições de republicanismo não as aceito de ninguém porque o meu passado responde por mim, nunca servi clientelas, jámais entrei em revoluções por interesses de partidos; como republicano, cumpro o meu dever para a mudança de regime em que não tolero que se toque sem o sacrificio da minha vida, mas quero porque sou um cidadão livre, estar ao lado da Ditadura, consequencia dos partidos, porque como todos os desapaixonados eu vejo a obra formidável da mesma e sem ela Portugal ter-se-ia afundado no lodo da ignominia.

O despeito de não terem sabido ou querido colocar os supremos interesses da Nação acima dos interesses dos partidarios coloca os inimigos da Situação num desespero tal que jámais perdoarão aos homens da Ditadura o terem-nos desmascarado mostrando á Nação o engano em que vivia acreditando nos seus elixires de salvação e de super-homens.

Lastimo estar em desacordo com alguns dos meus companheiros de antes de 1910, mas entendo que numa democracia cada um tem o direito de pensar sem ter que pedir licença a ninguém; o contrario não é democracia.

No final do seu discurso o orador levantou entusiasticos vivas á Ditadura, ao dr. Oliveira Salazar e ao sr. Governador.

Fala em seguida o sr. João dos Santos Lindim, como presidente da U. N. Concelhia.

Senhor governador civil. Sr. representante da comissão distrital da União Nacional de Santarem. Meus senhores: Na qualidade de presidente da comissão municipal da U. N. de Alcanena, compete-me a grata incumbencia de apresentar a v. ex.^a senhor governador civil, as minhas saudações de boas vindas pela vossa presença

neste acto e, ao mesmo tempo, exprimir os meus agradecimentos pelos beneficios que o Governo da Ditadura Nacional, por intermedio de v. ex.^a, tem concedido a este concelho.

A v. ex.^a, senhor representante da comissão distrital da U. N. de Santarem, endereço iguais saudações, salientando o facto, de que preciso é continuar a auxiliar sem descanço essa politica de verdade de realizações, em que ha cerca de 7 anos tem andado empenhado o Governo da Ditadura e da qual tem usufruido tambem a sua quota parte estes habitantes.

Saudando ainda as comissões das freguesias ligadas á U. N. deste concelho, cuja posse hoje se realiza, eu aproveito este ensejo para as animar a que nos prestem o seu valioso auxilio, a fim de que o seu esforço em intima colaboração com as entidades locais, resulte proveitoso, tendente ao progresso e engrandecimento regionais e á melhoria das condições de vida das respectivas populações. Estão V. Ex.^{as} na sede de um concelho pacifico e laborioso, que á custa de árduo trabalho, vêm mantendo com sacrificio, numa epoca de grave depressão economica, as suas industrias seculares, de que muito se orgulha.

E assim todos, num labor incessante, o capital, a tecnica e a mão de obra, unidos no mesmo objectivo, mantêm em nivel elevado, os creditos de que gosa esta terra que assim se torna credora de que os poderes do Estado a auxiliem na resolução dos problemas e aspirações regionais.

E' já grande a obra levada a cabo pelo Governo de que é figura inconfundível o sr. dr. Oliveira Salazar, obra inspirada no ressurgimento de todos os sectores da actividade nacional (o orador é interrompido por momentos, com vivas ao sr. dr. Oliveira Salazar).

Deste grande estadista, esperamos confiados a resolução dos problemas politico e economico, de maneira que a paz e o trabalho sejam o lema deste povo, esquecendo-se antigos agravos, e transformando definitivamente Portugal num lar abençoado em que vivam fraternalmente todos os portugueses.

Não quero deixar ainda de evocar com a mais viva saudade, a memoria de um grande e prestante amigo desta terra, que foi vice-presidente da comissão da U. N. concelhia, o sr. dr. Manuel Dias dos Santos, para prestar como vida homenagem ás suas excellentes qualidades de caracter e intelligencia, lamentando a sua morte prematura, que em todos os alcanenenses deixou profunda mágoa, quando ainda tanto havia a esperar da sua desinteressada e utilissima colaboração.

A v. ex.^a, senhor governador civil, renovo os meus agradecimentos, confiando que outros melhoramentos venham beneficiar esta terra, para a realização dos quais a melhor colaboradora é a comissão administrativa deste Municipio, que se não tem poupado a trabalhos de toda a ordem.

E para terminar faço votos para que o trabalho da U. N., organização politica de apoio á Ditadura, se encaminhe no sentido de integrar a Nação no Estado Novo, cujo primeiro acto de notavel transcendencia politica será a aprovação da futura Constituição, que é a base fundamental em que ha de assentar esta nacionalidade restaurada (uma salva de palmas premiou este interessante discurso).

Levanta-se então para falar o dr. Artur Duarte, de cuja brilhante peça oratoria só podemos dar este apagado resumo:

Interpreta a solidariedade da comissão distrital da U. N. aos que afirmam desassombradamente quererem colaborar na reorganização do Estado Novo, na ressurreição de Portugal.

Está travada luta entre duas correntes bem diversas: De um lado, os que fazem tábua rasa dos principios multiseculares em que assenta a nossa civilização; os que pretendem destruir o lar, a familia, a propria Patria; do outro, os que defendem a unica organização social capaz de garantir a elevação e a dignificação da personalidade pelo respeito dos direitos do individuo e clara e insofismavel definição dos seus deveres—fontes de toda a ordem e de toda a disciplina, condição essencial do trabalho que nobilita e redime os povos.

Nessa luta não ha lugar para a massa inerte dos comodistas, que serão os primeiros a ser dilacerados pelo entrecroçar das duas correntes.

Logo é preciso definir, é necessario que cada um escolha a sua posição.

Os homens que ha sete anos nos governam encarnam absolutamente o sentimento de ha muito recalado na alma do povo português, que quer Portugal livre e independente. Era preciso que se organizasse uma verdadeira união nacional contra o estado de barbarie em que hoje se debatem outros povos, ameça permanente para o Mundo inteiro.

E de facto se organiza em bases destrutivas. Assim o sonho do coronel Lopes Mateus é agora felicissima realidade! E podemos responder á chamada: «pronto! aqui estamos para fazer reviver o brilhantissimo passado de quem abriu mundos novos ao Mundo. (A estas palavras responde a grande multidão com vivas á Patria). A U. N. é um bloco indetificado com a propria Nação, uma força na qual o Estado se apoia, assegurando a todas as classes uma melhor compensação do seu esforço, promovendo que o capital, o trabalho, a terra, caminhem unidos para o desenvolvimento da riqueza geral, para o bem colectivo.

Não haverá lugar a interesses pessoais, alem daqueles a que cada um tenha legitimo direito! (Aplausos).

O poder deve ser desempenhado pelos mais competentes, pelos mais honestos.

Estes principios encontram-se claramente definidos no projecto da Constituição, que não é um conjunto de palavras ócas e conceitos abstractos, nem tampouco, amontoado de ideias estrangeiras inadaptaveis á indole, aos costumes, aos sentimentos do povo português. Foi inspirado nas realidades do presente, na beleza do passado nas probabilidades do futuro! E se não é perfeito porque é humano, é, decerto, muito melhor do que o que existia.

Lê varios artigos da Constituição demonstrando a importancia que nelles se consigna á familia, aos poderes locais, ao bem estar dos que trabalham, á moralisação dos costumes, o que traduz claramente os lúpidos propositos dos bons e leais portugueses a quem estão confiados os nossos destinos. Os que contrariam esses propositos pretendem apenas regressar ás posições abastadas, ás benesses arrancadas dos cofres do Estado.

Mas por mais que digam, por mais que façam, não podem evitar que transitemos pelas estradas novas, que entremos nos postos telefonicos, que utilizemos para nossos filhos as escolas, que bebamos das nossas fontes, que sintamos orgulho de ser portugueses, que digamos ao Mundo: vamos ter Marinha de Guerra capaz de nas plagas longinquas de todas as partes do Mundo, defender das ambições e dos ataques inimigos o nosso riquissimo imperio! (Prolongada ovação).

Aponta o caso de varias nações em crise e afirma que em Portugal não foi possivel tão dolorosa situação, porque alguém teve aquela força de espirito necessario para evitar! (Ovação ao dr. Oliveira Salazar).

«Assim foi possivel—afirma com veemencia—que voltasse ao Banco de Portugal a nossa prata que os politicos deixaram sair. Que o Banco de Portugal possua a maior percentagem de reserva-ouro de todos os Bancos emissores da Europa. (Calorosos aplausos).

«Um homem modesto, trabalhador, despido de vaidade e de orgulho, que assim trabalha para erguer Portugal, para—(na sua propria frase) «evitar que uma mãe chore de raiva por não ter que dar de comer a seus filhos, e uma criança chore porque a mãe não tem que lhe dar!»

Digamos, pois, a esse homem extraordinario! Pronto! Cá estamos para a defesa da Patria-Mãe Comum! (uma verdadeira trovada de aplausos coroou este discurso, que produziu verdadeira e justificada sensação).

Discurso em ultimo lugar o sr. governador civil. Agradeceu a maneira carinhosa por que foi recebido e as saudações que lhe tributaram e que gostosamente endereça á U. N. O Governo—afirma—não esquece a colaboração das autarquias locais entre as quais occupa lugar proeminente.

A Ditadura saberá continuar o seu caminho, com o apoio dos bons portugueses e colocando acima de tudo os interesses da Nação, realizando, sem promessas nem palavras desnecessarias, uma obra que se impõe a todo o Mundo, que perante ele nos coloca numa situação unica de que melhor

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

aproveitarão os nossos filhos (vibrantes aplausos). Mas não seria necessário, já, para consagrar o movimento de 28 de Maio, do que todos essas realizações de utilidade pratica e imediata. E' que antigamente, quando os interesses partidarios eram a unica politica deste País, prometia-se tudo, mas nada se dava; o povo via desaproveitado o seu esforço.

Arrancada a Nação do lodo em que o individualismo nos conservava, um brilhante futuro se nos depara.

O projecto da nova Constituição da Republica Portuguesa—uma e indivisível—é a a garantia desse futuro.

Os seus principios são de união e não de divisão; e por isso, a eles podem aderir todos os bons portugueses.

Portugal continuara a ser, no conceito mundial, um elemento de ordem, a quem se olha com respeito.

A Ditadura saberá desassombadamente cumprir o seu dever, chamando a consciencia da alma nacional para melhores destinos, preparando para a Patria e para a Republica um futuro melhor.

Todos os discursos foram sublinhados por calorosos aplausos, salvas de

palmas e entusiasticos vivas á Ditadura, á Republica, ao Exercito, á Marinha, ao dr. Oliveira Salazar, ao Presidente da Republica e ao sr. governador civil.

Terminada a sessão o chefe do distrito recebeu no gabinete da presidencia da Camara, todas as pessoas, colectividades, autoridades, corpos administrativos e comissões na U. N. que o foram cumprimentar, tendo tido palavras de especial louvor para a Banda dos Bombeiros Voluntarios de Alcanena, á qual fez entrega do subsidio de 1.000\$00 (mil escudos).

O sr. dr. José Caldas informou os interessados de que, por despachos muito recentes, foram concedidos novos e importantes subsidios para a estrada de Monsanto á Serra de Santo Antonio e para a conclusão da Escola e Cantina Escolar de Minde.

Com o mesmo ceremonial da entrada, o sr. governador saiu dos Paços do Concelho, dirigindo-se a Vila Moreira acompanhado da sua comitiva e mais a comissão administrativa de Alcanena, onde presidiu á inauguração de um posto telefonico.—E.

NA FIGUEIRA DA FOZ

Sob a presidencia do sr. governador civil, realizon-se uma sessão de propaganda da nova Constituição da Republica e posse das comissões da União Nacional deste concelho, a qual decorren com verdadeiro entusiasmo

Discursaram, enaltecendo a obra da Ditadura, e a a nova Constituição, os srs. governador civil, reitor da Universidade, dr. Nogueira de Carvalho, dr. Canavarro de Valadares, dr. Alberto Borges, dr. José Jardim, rev. Palrinhas, fazendo todos afirmações de alto valor politico

A conferencia do inspector escolar da região, sr. Albano Ramalho, foi notavel pelo seu admiravel trabalho estatistico sob o tema «A obra da instrução na Ditadura», sendo ouvida com interesse extraordinario e interrompida por vezes com grandes aplausos

FIGUEIRA, 13. — A União Nacional, que oficialmente se encontra desde ontem representada oficialmente pelas suas comissões municipal e de freguesias, está produzindo os seus efeitos de vitalidade e força nesta cidade e em todas as freguesias do populoso concelho, como igualmente, grande é, o incremento em todo o País de Norte a Sul.

Demostrou-o bem o numeroso publico que assistiu á sessão realizada ontem no salão nobre da Camara Municipal, que decorreu com notavel elevação e entusiasmo, ouvindo-se constantes aplausos á formidavel obra do Governo da Ditadura, presidido pelo notavel estadista sr. dr. Oliveira Salazar, a quem foram prestadas manifestações de grande simpatia.

Depois do salão se encontrar repleto de pessoas de todas as classes sociais, muitos convidados de elite, e muitas senhoras na sua maioria professoras, officiais do Exercito etc., tomou a presidencia o governador civil sr. dr. Moura Relyas que convidou para secretarios os srs. dr. João Duarte de Oliveira, reitor da Universidade; e dr. Nogueira de Carvalho, respectivamente presidentes da comissão distrital com sede em Coimbra e da comissão municipal da Figueira.

Usou em primeiro lugar da palavra o sr. dr. João Duarte de Oliveira, que iniciou o seu discurso por cumprimentar as comissões da U. N. da linda cidade da Figueira da Foz, encontrando-se satisfeito por ver occupar esses cargos individualidades que á U. N. e Ditadura, estão prestando relevantes serviços e que desejam como ele orador, uma politica de ordem e ressurgimento nacional.

Faz o elogio da nobre figura do illustre figueirense que preside á Comissão da União Nacional, sr. dr. Nogueira de Carvalho, e isso tanto basta para que, com o seu prestigio e o dos seus cooperadores, a União Nacional na cidade da Figueira da Foz, e seu concelho, constitua um forte baluarte do Estado Novo.

Faz varias considerações de ordem social, politica e economica, afirmando por fim, ter fé pelos destinos e futuro de um Portugal ainda maior, que possui como esteio a alta e prestigiosa figura do sr. dr. Oliveira Salazar.

Fortes aplausos coroaram as ultimas palavras do illustre orador.

Em seguida fala o sr. dr. Nogueira de Carvalho que depois de agradecer as amaveis referencias que lhe foram dirigidas pelo sr. dr. Duarte de Oliveira, diz: Só a grande obra cheia de patriotismo e honestidade, tanto economica como financeiramente, levada a cabo pelo sr. dr. Oliveira Salazar, me obrigou a colaborar nela com os meus amigos, cheios de vontade.

Fala com firmeza da grande obra de ressurgimento nacional em todo o País, e se aceitou o cargo de presidente da Comissão Municipal não foi com a mira de quaisquer interesses ou ambições mas sim apenas como bom português, desejar servir a sua Patria e bem assim os interesses da sua terra. No final grandes aplausos.

O discurso do sr. dr. Canavarro de Valadares

E' dada agora a palavra ao sr. dr. Canavarro de Valadares, illustre advogado, orador elegante, com frase clara, cujo discurso foi ouvido com grande atenção.

Apresentou os seus cumprimentos ao sr. governador civil, representante do Governo da Nação neste acto de tão solene significado para a vida social da Figueira da Foz e do seu Municipio; ao illustre presidente da Comissão Distrital da União Nacional, sr. dr. João Duarte de Oliveira, um dos mais distintos alunos da geração academica do orador que, pelos dotes brilhantes da sua inteligencia e do seu caracter, entrou no Professorado Superior, desempenhando hoje as altas funções de reitor da historica Universidade de Coimbra—e, finalmente, á Ex.^{ma} Comissão da União Nacional concelhia, na pessoa do seu presidente, o sr. dr. Frederico Nogueira de Carvalho, vulto eminente de incomparavel relevo, neste meio e que, por si só, seria garantia mais do que bastante da acção eficiente e valiosa dos seus cooperadores.

Constituem estes um nucleo de vontades firmes, de energias conscientes e de intelligencias lucidas que, sob a orientação ponderada do espirito superior do sr. dr. Nogueira de Carvalho, cheio de vibração juvenil, apesar dos seus anos—ha-de, certamente, produzir beneficos frutos para o progresso material não só da cidade da Figueira da Foz, como de todo o seu vasto concelho.

Este acha-se ali largamente e brilhantemente representado não só pelas figuras marcantes que nas diversas freguesias quiseram tomar sobre os seus ombros a direcção da União Nacional, como por muitos outros elementos de valor que, como aqueles, acompanham franca e abertamente a politica de verdade, de realizações praticas de saneamento economico, superiormente dirigida pelo eminente estadista de reputação mundial, que é o sr. dr. Oliveira Salazar, para completo ressurgimento do Velho Portugal!

Foi essa politica de verdade, essa politica nacionalista por excelencia que fez congregar ali, adentro da sala nobre dos Paços Municipais, esta numerosa assembleia.

Não veio ela ali em busca das desastrosas compensações das antigas clientelas politicas dos partidos: não a trouxe ali o chamamento dos caciques, as dependencias materiais, os interesses mesquinhos de facção, a facil glorificação de transitorios idolos! O sentimento unanime que moveu estas centenas de homens, conscientes dos seus direitos e cumpridores dos seus deveres civicos, foi a fé, a confiança que depositam na Obra incomparavel do Governo da Nação e, sobretudo, na figura do seu Presidente, sr. dr. Oliveira Salazar. (Muitos aplausos).

Hora grave da nossa historia, designou a hora presente o sr. dr. Duarte de Oliveira, no seu brilhante discurso de ha pouco. Hora decisiva, de verdade! No proximo dia 19 a votação plebiscitaria da Constituição do Estado vai inaugurar uma nova era da historia Patria. Vai ser consagrado como Lei Fundamental da Nação um estatuto juridico quasi modelar, com evidente superioridade sobre todos os congéneres de que a minha cultura de direito politico tem conhecimento.

E' grave a hora, sem duvida, mas quando sentimos a apoiar as novas aspirações do Estado a massa sa, a massa consciente da Nação, que a politica da Ditadura fez vibrar nas mais intimas energias das suas camadas conservadoras, despertando-as para o uso proficuo e util dos seus direitos sagrados de defesa—quando, como na Figueira vemos essas ideias apoiadas por um grupo de homens como o que aqui se encontra reunido, podemos olhar de frente e com confiada serenidade essa hora grave, mesmo decisiva, porque de antemão sabemos que dela sairemos vencedores! (Vivos aplausos)

E terminando, ainda depois de outras considerações, o orador disse: Pode v. ex.^{ta} sr. governador civil como representante do Governo, afirmar-lhe que neste concelho a União Nacional se encontra organizada por forma tal que a victoria das ideias do Movimento de Maio é aqui um facto e que todos os que nela cooperam, até mim, simples soldado, mas já veterano pelos meus cabelos brancos, nos encontramos perfeitamente integrados num pensamento unico de nobre aspiração, que peço licença para concretizar num singelo brado de entusiasmo: Viva o Ressurgimento de Portugal.

Este viva foi entusiasticamente correspondido e o discurso do dr. Canavarro de Valadares coroado com uma longa salva de palmas.

E' dada depois a palavra ao sr. dr. Alberto Borges, que da mesma forma, fé e patriotismo, preconiza a junção de todos os portugueses no sentido de se fazer uma politica de patriotismo e ordem.

Continuando com varias considerações salienta a obra da Ditadura como sendo a unica que satisfaz ao bem da nação para um maior prestigio etc.

No final, foi como os oradores anteriores muito aplaudido.

Fala o dr. José Jardim, administrador do concelho, cujo discurso chelo de grandesa, é entusiasticamente cortado por vibrantes aplausos

Já outro dia vos tracei o perfil do dr. Salazar—disse.

Já vos falei da obra nefasta dos antigos partidos, fulcro de desordens e revoluções, esse espectáculo degradante e miseravel, que nos fazia passar no estrangeiro como um país de selvagens.

Expus-vos a acção do glorioso exercito português no 28 de Maio; um grito de libertação contra os grupos po-

liticos que infestavam a Nação, sugando-a e enfraquecendo-a.

Uma frase: O exercito português ganhou mais popularidade fazendo o 28 de Maio sem derramamento de sangue, do que se tivesse vencido uma batalha.

Tambem Napoleão conquistou mais a admiração do povo francês fazendo a paz em Campo Formio do que preparando-a em Austerlitz.

Recordai-vos a obra gigantesca da Ditadura Nacional, e disse-vos que afortunadamente ia já distante a hora em que Portugal se quisesse contrair um emprestimo externo, o teria que fazer com subservencias que afectariam a dignidade da nossa soberania.

Entretanto nada pedimos, e fizemos estradas, pontes, portos, escolas, hydraulica agricola, redes telefonicas, hospitais, asilos, creches, dispensarios, albergues, sanatorios, desenvolvemos o turismo, a obra dos Municipios é extraordinaria, gozamos de credito externo, temos a missão diplomatica a cumprir, uma obra colonizadora em curso, restaurámos a Marinha de Guerra, equipámos e municiamos o exercito, etc.

A nossa obra financeira é exaltada pelos orgãos officiais da Alemanha, como a gazeta de Francfort, da Inglaterra, como o Times, e o Financial Times, da França, como o Temps, da America, etc., e apontada como exemplo a meditar na proxima conferencia de Londres.

Da União Nacional, disse-vos que não era um partido, mas sim a união de todos quantos em Portugal representam valor, qualquer que seja a esfera social considerada, qualquer que seja o seu credo; uma agremiação que só se preocupa com a Nação na manutenção da sua integridade territorial e na conservação da sua independencia politica; um bloco que constitui a base essencial, estavel e continua da existencia da personalidade da Nação.

Referi-vos que ao antigo Parlamento se podia aplicar esta frase de Proudhon—«Os homens que ignoram mais completamente o estado dum país são quasi sempre os que o representam».

Falo-vos agora da nova Constituição.

A nova Constituição, é o alicerce do Estado Novo sobre o qual ha-de ser construido, no qual ha-de enfeixar todo o sistema de leis organicas destinadas a substituir o pernicioso individualismo gerado pela Revolução Francesa, pelo espirito de solidariedade entre as classes e os individuos.

A nova Republica corporativa não vai ser uma utopia, a-pesar do contraste que ela apresenta com o actual estado de isolamento legal, tanto para o patrão como para o operario.

E isto, porque a corporação não assenta sobre um contrato de trabalho; assenta sobre um contrato de associação, portanto sobre a adopção de regras comuns para o exercicio da profissão.

Proclamado agora em direito o Estado corporativo a paz social reinará entre nós com todos os seus beneficios visto que a ordem social se baseia na associação das classes.

Diz a segunda parte do artigo 15.º da Constituição:—«As corporações serão reguladas na sua constituição e no exercicio das suas funções por normas especiais».

Com efeito as corporações irão encontrar na legislação social o apoio e não o obstaculo.

Nenhum regime como o corporativo pode comunicar ás instituições uma maior estabilidade.

O que é que o trabalhador deseja? Uma remuneração justa e equitativa para o seu trabalho; o meio de viver convenientemente, ele e sua familia, cada um segundo a sua condição; é necessario fazer entrar na avaliação dum justo salario o desconto dos anos de infancia, o sofrimento e a velhice que tiram quasi metade da vida humana; o desemprego e os accidentes; as necessidades da mulher e dos filhos que não são capazes de ganhar por si a sua vida.

Pois bem: a nova Constituição protege-o, ao contrario da Constituição de 1911, que nem uma palavra dizia no sentido das realidades sociais, garantindo-lhe este salario.

Pelo artigo 31 e numero III, o Estado tem o direito e a obrigação, de conseguir um maior salario, compativel com a justa remuneração dos outros factores da produção, pelo aper-

feiçoamento da tecnica, dos serviços e do credito.

E agora pergunto. Não é o dr. Salazar, o homem que raras vezes promete, mas quando promete cumpre sempre, um bom fiador destas palavras:

—«O Estado tem a obrigação...» Indubitavelmente.

De futuro já se não verificarão destes paradoxos. Num ano está o produto cotado a 11 e o salario a 8; noutro ano está o produto cotado a 15 e o salario a 6. Como já se não verificará este outro: Vender o lavrador o produto num anno 14 e o intermediario a 18, noutro ano vender o lavrador o produto a 11 e o intermediario a 19.

E isto porque pela nova Constituição o Estado tem tambem a obrigação constante do numero II do artigo 31.º «Defender a economia nacional das explorações agricolas, industriais (comerciais de caracter parasitario ou incompativeis com os interesses superiores da vida humana».

Com o aperfeiçoamento da tecnica, e isto está se verificando com os ensinamentos dos campos experimentais, já por exemplo uma terra que produz presentemente 1000 kgs. de cereal por hectare de superficie, passará a produzir 5000 kg. Mas o lavrador, para a fazer produzir assim, tem que fazer no seu campo um maior numero de serviços agricolas, estará em grande parte resolvida a crise do desemprego para o trabalhador rural e assegurados os interesses do proprietario e do consumidor.

Este objectivo só se pode porém atingir quando estiverem concluidas as grandes obras de hydraulica agricola que se projectam.

E como seria possivel faze-las no tempo dos partidos? Onde havia as fabulosas quantias que custam esses empreendimentos?

Diz o artigo 35.º da Constituição: «A propriedade, o capital e o trabalho desempenham uma função social em regime de cooperação economica e solidariedade, podendo a lei determinar as condições do seu emprego ou exploração conformes com a finalidade colectiva.»

Aberto o credito, já a crise da classe média que é ainda maior que a do trabalhador, será menor, pois já pode lutar contra as especulações que a arruinam.

Pelo artigo 41.º da Constituição que vai ser posta a plebiscito, o Estado promove e favorece as instituições de solidariedade, previdencia, cooperação e mutualidade. Quere dizer, intensifica a assistencia e distribui equitativamente os seus beneficios.

Pelo n.º III do artigo 6.º incumbelhe zelar pela melhoria de condições das classes sociais mais desfavorecidas.

Já outro dia vos falei dos belos conceitos exarados nos artigos 5.º e 6.º, e dos direitos e garantias individuais, e por isso abstenho-me agora de repetir as considerações que então fiz.

A Constituição de 1911 nada continha que se referisse á ordem economica e social, e mesmo no que respeita ás garantias individuais, o individuo pela propria letra dessa Constituição estava absolutamente sob o dominio do Estado, o que agora não acontece nesta nova Constituição.

Concordo inteiramente com o que li há dias numa revista da especialidade: «Na Constituição de 1911 ao lado do individuo teoricamente soberano havia o Estado praticamente omnipotente».

Agora, não. As corporações representam a associação e podem opôr-se quando sejam muitas e de qualidade, ao contrario do individuo, aos excessos dos homens investidos no mando.

São a garantia eficaz dos direitos individuais dos seus membros. Todas as classes têm o direito á vida, e a nova Constituição assegura-lhes uma nitida, humana e proveitosa compreensão dos seus direitos e obrigações.

A nova Constituição acaba tambem com o espectáculo de vergonha e ruina de haver um Ministerio por cada periodo de 4 meses. Foi esta a media desde 1911 a 1925.

E' mester, pois, que todos os bons portugueses votem a nova Constituição.

Uma quente manifestação de simpatia se prolongou após o brilhante discurso produzido com palavra facil e fluente.

(Segue na 15.ª página)

ELEGANCIAS CINEMA PELO TEATRO

OBRAS DE CARIDADE

MATINEE CINEMATOGRAFICA

Organizada por uma comissao de senhoras da nossa primeira sociedade, realiza-se na tarde de amanhã, no Cinema Palacio, ao Arco do Cego, gentilmente cedido pela empresa, uma interessante «Matinée cinematografica» de caridade, cujo produto se destina a favor do Patronato da Freguesia de Benfica, sendo o programa gratuitamente cedido pela firma Castelo Lopes.

Os poucos bilhetes que restam para esta elegante «matinée» de caridade, requisitam-se pelo telefone Benfica 116, residencia da sr. D. Stella Belmarço da Costa Santos.

CASAMENTOS

Pela sr. D. Rosalina dos Santos Marques Gomes e por seu filho o engenheiro sr. Manuel Marques Gomes, foi pedida em casamento, no Porto, para o sr. Reinaldo Marques Gomes, a sr. D. Maria José de Melo Pestana, gentil filha da sr. D. Antonia de Melo Pestana e do sr. Antonio Pestana.

A cerimonia realizar-se-á brevemente na capital do norte.

DE VIAGEM

Regressou de Vímioso ao Pôrto o sr. José Celestino da Silva.
—Para Ancede, partiu do Porto, o sr. Agostinho da Silva.
—Partiu do Porto, para Seixo de Avelãs, o sr. Luiz Morais.
—Ao Porto regressou de Peso da

Regoa, a sr. D. Maria da Rocha Leão.
—Do Porto, partiu para Felgar o sr. Ernesto Felipe.
—A Boelhe, regressou de Alentem, o sr. Felix dos Santos Rocha. ...

DOENTES

Tem passado bastante doente mademoiselle Leonarda Angela Henriques de Melo Nogueira, filha da sr. D. Amália Henriques de Melo Nogueira e do sr. José Maria Nogueira, funcionário da Direcção das Cadelas Civis de Lisboa.

No Hospital de Jesus foram operados, com excelente resultado, o sr. dr. Antonio José Marques e a menina Maria Luiza de Sousa Lara, sendo o estado dos enfermos felizmente, muito satisfatorio.

Retiraram da mesma casa de saude em franca convalescença a sr. D. Berta de Figueiredo Cameller e o sr. Raimundo G. del Valle.

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.s:
Condessa da Ponte, condessa de Sousa e Faro, D. Maria Constança Pinto de Queiroz Teles de Vasconcelos, D. Maria da Conceição Meireles, D. Maria da Conceição da Cunha Mascarenhas, D. Clara de Lima Sousa Rego e D. Maria Beatriz de Mendonça Gorjão.

E os srs.:
Duque de Cadaval, D. José Corrêa de Sampaio de Melo e Castro (Castelo Novo), dr. José Gabriel Viana Pinto Coelho, Vasco Gabriel de Siqueira (S. Martinho) e Francisco Ressano Garcia.

Gente e factos do cinema

A atitude definitiva de Marlène Dietrich para com a Paramount, que como se sabe, a processou por aquela se ter oposto a que um outro encenador, que não Joseph von Sternberg, a dirigisse, continua a ser ainda, para toda a gente, um autentico misterio.

Assim, o boato que correu de que logo que Marlène Dietrich concluisse «Song of Songs», o seu ultimo filme do contrato que até agora a tem ligada á Paramount, deixaria a America para se instalar definitivamente na Europa, onde Sternberg passará a empregar a sua actividade cinematografica, parece não ter já, agora, visos de verdade, porquanto as negociações entre Marlène e a Paramount para que aquela continui sob a égide da empresa de Zukor parece estarem em bom caminho.

E até se diz que no proximo filme de Marlène, o primeiro dum novo contrato, aparecerá, tambem Maurice Chevalier.

A Warner Bros, que acaba de obter um exito extraordinario com o seu filme «42 Street», focando o meio teatral americano, e no qual tomam parte alguns dos melhores artistas daquela empresa, pois como Warner Baxter, Bébé Daniels, George Brent, Ruby Keeler, Una Merkel, Guy Kibbee e H. B. Walthar, alem dum grupo coral de duzentas «girls», vai agora iniciar a realizacão dum outro filme do genero, intitulado «Golddiggers of 1933» do qual serão principais interpretes Warrew William, hoje com grande categoria no cinema americano Dick Powell, um novo artista e Aline Mac Mahon uma actriz que está fazendo sensaçao.

Sally Eilers e James Dunn, os dois «juvenils stars» que depois de «Bad Girl» entre nós exibida a epoca passada com o nome de «Uma Joia de Rapariga», passaram a ser extraordinariamente populares, ameaçando, até certo ponto, o famoso «team» Charles Farrell-Janet Gaynor, voltam, pela quarta vez, a aparecer juntos num mesmo filme. Intitula-se «Department Store», sendo produzido pela Fox, empresa a que têm sempre pertencido.

CARTAZ

- S. LUIZ - A's 15,30 e 21 - «I. F. 1 não responde».
- TIVOLI - A's 21 - «Os meus meninos».
- GINASIO - A's 21,30 - «Os 6 misteriosos».
- CENTRAL - A's 21,30 - «Não quero saber quem és...».
- CONDES - A's 21,15 - «Milady».
- OLIMPIA - Das 14,30 ás 24 - «Melodia Cubana», «Romance» e «Espada Errante».
- CHIADO TERRASSE - A's 21 - «A Cortezã».
- ROYAL - A's 21,30 - «Os Cinco do Jazz».
- CAPITOLIO - A's 21 - Cinema e variedades.
- ODEON - A's 21 - «O Pecado de Madelon Claudet».
- LYS - A's 21,30 - «A mesina do Harmonio».
- «Ouro e Polvoras».
- PALACIO - A's 21,30 - «O pecado de Madelon Claudet».
- JARDIM-CINEMA - A's 21 - «Pecadora uma vez».
- PARIS-CINEMA - A's 21,15 - «A Leste da Ilha de Bornéu».
- CAMPOLIDE-CINEMA - A's 21 - «Amigo Kiki».
- EUROPA-CINEMA - A's 21 - «Mata-Hari».
- PALATINO - A's 21,30 - «Laurel e Hardy em Marrocos».
- VOZ DO OPERARIO - (cine) - Aos domingos «matinée» e «soirée» o ás quintas e sabados «soirée».
- PROMOTORA - A's 21,30 - «Alvorada do do Amor».
- SALAO IDEAL - Rua do Loretto.
- EBEN CINEMA - A's 20 e 22 - «Um homem de Negocios», A's segundas, quintas, sabado e domingos ás 21,30.
- CAMPOLIDE-CINEMA - A's 20,30 e 22,30 - «Frankenstein», A's segundas, quintas, sabados e domingos.

A festa de Samwell Deniz no Avenida

Sem um adjectivo que o não mereça, porque os adjectivos, á semelhança do que succedeu ha dias ao dolar, não têm cotação na Bolsa das letras — apenas e singelamente: Samwell Deniz fez ante-ontem a sua festa no Avenida.

A comovida solidariedade dos seus camaradas, entre os quais avulta Maria Matos, sua madrinha ha 15 anos' ao estrear no Ginasio, e a carinhosa simpatia com que o publico o saudou são expressiva e tão repetidamente, valem bem todos os adjectivos em pontifical.

Foi uma linda e inesquecivel noite, que o impressionou até ás lagrimas e enterneceu a legião numerosa dos seus amigos e admiradores.

E bem a mereceu Samwell pelo seu incontestado talento e pela sua rara dignidade profissional.

Está feita a critica do *Arsène Lupin*, que Francis de Croisset extrahiu do celebre romance de aventuras rocambulescas de Maurice Leblanc, que subiu ha uma vintena de anos no Ginasio com Henrique de Albuquerque no protagonista e que mais tarde Brulé trouxe por duas vezes ao S. Luiz.

Pois, ontem a peça obteve um expressivo agrado e despertou um entusiastico interesse. Para tal deve entrar em linha de conta a primorosa encenação de Joaquim Almada, que em outras peças de maior monta tinha já conquistado um lugar de incontestavel destaque, mas que lhe imprimiu o movimento e o misterio que a peça requere.

A Samwell coube o protagonista, papel que desempenhou com aquelas excelentes qualidades histrionicas, que fazem dele, na expressão de Cristovão Aires, um actor singular, pelos exceptionais requisitos de elegancia fisica e espirital.

Singular e unico. A sua interpretação foi realmente magnifica, tanto mais difficil quanto a peça foi escrita para a arte decorativa de André Brulé.

Samwell deu-lhe admiravelmente elegancia, ironia, serenidade e uma grande nota de sincera emotividade, compondo a figura em extensão e profundidade, excedendo Brulé na nota de impressiva humanidade com que encarnou o seu personagem. Vai nisto o seu melhor elogio.

Adelina Campos teve ante-ontem uma noite que não esquecerá porque teve ensejo de par á prova (infelizmente poucas vezes tem tido occasião de fazê-lo) excelentes qualidades dramaticas, de par com impressivas notas de ternura coadas através da sua linda e limpida, quente e vibrante voz de ingenua. O publico sublinhou com vibrantes e justos aplausos a cena do segundo acto.

Joaquim Almada fez do seu Guichard uma figura vivida, masculina, humana. Representou como um actor na plena posse de soberbas qualidades. Anoto, por exemplo, como modelar o dialogo com Lupin, no terceiro acto, todo ele conduzido num esplendido equilibrio.

Maria Matos quis colaborar na festa do seu *afilhado* e encarnou uma figura episodica, como grande actriz que é. Expressivo exemplo de camaradagem, corroborado por aquele tão enternecido e carinhoso artigo que sobre Samwell escreveu no *Diário de Lisboa*.

Todos os outros interpretes, Brunilde numa silhueta de mulher voluntariosa, expressivamente recordada, Antonio Palma, João Lopes — se houveram com significativa correcção.

No intervalo do 3.º para o 4.º acto, em cena aberta, com assistencia de toda a companhia, e de escritores e jornalistas, o nosso distinto camarada Cristovão Aires disse de Samwell e do actual momento teatral palavras de justa e severa critica, traçando com expressiva sobriedade o perfil moral e artistico do festejado, terminando por convidar Maria Matos a colocar-lhe sobre o peito as insignias de Sant'Iago com que fôra condecorado pelo sr. ministro da Instrução.

O publico prorrompeu numa grande e carinhosa manifestação, subindo repetidas vezes o pano, por entre aclamações de vibrante simpatia. Samwell profundamente comovido agradeceu, por fim, em simplés, enternecidas palavras.

O pano subiu ainda, uma e mais vezes.

Assim terminou a noite de *Samwell* — noite magnifica de consagração a um actor que por si se fez, pelo seu talento e pela sua dignidade.

E, lá longe, na nevoa da imortalidade, Lucinda, a grande Lucinda, a sua grande mestra deve de ter tido um fino, senhoril sorriso de triunfo.

J. DE F.

Companhia Brasileira

Deve chegar a Lisboa na proxima terça-feira a Companhia Brasileira de Revistas Jardel Jercolis, que nós fomos os primeiros a anunciar.

Brilhante agrupamento artistico, sem pretensões a companhia de *series*, conta no seu elenco alguns artistas de valor e um nucleo de mulheres bonitas, que se exhibirão em varios numeros do encantador «folklore» brasileiro.

O seu repertorio compõe-se de varias revistas-fantasia e outras carnavalescas, em que o *samba* terá como melhor interprete a vedeta Araújo Cortes, a mais castiça das actrizes cariocas.

A chegada ao Tejo do vapor «Cuyabá» em que a companhia viaja, os artistas e escritores teatraes portugueses prepararam-lhe festiva e fraternal recepção.

Ontem visitou-nos, apresentando os cumprimentos em nome da companhia que representa e do seu director Jardel Jercolis, o sr. Jacques Nicolai, secretario do mesmo agrupamento teatral.

S. Carlos

Prossegue a sua carreira triunfal, no teatro de S. Carlos, a comedia «Os hospedes da D. Epifania», original do distinto escritor Vasco de Mendonça Alves. Os artistas Ilda Stichini, Ester Leão, Amelia Pereira, Irene Isidro, Alexandre de Azevedo, Assis Pacheco, Alves da Costa e Amaro Lopes, têm, nesta comedia, algumas das suas melhores criações.

CARTAZ

- S. CARLOS - A's 21,30 - A comedia «Os hospedes da D. Epifania».
- NACIONAL - A's 21,30 - A comedia «O Homem das Calças Pardas» e a zarzuela «El Baile de Luiz Alonso».
- TRINDADE - A's 20,30 e 22,30 - A revista «Las Mimosas», pela Companhia Españhola «Esclava de Madrid».
- POLITEAMA - A's 20,45 e 22,45 - A opereta «A Viela dos Gatos».

JARDIM ZOOLOGICO - Exposição de animais.

S. CARLOS

Hoje - ás 21 e 30

A comedia de gargalhada permanente

Os Hospedes da D. Epifania

CONDES

MILADY

Continuação de OS TRÉS MOSQUETEIROS

TIVOLI

A genial actriz

MARI DRESSLER

na super-produção

OS MEUS MENINOS

Um filme onde

o riso e as lagrimas se confundem!

STANDARD

ESTA' EM TODO O MUNDO DEMONSTRADO SER O MELHOR CARRO DA SUA CATEGORIA

- Economize Gazolina
- Economize Pneus
- Economize Tempo
- Economize gastos de Reparação

COMPRANDO UM CARRO

STANDARD LITTLE NINE

HA NUMEROSOS EM CIRCULAÇÃO PROVANDO EXCELENTEMENTE

AGENTES EM PORTUGAL

C. SANTOS, L. DA

RUA DO CRUCIFIXO, 57 LISBOA

CADERNOS CORPORATIVOS

Encontra-se já á venda o n.º 4

Redacção e Administração R. da Horta Sáca, 7-1.º LISBOA

MANILHAS DE GRÉS das fábricas da Comp.ª das Fábricas Ceramica Lusitania

Séde-Rua do Arco do Cego, 88 Lisboa. Fábricas em Lisboa, Arraiolos, Albarraque e Coimbra Deposito no Porto-R. do Almada, 249 a 253

DR. ARMANDO NARCISO

Clinica Medica P. dos Restauradores, 48-1.º Telf. 2.1738



o film eda UFA ansiosamente esperado em todo o mundo

I. F. 1

NÃO RESPONDE

com Charles Boyer, Danièle Parola, Jean Murat e Pierre Brasseur

Nas sede da União Nacional

(Continuação da página central)

jam de salvar do melhor modo possível os maiores valores da economia nacional, arrastados pelo encadeamento dos desequilíbrios que as crises provocam, as funções do Estado devem ser muito mais limitadas e essencialmente diferentes.

Não há nesta socialização crescente nem interesse económico — maior produção de riqueza em melhores condições de custo, nem interesse social — mais justa distribuição de rendimentos, melhor atmosfera para valorização dos indivíduos, nem interesse político — maior independência do Estado, mais asseguradas liberdades publicas, mais eficaz defesa dos interesses colectivos.

O Estado deve manter-se superior ao mundo da produção, igualmente longe da absorção monopolista e da intervenção pela concorrência. Quando pelos seus órgãos a sua acção tem decisiva influência económica, o Estado ameaça corromper-se. Há perigo para a independência do poder, para a justiça, para a liberdade e igualdade dos cidadãos, para o interesse geral em que da vontade do Estado dependa a organização da produção e a repartição das riquezas, como o há em que ele se tenha constituído presa da plutocracia dum País. O Estado não deve ser o senhor da riqueza nacional nem colocar-se em condições de ser corrompido por ela. Para ser árbitro superior entre todos os interesses, é preciso não estar manietado por alguns.

Normalmente o Estado deve tomar sobre si a protecção e a direcção superior da economia nacional, pela defesa externa, pela paz publica, pela administração da justiça, pela criação das condições económicas e sociais da produção, pela assistência técnica e o desenvolvimento da instrução, pela manutenção de todos os serviços que são auxiliares da actividade económica, pela correção dos defeitos que por vezes resultam do livre jogo das actividades privadas, como é o da desigual distribuição da população e duma inconveniente estrutura da propriedade rural, pela especial protecção das classes menos favorecidas, pela assistência, quando não pode conseguir-se, mediante a acção das instituições privadas, a conveniente satisfação das necessidades humanas. Infelizmente do livre jogo das actividades particulares nem sempre resulta a justiça nem a administrada é sempre satisfatória perante a inferioridade económica de muitos indivíduos. Eis porque essa mesma aspiração do justo nas relações sociais nos deve levar a proteger os fracos dos possíveis abusos dos fortes e os pobres do excesso da sua pobreza. Na função educativa que deve ser dada a este moderado intervencionismo, o progresso porém não está em o Estado alargar as suas funções, despojando os particulares, mas em o Estado poder abandonar qualquer campo de actividade por nele ser sufficiente a iniciativa privada.

Meus senhores: Tenho chegado ao fim destas leves considerações que valem pouco para vos esclarecer a vós mas alguma coisa para me guiar a mim. Falando da pequena acuidade da crise em Portugal, muitos têm observado que o facto se deve ao nosso atraso e á feição peculiar da nossa economia. Eu o fiz notar antes de ninguém, disposto a corrigir no momento oportuno — que nem todo o avanço é progressivo e que atrás pode ser apenas não se ter distanciado tanto dos princípios duma economia racional. Agora, como em todos os momentos críticos, é preciso escolher, saber escolher e saber sacrificar — o acidental ao essen-

cial, a matéria ao espirito, a grandeza ao equilibrio, a riqueza á equidade, o desperdício á economia, a luta á cooperação. Nós queremos para nós a missão de fazer com que um elevado critério de justiça e de equilibrio humano presida á vida económica nacional. Nós queremos — que o trabalho seja dignificado e a propriedade harmonizada com a sociedade. Nós queremos caminhar para uma economia nova, trabalhando em unisono com a natureza humana, sob a autoridade dum Estado forte que defenda os interesses superiores da Nação, a sua riqueza e o seu trabalho, tanto dos excessos capitalistas como do bolchevismo destruidor. Nós queremos ir na satisfação das reivindicações operárias, dentro da ordem, da justiça e do equilibrio nacional, até onde não foram capazes de ir outros que prometeram chegar até o fim. Nós queremos defender as massas proletárias dos seus falsos apóstolos e demonstrar com a nossa atitude que não há uma questão económica a dividir-nos, mas no fundo, como o deixámos demonstrar há pouco para que se abram os olhos que teimam em estar fechados, um conceito diferente de vida, outra ideia de civilização. Resta saber se o que há de transcendente e de eternamente verdadeiro e belo no nosso património lusitano, latino e cristão, nós o deixaremos perder, sem consciência da sua superioridade, perante a ameaça da nova época bárbara.

Meus senhores: Nada do que fica dito vos disse para terdes medo, mas para terdes razão, e com ela a força bastante para todas as batalhas e para todas as vitórias.

No final do seu magistral discurso o sr. dr. Oliveira Salazar foi calorosamente aplaudido. Durante alguns minutos a assistência vitoriosa o eminente homem publico ouvindo-se muitos «vivas» á Pátria, á Ditadura, á União Nacional, ao Chefe do Estado, ao sr. dr. Oliveira Salazar, etc.

A saída do sr. presidente do Ministério do edificio da União Nacional repetiram-se novamente as manifestações.

Foi grande o interesse da população de Lisboa, aliás já manifestado durante alguns dias, pelo discurso do sr. presidente do Ministério. De facto, como sempre, o sr. dr. Oliveira Salazar, conforme se verificou ontem mais uma vez e como consta da notável peça oratória que publicamos, falou com aquela disciplina intelectual que é sua norma em tudo quanto escreve ou fala.

As palavras do ilustre presidente do Ministério foram ouvidas em vários pontos de Lisboa e por Portugal inteiro. No Rossio, no Terreiro do Paço, nas Picóas e em frente do nosso jornal. Alto-falantes reproduziram o discurso que fartos ensinamentos encerra e que tantas verdades traduz, reveladoras de um conhecimento profundo do momento social do Mundo inteiro e da sua atenção especial pela marcha progressiva do bem estar crescente da Nação Portuguesa.

Também em frente do nosso jornal, conforme gravura que publicamos, o publico ouviu atentamente as palavras serenas, mas firmes, do sr. dr. Oliveira Salazar. E ali, como nos outros lugares, os aplausos coroaram o final do notável e oportuno discurso.

A RÁDIO-DIFUSÃO DO DISCURSO DO SR. PRESIDENTE DO MINISTERIO

Além dos postos militares, três estações emissoras nacionais retransmitiram, em onda média,

o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar.

Foram essas estações: C. T. 1 A A (Abílio Nunes dos Santos), de Lisboa; C. T. 1 G L (Rádio Club Português), da Parede; e a Rádio-Sonora, do Porto.

O Rádio Club Português, interessante organização sanfilista, que conta mais de 1.200 auditores associados, retransmitiu o discurso num comprimento de onda de 433 metros, com grande intensidade e admirável nitidez.

Eram 21,55 horas quando a estação iniciou a sua rádio-difusão — escutando-se mesmo as ovações e aplausos com que o sr. presidente do Ministério foi recebido na sede da União Nacional.

Quando o discurso terminou e largos instantes depois deixaram de se ouvir as aclamações da assistência — fielmente reproduzidas pelos microfones da C. T. 1 G L, começaram chegando informações de Santarém, Setubal, Estoril, Leiria e de outros pontos do País, em que os auditores davam conta da óptima recepção nos seus aparelhos.

O sr. capitão Botelho Moniz, director do Rádio Club, foi registando essas comunicações que duraram até depois das 0 horas.

Os aparelhos rádio-difusores e os alto-falantes que serviram para transmitir o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar ao Publico, no nosso jornal, e que tão agradável impressão causaram, foram cedidos pelo «Emerson Rádio».

BRAGA, 16 (pelo telefone) — O elevado e lucido discurso do sr. presidente do Ministério foi ouvido nitidamente nesta cidade. Foi instalado um alto-falante no Governo Civil.

A multidão, entre a qual predominava o elemento operario, aplaudiu vivamente as palavras de S. Ex.^a — C.

DO PORTO

UMA ENORME MULTIDÃO ESCUTOU A CONFERENCIA

PORTO, 16. (Pelo telefone). — O discurso do sr. dr. Oliveira Salazar, hoje ouvido nesta cidade, provocou o maior entusiasmo, aglomerando-se o povo nas ruas e praças onde tinham sido colocados alto-falantes.

Em frente da nossa delegação funcionou também um aparelho de rádio, da marca «R. C. A.», com amplificador montado graciosamente pela estação Rádio-Porto, da firma A. Sousa & Rodrigues.

Era enorme a aglomeração de povo. Na Avenida dos Aliados o «Jornal de Notícias» e o «Comércio do Porto» tinham também montados na estação de S. Bento, na Praça da Batalha, no edificio dos Correios e da Bolsa alto-falantes.

A nossa transmissão por aparelho «R. C. A.» foi de todas a mais nitida.

O interesse que nesta cidade despertou o discurso do sr. dr. Oliveira Salazar foi de tal ordem que as casas de rádio tiveram de vender todos os aparelhos.

EM COIMBRA

5.000 PESSOAS VITORIARAM A DITADURA

COIMBRA, 16. (Pelo telefone). — Na agencia do Banco de Portugal foi colocado um alto-falante a fim de ser ouvida a conferencia do ilustre presidente do Ministério, sr. dr. Oliveira Salazar.

No vasto largo aglomeraram-se cerca de 5.000 pessoas de todas as classes sociais que, no final da brilhante palestra, ergueram entusiasticos «vivas» ao

sr. presidente do Ministério, á Republica e á Ditadura.

EM EVORA

FORAM MUITO APRECIADAS AS PALAVRAS DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR

EVORA, 16. (Pelo telefone). — A enorme expectativa que havia nesta cidade pela conferencia do sr. dr. Oliveira Salazar, levou alguns milhares de pessoas a reunir-se junto dos alto-falantes que a retransmitiram. A impressão recebida foi muito agradável, produzindo-se manifestações de apoio á Ditadura. — C.

EM SETUBAL

TAMBEM SE REUNIRAM CENTENAS DE PESSOAS PARA ESCUTAR A CONFERENCIA DO GRANDE ESTADISTA

SETUBAL, 16. (Pelo telefone). — Nesta cidade centenas de pessoas escutaram a sábia conferencia do sr. dr. Oliveira Salazar, que foi rádio-difundida.

As serenas palavras do Chefe do Governo, e os seus profundissimos conceitos calaram no animo de todos.

Ergueram-se «vivas» á Ditadura, á Pátria e á Republica. — C.

AOS NOSSOS LEITORES

Mais uma vez Maria Candida, uma infeliz com o marido ha muito desempregado, não tendo que vender ou empenhar, recorre á caridade dos nossos leitores, pedindo uma esmola que mitigue a angustiosa e aflitiva situação em que se encontra, agora mais dolorosamente agravada com a renda do quarto que, se não for paga trará aos infelizes a tragédia de ficarem sem abrigo.

Os nossos leitores sempre prontos a minorar desgraças como esta que apresentamos, não deixarão de se lembrar desta infeliz familia.

Qualquer donativo para a nossa protecção poderá ser enviado á Administração deste jornal.

«Diário da Manhã»

Condições de Assinatura PORTUGAL E ESPANHA

Ano	108\$00
Semestre.....	54\$00
Trimestre.....	27\$00

ESTRANGEIRO

Ano	198\$00
Semestre.....	99\$00

Caminhões de Ferro do Norte de Portugal

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada — Sede: Rua da Vitoria, 94-1.º — LISBOA

Assembleia Geral Ordinaria

E' convocada a Assembleia Geral Ordinaria da Companhia dos Caminhos de Ferro do NORTE de Portugal para reunir no dia 31 do corrente, pelas 16 horas (quatro da tarde), na sua sede, com a seguinte ordem do dia:

a) — Discussão, aprovação ou modificação do Balanço do exercicio que terminou em 31 de Dezembro de 1932 e do respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

b) — Eleição para alguns cargos vagos nos Corpos Gerentes.

Lisboa, 11 de Março de 1933.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) Abel de Andrade

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

(Continuação da 13.ª página)

E' depois dada a palavra ao sr. reverendo Patrinhos, que principiou por cumprimentar o presidente da mesa sr. dr. Moura Relvas e presidentes das comissões distrital e municipal e em seguida, diz, da politica não conhecer nada, por politico não ter sido, mas que se encontra ali a convite do sr. administrador do concelho, para como cidadão e patriota — que é, dizer o que sabe e o que sente acerca da grande obra de ressurgimento Nacional, porque, enquanto outras nações nesta hora soeissima que passa para todo o Mundo, estão lutando com as suas dificuldades internas, caminhando para um grande abismo e descendo, nós subimos, visto que a nossa situação financeira e economica já hoje nos oferece um futuro glorioso onde na verdade se podem desenvolver as energias produtoras.

Fala com grande brilho, sobre o problema da ordem publica e politica, e o mesmo fazendo da nova Constituição que analisa duma forma geral.

Foca demoradamente a personalidade do sr. dr. Oliveira Salazar, quer como cidadão, quer como estadista e financeiro e por ultimo, depois de varias considerações sobre as vantagens de todo o português votar o novo Estatuto da Republica, termina o seu belo discurso que foi vivamente aplaudido.

Em seguida é dada a palavra ao conferencista sr. Albano Ramalho, inspector escolar da região, cuja conferencia sob o tema «A instrução na Ditadura», produziu na assistência e no professorado que se encontrava largamente representado um extraordinario interesse pelo formidavel trabalho estatístico, etc.

Por falta de espaço, não publicamos hoje o notavel estudo, o que faremos oportunamente.

Terminou esta importante jornada de propaganda, com um magistral discurso politico, de S. Ex.^a o sr. dr. Moura Relvas, ilustre chefe do distrito, que foi constantemente interrompido por freneticos aplausos da numerosa assistência sendo ao mesmo tempo levantados vivas ao sr. dr. Oliveira Salazar, á Patria e Ditadura.

Após tão importante sessão, todas as individualidades que constituem as comissões de freguesias foram apresentadas ao sr. governador civil e presidente da comissão distrital e empossadas nos respectivos cargos para que foram nomeadas.

E' justo salientar que todas as comissões de freguesias foram organizadas pelo administrador do concelho sr. dr. José Jardim, que foi incansavel na sua organização como incansavel tem sido na propaganda pelas diversas freguesias a favor da nova Constituição que vai ser votada no proximo domingo.

Na comissão municipal, tambem todos os seus membros se esforçam no sentido da maior-propaganda, com a cooperação de muitas outras individualidades que apoiam o Estado Novo. — C.

NO DISTRITO DE LEIRIA

Devido á falta de espaço somos obrigados a retirar, depois de composto, o relato da propaganda do acto eleitoral realizado neste distrito bem como o discurso do sr. governador civil, que publicaremos amanhã.

O «DIÁRIO DA MANHÃ» — vende-se em Tomar — na Rua Anverad, 115 —

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
TELEF. 2 6519

Dr. Armando Narciso — Medicina, cecração e pulmões — A's 5 horas.
 Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia geral, operações — A's 5 horas.
 Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinarias — A's 10 horas.
 Dr. Correia de Figueiredo — Pele e sífilis — A's 6 horas.
 Dr. R. Loff — Doenças nervosas, electroterapia — A's 3 horas.
 Dr. Mario de Maitos — Doença dos olhos — A's 2 horas.
 Dr. Mendes Bello — Estomago, figado e intestinos — A's 4 horas.
 Dr. Filipe Manso — Doenças das creanças — A's 14 horas.
 Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — A's 2 horas.
 Dr. Francisco Calheiros — Garganta, nariz e ouvidos — A's 3 1/2 horas.
 Dr. A. de Carvalho Dias — Doenças da nutrição empaludismo — A's 4 horas.
 Dr. Armando Lima — Bóca e dentes. protese — A's 12 horas.
 Dr. Ateu Saldanha — Raio X — A's 4 horas.

ANALISES CLINICAS

ULTIMAS NOTICIAS

PROPAGANDA DO ESTADO NOVO

As sessões de propaganda realizadas ontem em Lisboa

Promovida pela Junta de Freguesia do Monte Pedral, realizou-se pelas 21.30 uma sessão de propaganda do Estado Novo, na Junta de Freguesia do Monte Pedral.

Presidiu o sr. presidente da União Nacional da freguesia de Monte Pedral, secretariado pelos srs. D. Pedro da Camara e presidente da Junta de Freguesia.

Abriu a sessão o sr. major Pedroso, presidente da Junta Geral do Distrito, que relembrou a obra realizada pelos Governos da Ditadura, fazendo comparações entre a situação criada pelo 28 de Maio e a actual.

Traçou eloquentemente a obra do sr. dr. Oliveira Salazar, e aconselhou que todos os paroquianos votem no plebiscito no domingo.

Seguiu-se o sr. dr. Edgar de Lima, que justificou a atitude do Governo da Ditadura no plebiscito.

Examinou as condições de vida legadas á Ditadura, e rapidamente, a atitude da mesma, na governação pública.

Por ultimo o sr. dr. Edgar de Lima incitou a assistencia a unir-se como um só homem—votando na Constituição.

A seguir usou da palavra o sr. dr. Rodrigues de Matos, que saudou a comissão da União Nacional na pessoa do seu presidente e a Liga 28 de Maio nas pessoas dos srs. major Pedroso e Pedro da Camara.

Pôs em relevo a obra realizada pelos Governos da Ditadura, destacando a figura proeminente do sr. dr. Oliveira Salazar, que sem sombra de contradição, é considerado um dos maiores financeiros dos nossos dias.

Apreciei depois o sr. dr. Rodrigues

de Matos a Constituição de 1911 e o novo projecto do Estatuto Constitucional, que vai ser sujeito a plebiscito, e focou largamente o elemento familiar e corporativo que caracteriza este ultimo.

Aconselhou por fim que todos votassem, cumprindo assim o dever de todos os portugueses, que desejam ver Portugal á altura das suas antigas e gloriosas tradições.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Antes de ser encerrada a sessão o sr. presidente da mesa, agradeceu á numerosa assistencia a sua comparsencia, elogiou os oradores que lhe antecederam, e por fim incitou que ninguém deixasse de votar, encerrando em seguida a sessão, entre «vivas» á Ditadura, ao sr. general Carmona e ao sr. dr. Oliveira Salazar.

Organizada pela Junta da Freguesia da Sé também se realizou ontem na Escola Primaria Oficial n.º 1, na Calçada de São João da Praça, uma sessão de propaganda do Estado Novo.

Presidiu o sr. governador civil de Lisboa que num curto mas eloquente discurso aconselhou os habitantes da freguesia da Sé a acorrerem em massa ás urnas e votarem a nova Constituição.

Lamentou que uma outra sessão a que tinha que assistir o obrigasse a retirar-se e preveniu os assistentes contra a campanha levantada pelos inimigos da Ditadura contra a nova Constituição.

Em seguida deu a palavra ao sr. dr. Caetano de Oliveira e convidou para o substituir o sr. Raul Rios, presi-

dente da comissão paroquial da União Nacional.

O sr. dr. Caetano de Oliveira principiou por agradecer as palavras que lhe foram dirigidas pelo sr. governador civil, lamentou ter que reduzir as suas e explicou que o fazia porque todos dederiam ter grande empenho em ouvir o discurso do sr. presidente do Ministerio.

Referiu-se á situação vergonhosa em que Portugal vivia perante o estrangeiro antes do 28 de Maio e disse que vivemos mais de cem anos com ideias extranhas alheando-nos de tudo que era nosso.

Falou ainda das lutas que travámos para a conquista de Lisboa afirmando que ao contrario do que se disse elas foram efectuadas por portugueses.

Elogiou a obra financeira do sr. dr. Oliveira Salazar em quem devemos ter uma absoluta confiança e afirmou que o sr. Presidente do Ministerio nada mais recebe do que o seu vencimento.

A terminar disse ainda que Portugal dá exemplos a todo o Mundo e pediu a todos os presentes que votem a nova Constituição, tal como no-la apresenta o grande chefe.

Falou ainda o sr. Antonio Pedro que corroborou as palavras do orador que o antecedeu, traçou o elogio do sr. General Carmona, venerando Presidente da Republica Portuguesa e deu explicações da falta de comparsencia dos outros oradores inscritos.

O sr. dr. Manuel Cristiano de Sousa, reitor do Liceu de Camões, igualmente pronunciou ontem, no posto emissor C. T. 1 D. R., uma interessante conferencia que amanhã publicaremos.

NA PROVINCIA

Em Aveiro

AVEIRO, 16 (pelo telefone).—Na sala das sessões da Camara Municipal de Aveiro teve ontem lugar, pelas 21 horas, uma importante reunião de propaganda da Nova Constituição Política da Republica Portuguesa.

Presidiu S. Ex.^a o sr. governador civil, com a assistencia dos srs. presidente da Camara Municipal, presidentes das comissões Distrital e Concelhia da União Nacional, Juntas de Freguesia e numerosas pessoas desta cidade.

Sobre o plebiscito do dia 19, manifestaram-se varios oradores que fizeram eloquentes afirmações de fé no Estado Novo, sendo no final dos seus discursos muito cumprimentados.

Toda a assistencia ficou muito bem impressionada, vitoriano com vivo entusiasmo os representantes do Governo da Ditadura Nacional.—C.

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 16.—O sr. dr. Barros de Lima, ilustre governador civil deste distrito, visitou ontem Caminha, onde presidiu a uma sessão de propaganda da nova Constituição.

Usaram da palavra os srs. drs. Rocha Páris, Socrates da Costa, Dantas Carneiro e o presidente da Camara Municipal.

Todos os oradores foram muito aplaudidos, tendo sido levantados muitos vivas ao sr. dr. Oliveira Salazar, á Republica e á Ditadura Nacional.

O sr. dr. Barros Lima esteve depois em Vila Nova de Cerveira onde se realizou também uma sessão de propaganda da nova Constituição, tendo

discursado o chefe do distrito e os srs. dr. José de Matos e rev. Gil presidente da Camara, que foram muito ovacionados.

Nesta cidade realiza amanhã uma conferencia de propaganda o sr. engenheiro Silva Dias.—C.

Em Matozinhos

PORTO, 16.

No proximo sabado, realizar-se-ha em Matozinhos uma conferencia de propaganda do Estado Novo, devendo usar da palavra os srs. drs. Angelo Cesar e Alfredo de Magalhães.

Esta sessão será presidida pelo sr. dr. Domingos Moreira, ilustre chefe do distrito.

No Porto

PORTO, 16.—No Governo Civil realizou-se hoje sob a presidencia do sr. dr. Domingos Moreira, uma reunião de representantes de todas as Juntas de Freguesia desta cidade, a fim de tratarem de assuntos relativos á propaganda do Estado Novo.

Em Sernancelhe

SERNANCELHE, 16.—Presidiu a pelo sr. dr. Francisco Pereira, ilustre governador civil, realizou-se ontem, nos Paços do Concelho uma sessão de propaganda do Estado Novo, tendo usado da palavra os srs. major Monteiro Leite e Amandio Silva.

A enorme assistencia que presenciou essa palestra ovacionou entusiasticamente os oradores, tendo levantado «vivas» ao sr. dr. Oliveira Salazar e á Ditadura Nacional.

No final, foi oferecido ao chefe do distrito um «Porto de Honra», sendo trocados amistosos brindes.—C.

EM SANTAREM

Cêrca de mil pessoas

assistiram, ontem, á brilhante conferencia do sr. ministro da Justiça

Conforme estava anunciado, o sr. dr. Manuel Rodrigues Junior, ilustre titular da pasta da justiça, realizou, ontem, em Santarem, a sua conferencia subordinada ao tema *Organização da Justiça na Ditadura*.

O Teatro Rosa Damasceno, onde a conferencia foi feita, achava-se repleto, com a lotação excedida, podendo calcular-se, sem sombra de exagero, em cêrca de mil pessoas, os que ouviram o ilustre estadista, que foi vibrantemente aplaudido, bem como o sr. dr. Oliveira Salazar e a Ditadura Nacional.

Alem da gente de Santarem, vieram muitas pessoas de Abrantes, terra da naturalidade do sr. ministro da Justiça.

A noite, depois dos cumprimentos officiais no Governo Civil, realizou-se, na vasta sala da Junta Geral do Distrito, um banquete de homenagem ao sr. dr. Manuel Rodrigues, oferecido pela Comissão Distrital da U. N., no qual tomaram parte cêrca de 180 convivas, tendo sido pronunciados vibrantes discursos de apoio á Ditadura, á obra do sr. dr. Oliveira Salazar e do sr. ministro da Justiça.

De tarde, antes da chegada do representante do Governo, foi dada posse ás 27 comissões de freguesia da U. N., do concelho.

A absoluta falta de espaço não nos permite publicar hoje a desenvolvida reportagem do nosso enviado especial o que faremos amanhã.

Dr. José Santa Barbara

Deu-nos o prazer da sua visita este nosso prezado amigo e distinto clinico em Evora.

JOALHARIA LORY

MODERNO SORTIDO DE JOIAS
Fabrico esmerado em platina
OFICINAS PROPRIAS

Encomendas e concertos com prontidão
ROSSIO, 40
Telefone 2 3243

O «Diário da Manhã» vende-se, na Guarda, no estabelecimento do sr. Manuel Vinhas

UNIFORMES PARA O EXERCITO

Vai ser finalmente publicado no *Diário do Governo* de amanhã o regulamento de uniformes para o Exército.

Por se tratar de um diploma extenso, publicamos apenas as alterações mais importantes que foram introduzidas no actual plano de uniformes.

O decreto que foi já assinado pelo sr. ministro da Guerra, restabelece, facultativamente, o uniforme azul para os officiaes e cria uma carcela unica para a infantaria, sem distinguir como categoria, as especialidades de metralhadoras, ciclistas, etc.

Os officiaes apeados usarão polainas em vez de grevas; acabam as gabardinas amarelas de kaki, que passam a ser de cor cinzenta azulada, para officiaes e sargentos; e os sargentos terão divisas de galão de ouro de 5 milímetros de largura, colocadas em forma angular.

Junta Autonoma do distrito de Ponta Delgada

Dentro de dias deve ser publicado pelo Ministerio das Obras Publicas e Comunicações um decreto confiando á Junta Autonoma do distrito de Ponta Delgada a obra de socorro aos sinistrados do abalo sismico de 5 de Agosto ultimo na ilha de S. Miguel, o qual consistirá na reparação e construção dos predios urbanos atingidos. Por esse diploma o Governo participará nas obras; pelo Fundo do Desemprego, com 50% da despesa e é autorizada a Junta Autonoma a contrair um emprestimo para fazer face ao restante encargo.

Arqueologos Portugueses

Na ultima reunião da sua Secção Numismatica, presidida pelo engenheiro sr. Raul Couvreur e secretariada pelo sr. dr. Eduardo Neves, respectivamente vice-presidente e secretario da Secção, foi aprovada uma proposta sugerindo a criação do Museu Numismatico Nacional a apresentar á proxima Assembleia Geral; resolveu a Secção visitar o Museu Numismatico da Casa da Moeda, em 21 do corrente, pelas 16 horas, e elaborar o catalogo ideografico da Bibliografia Numismatica, aspiração antiga da Secção.

Semana Portuguesa de Vigo

As festas continuam despertando vivo entusiasmo, tendo o Governo espanhol concedido todas as facilidades para a passagem na fronteira

VIGO, 16.—(Pelo telefone)—Continuam despertando o maior entusiasmo, nesta cidade, as festas comemorativas da «Semana Portuguesa», esperando-se uma affluencia enorme de forasteiros não só de Portugal como de todas as provincias da Galiza.

O sr. governador da provincia de Pontevedra comunicou á comissão e entidades promotoras que o Governo de Madrid concedeu já autorização para que as esquadrihas de hidroaviões da Aviação Naval portuguesa possam ancorar neste porto e voar por sobre a cidade. Igualmente comunicou o governador da provincia que o Governo deu ordem a todas as autoridades policiaes da fronteira para que sejam concedidas as maiores facilidades de entrada aos portugueses que desejem assistir aos festivais.

Espera agora a comissão que iguais facilidades sejam dadas por parte do Governo português.

Todos os produtos que se destinem ás exposições a realizar têm livre transito nas alfandegas.

Por intermedio do sr. consul de Portugal nesta cidade foi solicitado ao Governo desse País para que os funcionarios civis e militares possam passar a fronteira, mediante simples apresentação do cartão de identidade e sem qualquer outra autorização especial. Chegaram a Vigo dois funcionarios da Agencia Geral das Colonias portuguesas que vêm activar os preparativos para a exposição da secção colonial.

Ventura Abrantes, promotor da «festa do livro», retirou hoje depois de ter concluido os seus trabalhos de escolha de local.

Recebeu-se hoje, também, a adesão de 10 novos industriaes portugueses para o certame das industriaes.

«Miss Espanha», madrinha da *Semana Portuguesa*, ofereceu a sua fotografia autografada que figurará em um dos numeros do *Diário da Manhã*.—Especial.

Junta de Fomento Rural

Da Junta de Fomento Rural recebemos uma circular referente a Janeiro, na qual se encontra resumida a legislação promulgada, os trabalhos em curso nos diversos serviços agricolas nacionais, as informações técnicas e o movimento do pessoal.

Inclui, ainda, a circular, interessantes notas bibliográficas, especialmente sobre as publicações recentes nacionais e estrangeiras, de indole agricola. Segundo nos informam, esta circular destina-se a estabelecer um maior contacto entre os varios elementos técnicos officiaes e igualmente tornar conhecidos os serviços prestados pelas diversas repartições agricolas do Ministerio do Comércio, Industria e Agricultura.

Sindicancia aos actos do sr. dr. Veiga Simões

Do Ministerio dos Negocios Estrangeiros recebemos a seguinte informação:

«Foi nomeado sindicante aos actos do sr. dr. Alberto da Veiga Simões, como ministro de Portugal em Praga, o Juiz de Direito sr. dr. Jorge Pais Teles de Utra Machado, auditor do Tribunal do Contencioso Fiscal».

Horario do Trabalho

O Concelho Consultivo do Commissariado do Desemprego resolveu propor ao Governo a criação de um organismo destinado especialmente á fiscalização do horario do trabalho sob a superintendencia do Instituto de Seguros Sociais, com a colaboração do Commissariado que dispensaria pessoal subsidiado para a sua execução.

O sr. ministro das Obras Publicas concordando em principio com a proposta mandou elaborar as respectivas bases.

UMA CONFERENCIA

na Faculdade de Medicina

O sr. dr. Eduardo Coelho realizou, ontem, uma notável conferencia sobre «A crise do pensamento contemporaneo e os problemas fundamentais da Biologia e da Psicologia», na Faculdade de Medicina.

A absoluta falta de espaço com que lutamos força-nos a não dar o merecido desenvolvimento ao superior trabalho do ilustre professor.

Presidencia da Republica

CASCAIS, 16.—Em acção de graças pelas melhoras ultimamente registadas no estado de saude do sr. general Carmona, cantou-se ontem na igreja desta vila um «Te-Deum» assistindo grande numero de pessoas.—C.

Interesses de Leiria

O sr. governador civil de Leiria conferenciou ontem com o sr. ministro do Interior sobre assuntos de interesse para a cidade das Caldas da Rainha e solicitou na Junta Autonoma das Estradas a reconstrução das estradas entre Pontão e Vale do Carneiro e de ligação para a estação de caminho de ferro das Caldas da Rainha.

Dr. Antonio Dias

São deste nosso prezado amigo e distinto advogado e notario de Vale de Cambra os 10 pontos que inserimos na 1.^a pagina, aconselhando o uso do direito do voto no proximo domingo.

II Salão Automovel de Lisboa

A Camara Sindical dos Comerciantes de Automoveis e Industriaes Anexas de Lisboa, iniciou as «démarches» necessarias, para a realização do II Salão Automovel de Lisboa, a efectuar-se no proximo mês de Junho.

Espera a Camara Sindical, levar a bom termo as negociações que iniciou a fim de Lisboa assistir a uma exposição de automovel, onde se apresentarão os novos e interessantes modelos de 1933.

Aviso «Gonçalo Velho»

O comandante do aviso «Gonçalo Velho», telegrafou dizendo ter largado ontem, Hebburn, ás 9 horas evoluindo ao largo do Tyne, a fim de proceder á calibração radiogeniometro, seguindo para o Tamisa ás 13 e 10.

Termina por pedir que por intermedio da Imprensa sejam avisadas as familias para escreverem ao cuidado do Consulado de Portugal, em Londres.

O aviso que deve chegar ao Tamisa dentro de dois dias, vai como se sabe meter a bordo as respectivas munições de mirando-se ali provavelmente uns três dias, retirando depois directamente para Lisboa.